



A cordo com o
MAGNATA

BILIONÁRIOS TURCOS - LIVRO 2

D. A. LEMOYNE



D. A. LEMOYNE

Copyright © 2023

— Não somos amigos. Nunca seremos, então o que importam os nossos motivos? Eu desejo você e se não está arrependida da proposta que me fez, quero o que é meu por direito. April está tremendo. A maneira como reage a mim só aumenta a excitação do acordo imoral e proibido, fazendo com que a necessidade de tomá-la sobre a mesa agora mesmo se torne quase incontrolável.

Kahraman Yavuz Aydin
(Acordo com o Magnata)

Aconde com o
MAGNATA
BILIONÁRIOS TURCOS
LIVRO 2

D. A. LEMOYNE

dalemoynewriter@gmail.com

Copyright © 2023

Título Original: Acordo com o Magnata

Primeira Edição 2023

Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Nome do Autor: D. A. Lemoyne

Revisão: Dani Smith Books

Capa: D. A. Lemoyne

Imagens: Adobe Stock e DepositPhotos

ISBN: 978-65-00-62141-9

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.

Sumário

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Epílogo 1](#)

[Epílogo 2](#)

[Bônus - Qasim](#)

[Obras da Autora](#)

[Papo com a Autora](#)

[Sobre a Autora](#)



Aviso: pode conter gatilhos.

Aviso: Acordo com o Magnata, livro 2 da série Bilionários Turcos, é um livro único. Os seguintes desta série poderão ser lidos separadamente, mas é provável que contenham spoilers dos anteriores.

Kahraman Yavuz Aydin, herdeiro da família mais poderosa da Turquia, não é o tipo de homem que tem dúvidas sobre pegar para si o que quer, principalmente no que diz respeito a mulheres.

Entretanto, por questões morais, não se permite um envolvimento com aquela que desperta nele um desejo feroz: April Berger, a filha

de um empresário corrupto.

O destino intervém, colocando a americana em seu caminho, mas o turco se mantém firme em sua decisão, até que a garota lhe faz uma proposta irrecusável: será dele por trinta dias, sem amarras, se prometer ajudar a pagar as dívidas de seu pai e tentar tirá-lo da cadeia.

Em meio ao relacionamento intenso, os planos dele mudam, o desejo de mantê-la consigo sobrepujando a razão, até que o magnata descobre algo que transformará a atração física avassaladora em rancor.

E então, quando decide bani-la de sua vida para sempre, April surge com a notícia de que está grávida de seu filho.

Para aqueles que amam nossos magnatas turcos, ao mesmo tempo, apaixonados e arrogantes.

Carolina do Norte, fevereiro de 2023.

NOTA DA AUTORA:

Acordo com o Magnata, livro 2 da série Bilionários Turcos, contará a história de Kahraman, um bilionário turco da família Yavuz Aydin, que já foi citado nos outros livros da série, Tentadora Confusão e Nas Mãos do Magnata, e April Berger, que fará sua estreia em meu universo literário.

Os dois são o típico casal gato e rato. O bilionário, arrogante e controlador, não aceita se sentir atraído por uma garota que além de ser filha de um corrupto, ele considera fútil e mimada.

Ela, apesar de fica hipnotizada pelo olhar cinzento de Kahraman, o desafia e instiga o tempo todo.

Eu amei esse casal combativo e muito sensual. Espero que curtam também.

Um beijo carinhoso e boa leitura.

D.A. Lemoyne



April

Passado

Eu nunca tinha parado para prestar atenção ao barulho da chuva. Hoje eu descobri que quando cai muito forte, lembra o som de uma fogueira.

Eu acho que a palavra é *crepitar*. Sim, é. Meu irmão me ensinou na semana passada. Hayden é o menino mais inteligente

do mundo.

Crepitar.

A água está *crepitando*? Eu não tenho certeza e nem deveria estar prestando atenção nela, e sim na mulher deitada na cama.

Minha mãe.

Eu e Hayden, meu irmão caçula, fomos enviados para a casa de nossos tios nas férias quando a doença dela piorou, mas hoje, o papai nos trouxe de volta e disse que deveríamos nos despedir.

Eu não estou pronta para me despedir da mamãe. Eu acabei de chegar.

Enquanto ouço-a falar comigo, fico pensando em um jeito de lhe dizer que ela precisa esperar mais alguns dias antes de fazer sua viagem para o céu.

— April, prometa-me.

— O quê?

— Estava sonhando acordada?

Eu não respondo. Não sou muito de falar e também não gosto de pedir nada, mesmo que eu queira muito implorar para que ela não vá embora ainda.

— Eu estava dizendo que precisa cuidar do seu irmão quando eu não estiver mais aqui. Algumas vezes, seu pai não vai saber amá-lo como ele precisa, e então, caberá a você dizer a Hayden o quanto ele é especial.

— Você é especial também, mamãe.

— E você é minha filha amada. Mas nós duas somos fortes, April. Todas as mulheres da nossa família são, e é por isso que você será a defensora do meu filho caçula. Cuide dele para mim. Prometa-me.

Eu não entendo o que ela está dizendo. Sou apenas uma criança, como posso cuidar de alguém? Mas ela parece tão triste e preocupada, que eu balanço a cabeça concordando.

— Agora posso partir em paz.

Pouco tempo depois, nossa governanta entra no quarto e manda que eu desça.

Eu ainda olho para trás uma última vez porque quero perguntar a ela o que acontecerá se eu não conseguir cumprir a promessa. Eu preciso saber se ela vai ficar triste comigo lá do céu, mas seus olhos já estavam fechados e eles nunca mais tornaram a se abrir para mim novamente.



Capítulo 1

Presente

Dez segundos. Não mais do que isso. Foi o tempo que levou para que eu percebesse a presença dela.

Eu não consigo evitar, o que me irrita para caralho.

Não importa o quanto eu tente me impedir de olhar para a garota, todas as vezes em que nos encontramos em um mesmo ambiente, April Berger rouba minha atenção.

Como se houvesse uma espécie de transmissão mental entre nós, ela vira para trás no exato momento em que meus olhos a percorrem.

O rosto lindo, com olhos expressivos e de um castanho profundo, quase negro, demonstra descontentamento nesse instante.

Eu não duvido que a antipatia que nutro por ela seja recíproca, assim como a atração física.

A boca de lábios sensuais forma agora uma linha fina, de puro desgosto, como se a incomodasse ter sido pega em flagrante me

observando também.

Ela sabia que eu já chegara? Eu acho que sim, pois virou-se precisamente na minha direção.

— Está interessado *nela*? — meu irmão Qasim pergunta ao meu lado, cada sílaba carregada de ironia.

Eu não respondo imediatamente. Encaro a mulher com desejo e aversão na mesma medida, tentando fazer uma análise clínica de como é possível que alguém com quem não quero ter qualquer contato pode fazer meu sangue ferver de maneira quase violenta.

A vontade de enroscar a mão naquela massa de cabelos negros é quase incontrollável. Reclinar seu rosto para mim e tomar sua boca, sugando e mordendo os lábios que eu adivinho que, sem a maquiagem, são naturalmente rosados.

Sinto meu corpo ficar tenso diante da imagem mental que aparece para mim, um latejar no meu pau que me avisa que não importa o quanto eu saiba que somos errados um para o outro, eu nunca conseguirei limpá-la do meu sistema se não a possuir.

April olha em volta. Assim como seus parentes, provavelmente preocupada em manter as aparências. Quando percebe que há alguns convidados nos observando, já que se abriu uma espécie de

corredor entre nós, me dá um sorriso forçado, o que faz com que meu humor piore consideravelmente.

Eu não preciso de seus sorrisos falsos. Eu não quero amizade ou gentileza tampouco. Tudo o que desejo é uma noite com ela. Matar a fome que sinto, saciar todos os meus sentidos, absorvendo seu cheiro e gosto, e depois seguir em frente, como sempre fiz.

A última coisa que desejo no momento é entrar em um relacionamento sério e eu sei que April é esse tipo de mulher.

Há uma espécie de febre de casamentos na minha família. Meus dois irmãos, Emir e Cenk, se casaram há alguns anos e Qasim está preso em uma armadilha e que agora não tem mais como sair.

Assim, somente eu e Zehab continuamos firmes na vida de solteiro, para desespero da nossa mãe.

— Não — respondo enfim.

— Não? Então por que está olhando para April Berger como se ela fosse a provedora de todo oxigênio do planeta e você estivesse sem ar?

— Não seja imbecil. Desde quando virou poeta?

— Não é poesia. É o reconhecimento de que tem tesão nela, não importa o quanto isso te deixe puto.

Depois de me encarar por mais tempo do que seria socialmente aceitável, ela se vira, fazendo com que a seda de um tom entre o azul e o acinzentado do vestido flutue. O movimento me dá uma visão perfeita de seus quadris e bunda, além das costas nuas até a cintura.

Fez de propósito? Está me provocando? Talvez sim. Apesar de sempre se mostrar como uma dama da alta sociedade, há algo nos olhos dela que me diz que muito de sua natureza é mantida sob controle.

E é esse *algo mais*, essa maldita fagulha que consigo enxergar no fundo de seus olhos, que não permite que eu me esqueça da garota.

Eu já estive com mulheres que a maioria dos homens apenas desejou boa parte da vida.

Modelos, atrizes, *socialites*, mais jovens ou mais velhas, a minha experiência com o sexo feminino é vasta.

Em nenhum desses relacionamentos, no entanto, encontrei alguma que fizesse com que meu sangue parecesse fogo dentro das veias.

Não é só a beleza dela.

April é uma combinação de perfeição física com petulância.

É como se ao desfilarmos nos salões de eventos em que ocasionalmente nos encontramos, ela estivesse fazendo um favor à humanidade. Como se nem mesmo tomasse conhecimento do resto de nós boa parte do tempo, o que faz com que o espectador — ou talvez um obcecado como eu — fique imaginando quais são os pensamentos secretos que preenchem a mente da mulher deslumbrante.

Obrigo-me a afastar os olhos dela.

Não é apenas o fato de que há esse sentimento de antipatia natural entre nós o que me impede de resolver de uma vez por todas o desejo que sinto, mas também porque é filha de um empresário americano a quem desprezo profundamente.

Jim Garret Berger III.

Um maldito corruptor, que se os boatos que chegaram até mim estiverem certos, não caminhará por muito tempo como um homem livre pela Turquia.

April está sempre rodeada pelo pai e pelo irmão mais novo, Hayden, um elemento a quem sou completamente indiferente.

Ao contrário dela, que parece ter um temperamento forte, o rapaz não passa de um fantoche nas mãos do patriarca.

Ambos a cercam como se estivessem protegendo-a em uma gaiola de ouro, mas sabendo o que sei sobre Jim, eu não duvido que considere April uma moeda de troca para benefício próprio.

Correndo o risco de estar sendo ainda mais cínico do que normalmente, talvez ele espere casá-la com alguém que tenha dinheiro o suficiente para livrá-lo do mar de dívidas em que se encontra mergulhado.

— Ela é uma má aposta — meu irmão diz.

— Para mim não é aposta alguma.

— Você a quer.

— E o que tem isso de mais? Não é a primeira mulher que eu desejo.

— Mas será a primeira que não se permitirá ter.

Ouçõ uma risada e mesmo sem me virar eu sei que vem dela.

Já a escutei antes.

Um riso superficial, raso, e tenho certeza de que se eu a encarasse nesse momento, atestaria que April não moveu um músculo em seu rosto, porque a felicidade demonstrada não é real.

É outra coisa que me intriga... Não, que na verdade me deixa obcecado em relação a ela: o desejo de descascar suas camadas e

conferir o que há por baixo. Eu tenho a impressão de que o que demonstra para a sociedade é um personagem.

Desejá-la é como um veneno na minha corrente sanguínea. Um exercício de contenção ao qual não estou acostumado.

Chega um momento na nossa vida em que você sabe que pode ter qualquer mulher livre — e algumas talvez mesmo envolvidas com alguém — que quiser.

Não é arrogância, é uma questão de fato.

Eu sei que se investisse em April, seria como uma caçada, mas que no fim, ela se tornaria minha.

Eu não farei isso, no entanto. Tenho muitas opções para tomar como parceira do que me envolver com uma *socialite* americana fútil e com uma carga genética tão ruim.



Capítulo 2

Eu sei que ele está me olhando porque uma espécie de febre toma conta do meu corpo e eu odeio que seja assim.

Logo que nos mudamos para a Turquia, há cerca de um ano, fomos apresentados.

Kahraman Yavuz Aydin é um bilionário cuja família possui metade do país.

Ele e os irmãos dominam a Turquia e, principalmente, Istambul.

Eu não preciso me virar para encará-lo se quiser descrevê-lo. Eu poderia fazer isso de olhos fechados.

Eu já sonhei com ele diversas vezes, mas esse é um segredo que nunca confessarei a alguém.

Alto, de compleição forte sem exageros, que mostra claramente que praticou esportes e cuida do corpo. Cabelos curtos, espessos e escuros. Sempre vestido em ternos impecáveis e nunca, ou ao menos por nenhuma vez em que nos encontramos, sorri.

Aliás, nenhum dos irmãos Yavuz Aydin é dado a sorrisos, pelo que pude observar.

Hoje, particularmente, há dois deles aqui: Kahraman e Qasim. Não é incomum vê-los juntos. Sempre que nos encontramos em uma recepção, há pelo menos um par dos magnatas turcos.

Eu me viro para trás discretamente, apenas para, como imaginava, dar de cara com um par de olhos cinzentos me observando.

É a única característica que torna Kahraman absolutamente único, não apenas dentro do clã Yavuz Aydin, já que todos os irmãos têm olhos negros, como também no que diz respeito à maioria dos homens em seu país natal.

Eu respiro fundo e forço-me a sorrir para os presentes, secando com discrição uma camada fina de suor frio na testa.

Eu não gosto dessas festas.

Apesar de estudar a língua desde a adolescência, já que meu pai sempre teve ligações comerciais com o país, eu não falo turco bem o suficiente para que consiga entender uma conversa casual se a pessoa estiver falando depressa, então eu me limito a sorrir e acenar com a cabeça boa parte do tempo.

O meu pai não parece se importar. Ele me quer ao seu lado para “embelezar” a noite, segundo suas próprias palavras. Era o papel da

minha mãe e eu fico me perguntando quando é que terei coragem de dizer a ele que pretendo seguir um voo solo.

Por muitas vezes já pensei em me rebelar e se não o fiz ainda, foi porque fui criada para entender que o núcleo familiar próximo — pai, mãe, irmão — é o que conta e estão sempre acima de tudo o mais na vida.

O meu irmão mais novo, Hayden, precisa de mim. Ele não tem voz ativa dentro de casa — ainda menos do que eu, mas acho que no caso dele é pior porque as pessoas o comparam com papai, dizendo que será seu sucessor nos negócios, cobrando que ele seja tão sociável quanto nosso progenitor. Por si só, isso já é uma carga pesada para alguém ter sobre os ombros.

Perdemos nossa mãe quando eu tinha apenas dez e ele, oito anos. Desde então aprendi a administrar empregados e festas. Nunca tive tempo para mim, mas ao menos na minha cabeça sobra espaço para pequenas ambições e sonhos. Eu não almejo entrar para o mundo empresarial, que é o destino do meu irmão. Quero apenas um dia poder abrir minha floricultura. Uma vida simples cuja maior preocupação será com o bem-estar das minhas flores.

Já Hayden é comparado ao meu pai o tempo todo e por ter um temperamento considerado dócil para um homem e também ser

muito tímido, é alvo de críticas veladas de papai e dos amigos dele.

— Ao menos finja que está se divertindo ou ele vai ficar aborrecido.

— O quê?

— Tem um v no centro de sua testa, April. Papai vai perceber — meu irmão diz.

— Eu não estou odiando. Até que para o que é — uma recepção em que as pessoas estão fazendo uma espécie de teste não declarado de quem tem a casa de férias mais bonita —, não está tão ruim.

Ele abaixa a cabeça para disfarçar um sorriso e vejo como suas bochechas ficam vermelhas depois do meu comentário irônico.

Hayden aprendeu a guardar as emoções para si mesmo porque até uma simples risada pode ser alvo de crítica do nosso pai.

— Sabe que se ele a ouvisse, estaríamos encrencados, não é?

— Não tem como ele nos ouvir. Está contando sobre o novo helicóptero. Teremos ao menos meia hora livre.

Seu sorriso aumenta.

— Eu não sei como suportaria a vida sem você, April.

— Do que você está falando?

— Eu o odeio. Você é a única coisa que me faz não desistir de tudo.

— Não diga isso. É jovem e lindo. Tem um futuro brilhante pela frente. Não depende de mim ou de qualquer outra pessoa para ser feliz.

Aos meus próprios ouvidos, as palavras soam ocas, no entanto, porque eu sei que são mentirosas. Eu gostaria que fossem verdadeiras, mas ambos sabemos que o destino dele já está determinado.

Ele cresceu ouvindo que todos os homens da nossa família se tornaram empresários de sucesso. Não é um legado, é como uma espécie de obrigação ser bem-sucedido.

Para minha vergonha, apesar de sermos tão próximos, eu nunca tive coragem de perguntar ao meu irmão mais novo o que ele realmente quer ser na vida. Acho que é o medo da resposta ou a certeza de que seus sonhos jamais se realizarão.

Como se o destino resolvesse intervir no clima triste que se instaura entre nós, a música orquestrada aumenta, fazendo com que as pessoas comecem a se preparar para dançar.

Casais de idosos e alguns de meia-idade se agrupam no meio do salão e por um momento eu pergunto se a minha mãe fosse viva,

ela e papai seriam um deles.

Talvez, sim, mas não pelos motivos certos, mas porque ele iria querer exhibir sua mulher perante a sociedade.

— Quer dar uma volta? — pergunto a ele.

— Sim, eu gostaria, mas acho que seria prejudicial.

Deus, que tipo de vida levamos, em que mesmo uma ação tão simples tem que ser calculada?

Eu tenho a resposta segundos depois quando noto, pela minha visão periférica, meu pai se aproximar de nós com um homem com quem não simpatizo, para dizer o mínimo.

Assim como Kahraman, é turco, mas ao contrário dele, que apesar de frio como uma pedra de gelo, não me dá medo, há algo no homem que me causa arrepios desagradáveis.

— April, Berat Demirci quer tirá-la para dançar.

Antes de encarar papai e o amigo dele, eu olho para o meu irmão. Seu rosto está tenso, mas mesmo assim, não faz nada.

Ainda mais do que eu, Hayden teme a raiva do meu pai.

Eu respiro fundo — uma inspiração singela como aprendi a fazer para me controlar em situações assim — e com um sorriso simulado, finalmente os encaro.

— Será um prazer.



Capítulo 3

Se existe alguém a quem desprezo ainda mais do que Jim Garret Berger III, é Berat Demirci, e no momento em que me volto e o vejo com a mão em volta da cintura de April na pista de dança, a ira, que havia sido desencadeada pelo meu descontrole com relação a atração física que sinto por ela, rompe de vez as barreiras.

Tudo agora parece contribuir para aumentar meu mau humor.

A música, que antes soava agradável, atinge meus ouvidos alguns decibéis mais elevados do que o necessário.

As risadas, o cheiro das flores e até mesmo os garçons nesse desfile incessante com as bandejas de bebida me aborrecem.

Ele a gira em seus braços, como se a estivesse exibindo, como se tivesse algum direito sobre ela e algo primitivo dentro de

mim me faz andar, sem raciocinar sobre minha ação, para onde estão.

O meu corpo, rijo como aço, dessa vez não encontra-se tenso pelo desejo que ela me desperta. É um sentimento inexplicável de posse.

April me vê antes de Berat e quando nossos olhos se bloqueiam, não é a fria ironia que eu encontro naquelas profundezas escuras como chocolate amargo, e sim, um pedido silencioso de ajuda.

Eu nunca fui conhecido pelo comedimento. Não faço apostas para blefar ou assustar meus adversários. Eu passo por cima deles como um rolo compressor em busca do que eu quero.

E o que você quer é ela? — uma voz debocha na minha mente, repetindo a pergunta que meu irmão me fez há pouco.

Eu não paro para pensar muito a respeito. Basta olhar a boca carnuda, a pele de seda e os longos cabelos negros caindo pelos ombros nus que algo mais poderoso do que a razão e a prudência, me faz terminar os passos que faltam para alcançá-la.

— Senhorita Berger, perdoe-me a distração. Acabei envolvido em uma conversa infinita, mas agora quero a minha dança.

Eu posso ver a surpresa em seu rosto, mas não me passa despercebido um suave suspirar de alívio.

Apenas agora Berat percebe que estou parado às suas costas, o que mostra o quanto é imprudente. Em qualquer ambiente, estou atento aos meus inimigos e sobre nós dois, não se trata apenas de uma disputa entre empresários que eventualmente se esbarram em negociações em que ambos temos interesse.

É pessoal.

O olhar de puro ódio que Berat me dirige me deixa satisfeito. Irritá-lo é um bônus, mas eu ainda quero meu prêmio.

Por uma música, vou me permitir tê-la em meus braços.

— Senhor Aydin, eu não me esqueci da dança que lhe prometi, mas não quis interrompê-lo.

A voz dela, agora que disse pela primeira vez uma frase completa para mim e não mais o cumprimento curto, distante e educado costumeiro, me causa estranheza.

É suave e melódica, na contramão da personalidade que desconfio que seja impertinente, dada a maneira provocante com que sempre me tratou.

— Não se desculpe. A responsabilidade foi inteiramente minha. Não se deixa uma mulher como você esperando.

Há um prazer secreto em mover as peças nesse jogo em que ambos sabemos que estamos representando.

Eu não sei porque diabos April não quer dançar com Berat, mas ela estar aceitando espontaneamente vir para os meus braços quando já deixou claro que nossa antipatia é recíproca, só pode significar que despreza o infeliz tanto quanto eu.

Como se houvesse um acordo sem necessidade de palavras, no momento em que se solta dele, como uma continuidade de sua ação, eu a puxo para mim.

Não há nada que Berat possa fazer a respeito.

Além do fato de que provavelmente nesse momento todos os olhos dos convidados estão em nós, atentos a cada respirar, eu não lhe dou opção, segurando-a como faço com tudo na minha vida: como se fosse meu direito primordial demarcar território sobre ela.

Eu a levo para longe sem um segundo olhar para o homem. Nos primeiros segundos em que dançamos, nenhum de nós fala.

Não há uma explicação lógica para o que acabo de fazer e no momento, eu não estou preocupado com isso porque cada partícula do meu corpo está concentrada na sensação de finalmente sentir a maciez do corpo dela.

Uma proibição que me auto-impus, mas que por mais que eu tenha tentado, não fez desaparecer meu desejo.

Dançando a música lenta, eu a movi para um canto do salão e agora, temos relativamente privacidade sem que as pessoas nos observem.

— Um “*muito obrigada por me salvar, senhor Aydin*”, seria recomendado agora, April.

Seu rosto está abaixado na altura do meu peito e ela não tem pressa em levantá-lo para me encarar. Quando finalmente nossos olhos estão fixos uns nos outros, ela lambe os lábios, como se sentisse sede.

Os corpos estão colados ao limite e as curvas deliciosas se encaixam em mim.

— Mesmo antes de perceber que eu não queria dançar com o senhor Demirci, já estava vindo até nós. Por quê?

— Eu estava? — ironizo.

Ela endurece em meus braços e em seguida, tenta se soltar, o que não permito.

— Talvez eu tenha me confundido. *Muito obrigada por me salvar, senhor Aydin* — ela repete minhas palavras, mas as

pronuncia como se cada uma fosse um dardo envenenado.

— Se não queria dançar com ele, por que aceitou?

— Não quis ser grosseira. Ele e meu pai têm negócios em comum.

— Eu sei que sim.

— O que isso significa? — pergunta, percebendo minha ironia.

— Que os iguais tendem a se agrupar.

Ela não diz mais nada. Estranhamente, volta a relaxar, o corpo se aproximando do meu talvez de maneira inconsciente.

— Por que não gosta dele, April?

— Quem disse que eu não gosto?

— Porque também não queria estar dançando comigo, mas pareceu escolher a mim como algoz ao invés de Berat.

— Principalmente porque eu não corro riscos. Meu pai não gosta do senhor. Eu não gosto do senhor — diz com petulância. — E o senhor não gosta de mim. É um acordo perfeito.

Suas palavras não me irritam. Eu gosto da honestidade dela.

Aproximo minha boca de sua orelha, puxando-a mais firmemente em meu abraço.

— O modo como está tremendo ao dançar comigo não tem nada a ver com gostar, senhorita Berger. Já é uma mulher. Deveria saber disso. Seu corpo reage ao meu independentemente de sua vontade.



Capítulo 4

Eu o odeio um pouco mais por conseguir me ler tão bem, mas o que eu esperava?

Kahraman Yavuz Aydin é um homem vivido, que desfila com namoradas diferentes na mesma velocidade em que algumas pessoas trocam suas escovas de dentes.

Deve estar mais do que acostumado a interpretar as reações do corpo de uma mulher.

Ele nos levou para um lugar escuro, onde não há tantas pessoas, mas ainda assim, enquanto nos afastávamos, os casais que passavam nos observaram quase que com reverência.

A família deles é como uma espécie de realeza na Turquia.

Eu já notei que, nas festas, assim que um deles chega, provoca uma espécie de alvoroço nos convidados: admiração e respeito dos homens e cobiça entre a ala feminina, sejam as mulheres solteiras ou não.

Eu não acho que tenha a ver apenas o fato de que é muito atraente, lindo, na verdade, que faz com que as mulheres pareçam

dispostas a ficarem nuas com um estalar de dedos do magnata, mas também por causa da aura de poder que ele emana.

Não são todos os homens que a possuem.

Kahraman, os irmãos, meu pai. Eles parecem dominar o mundo.

Hayden, meu irmão, fisicamente se parece com papai, mas se você o olhar com atenção, percebe fragilidade — *ou seria fraqueza?* — no fundo dos seus olhos.

Ele é o tipo de pessoa que quando confrontado, sai do seu caminho porque sabe que vai perder, seja uma discussão ou uma luta física.

O turco que me tem em seus braços, ao contrário, demonstra autoconfiança até mesmo no respirar.

— Eu não tenho ideia do que está falando, senhor Aydin. Se tremo, é porque a noite esfriou e não vim vestida adequadamente.

Eu tento manter alguma distância porque a quentura dos lábios dele muito próxima ao lóbulo da minha orelha está me deixando com as pernas bambas.

Eu não quero demonstrar fraqueza.

— Estou decepcionado, April. Não achei que fosse uma mentirosa.

Eu o encaro e percebo que cometi um erro ao me ver mergulhada naquele abismo cinzento.

Eu quero desviar os olhos dos dele, mas não consigo. É como se tivesse o poder de me hipnotizar. Eu deveria me afastar porque a essa altura, meu pai está à minha procura, mas minto para mim mesma dizendo que estou apenas tendo um pouco de diversão.

Nunca ficamos tão próximos e apesar de antipatizar com Kahraman, não tenho como negar que ele sempre é o homem mais interessante presente, onde quer que esteja.

— Vai continuar me insultando? — pergunto, apesar de não me sentir assim. Estar perto dele, ao contrário, me excita.

Ele afrouxa o braço em torno da minha cintura, embora não o bastante. Eu tenho uma área de manobra para escapar, se for o caso, mas ele ainda mantém os nossos corpos colados.

— Foi isso o que fiz?

— Está brincando comigo, senhor Aydin, como um gato faria com um rato. Diverte-se com isso.

Eu não costumo deixar meu temperamento vir à tona. Sempre me mantenho como a filha doce e perfeita, apenas Hayden conhece minhas ironias. É o nosso segredo. Mas Kahraman

conseguiu desfazer minha imagem de garota comportada em pouco menos de cinco minutos na primeira vez em que ficamos a sós.

Eu espero que vá me dizer algo para me colocar em meu devido lugar, mas em vez disso, sinto sua boca roçar minha mandíbula e arrepios percorrem meu corpo.

— Eu não me divirto em estar perto de você, April. Eu não quero desejar rasgar o seu vestido e te deixar nua. Eu não quero querer percorrer seu corpo com minha boca ou conhecer seu gosto na ponta da língua. Eu não quero imaginar se seus olhos ficam ainda mais escuros na hora em que está gozando. Ou qual a sensação de tê-la me apertando dentro de si.

Eu fico sem ar. Impactada demais para conseguir dizer algo, mas ao mesmo tempo querendo que ele continue falando.

Nenhum homem jamais me disse algo tão ousado, mas eu sei que não é por isso que sinto o ventre pulsar e o centro das minhas coxas encharcar. É porque eu acabo de descobrir que apesar de detestá-lo, a agonia que me domina toda vez que o vejo é desejo.

Para minha vergonha, é ele quem toma a iniciativa de me soltar, dando um passo para trás.

Eu posso conferir em seus olhos que tudo o que falou é verdade.

Ele me quer, e sente-se raivoso por isso.

— Chocada?

Engulo em seco.

— Ofendida — minto.

Um canto de sua boca se ergue.

— Sabe que existem reações do nosso corpo que impossibilitam disfarçar o desejo, menina? Suas pupilas estão dilatadas e você não me empurrou quando me ouviu dizer o quanto te desejo. Cravou as unhas no meu terno. Afastou as coxas, ansiando para me sentir melhor. Seus mamilos ficaram duros — ele olha para a frente do meu vestido — ainda estão.

— Eu odeio você.

— Não. Você não me odeia. Odeia me desejar.

E então, ele vira as costas e se afasta, me deixando sozinha para processar tudo isso.

Eu recosto em uma parede e fecho os olhos, o corpo tremendo e tomo um susto quando ouço a voz do meu irmão.

— April, onde você se meteu? Está louca? Papai ficou furioso quando deixou Berat Demirci sozinho na pista de dança, na

frente de todos os convidados, e foi para os braços de Kahraman Aydin. Sabe como ele dá importância ao que os outros estão pensando.

— Eu não queria dançar com o senhor Demirci, Hayden.

— E acha que ele se importa com isso? Papai sempre coloca os negócios à frente de nós, então, por favor, não se meta em encrenca, contrariando-o.

— *Contrariando-o?* Por que me negar a dançar com o senhor Demirci o contraria?

— Foi modo de dizer — responde, mas não me olha nos olhos.

— Não, não foi. Está sabendo de alguma coisa.

Ele me dá um beijo na testa.

— Não se preocupe com isso. Provavelmente eu entendi errado.

— Entendeu errado o quê?

Antes que ele consiga responder, nosso pai se aproxima com a expressão carregada.

— Vamos.

— Embora? — pergunto, tentando disfarçar o alívio.

— Sim. Você já me constrangeu demais por uma noite, April. Melhor encerrarmos nossa participação no evento antes que a situação piore.

Eu quero perguntar que situação é essa, mas um olhar de advertência do meu irmão me faz manter a boca fechada.



Capítulo 5

Tento controlar o tremor no meu corpo, mas não consigo, então continuo me movimentando dentro da biblioteca para me acalmar.

Eu não quero acreditar no que acabo de encontrar, apesar de ter certeza de que não há engano algum.

Eu li duas vezes.

Nós estamos falidos.

E não apenas isso, porque não é o fato de perdermos tudo o que me assusta e sim porque se o que li naquele documento for

válido, um dos principais homens da minha vida pode ir para a prisão.

Olho a hora no relógio de ouro, um pouco grande demais para o meu pulso, mas que eu adoro porque pertenceu à minha mãe, e vejo que falta pouco tempo para as convidadas chegarem. Mulheres de empresários americanos e ingleses que vivem na Turquia também, e com quem meu pai diz que precisa manter boas relações.

Para quê? De que adiantará agora todas as recepções que oferecemos ao longo dos anos em nossas casas, nosso sobrenome tradicional e a boa educação dos Berger? Em pouco tempo talvez tenhamos a história da família arrastada na lama.

Eu duvido que essas pessoas continuem querendo interagir conosco quando as notícias explodirem em jornais do mundo todo.

Ainda que sem qualquer vontade de socializar, nunca fujo das minhas obrigações, então, depois de conferir a aparência no pequeno lavabo do corredor longo e escuro da nossa casa em Istambul, eu me preparo para enfrentar o chá da tarde que ofereço todas as quinta-feiras.

Uma hora e meia depois, eu não consigo mais mexer um músculo facial de tantos sorrisos falsos que dei.

Depois que comemos, viemos dar uma caminhada pelo meu jardim de inverno e foi o único momento da tarde em que consegui relaxar. Estar em meios às flores acalma meu coração.

Eu estou mentalmente exausta de tentar conversar como se nada tivesse acontecido, quando minha mente está a milhas de distância, pensando no que farei caso a prisão dos dois seja decretada.

— Eu adorei sua estufa — uma das senhoras diz.

— Obrigada. Acho que herdei a “mão verde”^[1] da minha mãe.

— Sim, não tenho dúvidas. Eu sou incapaz de cuidar de um jardim. Prefiro pagar alguém para fazer isso por mim.

Apesar dos elogios que fez às plantas, eu percebo que há uma crítica velada em sua declaração.

Normalmente, eu deixaria passar. Não há sentido entrar em uma discussão com alguém que é um nada em minha vida, mas hoje, talvez pela incerteza de como será daqui para frente o único universo que conheci, eu me sinto ferver.

— Mas então, qual seria a graça? — pergunto.

Todas elas sorriem, condescendentes e a mulher continua:

— Não venha me dizer que se sente feliz sujando as unhas em um jardim. Para isso existem os empregados.

Eu nem sei o que detesto mais. Se é ela dizer a palavra “empregado” com tanta superioridade, ou o fato de achar que me conhece, que sabe quem sou ou como me sinto.

— Na verdade, eu trocaria a maioria dos programas para os quais sou convidada por uma tarde com uma tesoura de poda e fertilizantes.

Ela não parece perceber a ironia com que falo.

— É um excelente passatempo enquanto não se casa.

E lá vamos nós. Não é a primeira vez que me dizem algo assim, mas é a primeira em que sinto vontade de virar as costas e deixá-las falando sozinhas.

— Não é um passatempo para mim. De fato, tenho a intenção de abrir uma floricultura.

O olhar de espanto da mulher me traz satisfação, mas em seguida eu me arrependo por ter sido impulsiva. Era um segredo guardado à sete-chaves. Eu só pretendia falar sobre isso com meu pai depois que meu irmão tivesse decidido que rumo daria na vida.

— Não pode estar falando sério. Pensa em se tornar uma... *trabalhadora*? Dona de uma lojinha?

— Uma empresária, como seu esposo e o meu pai, senhora Greenwell.

Ela me dá um sorriso de pena, como se tivesse acabado de ter certeza que enlouqueci.

— Não diga bobagens, minha filha. Mulheres nunca poderão se iguais aos homens à frente dos negócios. Se quer um conselho, esvazie sua mente desses pensamentos tolos. Correndo o risco de ser rude, eu duvido que Jim vá permitir uma insanidade dessas.

Deus, onde está Hayden que não chega? Ele sempre me salva em situações assim, mas hoje isso está passando dos limites.

Logo em seguida, eu me sinto egoísta por usar meu irmão mais novo, seja em que sentido for. Ele está em idade de aproveitar a vida e geralmente o faz quando nosso pai está viajando, como agora.

Ao contrário de mim, que apesar de não ser tão fluente no idioma, adoro a Turquia, Hayden sonha em voltar para os Estados Unidos, e isso me faz lembrar dos documentos que encontrei hoje mais cedo.

Eu sei que a senhora Greenwell e as outras continuam tagarelando, mas aceno com a cabeça sem prestar qualquer atenção até que a voz da nossa governanta chama meu nome.

— ... deseja vê-la, senhorita Berger.

Eu não ouvi a quem a mulher se referiu porque estava completamente alheia ao mundo e preocupada com o futuro da minha família.

— Mande entrar — digo, sem fazer ideia de quem se trata.

Cerca de dois minutos depois, vejo as bochechas da senhora Greenwell ficarem vermelhas, enquanto olha por cima do meu ombro, sorrindo.

— Senhor Demirci, que prazer revê-lo!

Sinto meu estômago revirar.

O que esse homem está fazendo aqui?

Eu giro o corpo tão lentamente quanto possível, querendo que não seja verdade, mas quando me deparo com os olhos de um castanho claro, preciso usar toda a minha capacidade de não demonstrar desgosto.

Ainda assim, não me movo, o que como dona da casa seria esperado, até que a senhora Greenwell diz:

— Não seja rude, April. Vá receber seu convidado.

Ando como se houvesse bolas de chumbo presas aos meus pés. Eu detesto esse homem. A partir do momento em que fomos apresentados, eu não me senti confortável em sua presença.

A náusea aumenta enquanto o observo pegar a mão que lhe estendi e levá-la aos lábios.

— April, eu achei que seu pai havia lhe avisado que eu viria, mas por sua expressão de surpresa, percebo que não.

Para alguém desatento, seu tom parece amistoso, mas eu noto a raiva por detrás. Como se falasse de algo que desconheço.

— Não, ele não disse nada. Eu estou com convidadas, como pode ver, senhor Demirci — respondo, jogando a boa educação para o inferno.

— Na verdade, já estamos de saída, meu bem — a senhora Greenwell avisa e meu mal-estar aumenta.

A última coisa que desejo é ficar a sós com ele.



Capítulo 6

— Não vá ainda, senhora Greenwell. Eu preciso lhe mostrar o novo conjunto de copos de champanhe que adquiri no leilão da Sotheby's^[2]. Ele pertenceu a parentes da realeza austríaca.

Como eu esperava, o rosto da mulher se alegra como se eu tivesse acabado de lhe oferecer o Santo Graal^[3].

Já o homem à minha frente, parece zangado.

Eu não me importo. Farei o que for possível para não ficar a sós com Berat Demirci e se para isso tiver que passar a noite inteira mostrando nossas coleções de louça e copos para as senhoras, que seja.

— Na verdade, eu não vou demorar, April. Será que me dão licença por alguns minutos, senhoras?

Ele não espera resposta e segurando meu cotovelo, começa a se distanciar das minhas visitas.

É a segunda vez que me toca, tirando apertos de mão em cumprimento. Antes só havíamos estado tão perto no dia da festa

em que, de maneira imprudente, deixei que Kahraman inventasse a farsa que me tirou dos braços de Berat.

O meu pai ficou sem falar comigo por dias após aquilo, ignorando-me completamente, mas eu não me arrependo. Eu teria feito tudo de novo se isso evitasse que eu passasse mais tempo com o homem detestável.

Qual deles? — uma voz pergunta na minha cabeça, mas eu sei que mesmo antipatizando com o senhor Kahraman Aydin, ele não faz meu estômago apertar de medo como Berat faz.

O sentimento por ele é outro: desejo.

Quando ele para de andar, eu me afasto de seu toque e dou um passo para trás.

— Em que posso ajudá-lo, senhor? — Apesar de falar com ele, eu não o encaro.

— Eu vim convidá-la para um jantar na próxima semana.

— Obrigada, mas eu já tenho compromisso.

— Eu não lhe disse o dia ainda, April, e se passei a impressão de que tinha escolha em aceitar, peço perdão. Você não tem.

Eu agora olho em seus olhos. Apesar de pressentir que havia algo de maligno no homem, até então não me senti

ameaçada, mas ele não deixa dúvida com o que acaba de falar que não está aqui para uma visita social, o que me faz lembrar outra vez da pasta de documentos na biblioteca.

— Eu não estou entendendo — digo, me fazendo de sonsa, mas por dentro estou apavorada. Sinto uma trilha de suor gelado escorrer pela minha coluna.

— Não tenho muita paciência e isso é algo que vai aprender rapidamente sobre mim, April, então vamos ao que interessa. Eu venho buscá-la na semana que vem, na terça, para que não só seja a anfitriã ao meu lado na festa que darei, como também, no dia seguinte, seguir viagem comigo para a Capadócia.

— O quê? Ficou louco? — quase grito e quando vejo as cabeças das mulheres se voltarem na nossa direção, modero o tom. — Eu mal conheço o senhor. Não temos qualquer ligação. Acha que pode entrar na minha casa e me dar ordens?

Pela primeira vez que eu me lembre, as palavras saem sem que eu consiga controlar, mas o pânico é tão grande que eu não estou mais me preocupando em manter as aparências.

— Cuidado com o que fala. Eu exijo respeito das minhas mulheres, April.

O meu coração bate tão forte agora que eu consigo quase senti-lo empurrando internamente contra o peito.

— Eu não sou sua mulher e nunca serei. Eu não sei de onde tirou isso.

Ele pega o celular de dentro do bolso e depois de pesquisar um número na tela, me entrega.

— Fale com seu pai. Ele vai lhe explicar tudo.

Eu me recuso a tocar o aparelho.

— Falarei com papai quando ele voltar de viagem.

— Se não vier me encontrar na próxima semana, prometo que vai se arrepender. Eu vou te dar esses dias para pensar, para que perceba que não tem saída. Fará o que eu mandar.

Eu me sinto tão nervosa que estremeço e odeio demonstrar fraqueza na frente dele.

— Gostaria que saísse da casa da minha família, senhor Demirci.

— Está equivocada duplamente, April. Em primeiro lugar, essa casa não pertence mais à sua família e segundo ao me enfrentar, o que vai lhe custar caro no futuro.

Eu fico tão chocada com a ameaça que não consigo falar mais nada. Apenas observo o homem de estatura baixa, mas que

deve pesar ao menos uns cinquenta quilos a mais do que eu, se afastar.

Até agora, eu nunca prestei muita atenção em Berat Demirci. Eu o coloquei em uma lista de pessoas a quem desprezo e o deixei lá. Nunca precisamos conviver, então tirando os eventos sociais em que nos encontrávamos, eu nem me lembrava que ele existia, ao contrário de Kahraman, que invade meus pensamentos nas horas mais inesperadas, ocupando um espaço que eu não quero lhe conceder.

O senhor Demirci blefou quando disse que a casa não nos pertence mais?

Deus, eu preciso falar com o meu irmão.

— Está tudo bem? — a senhora Greenwell pergunta quando volto a me aproximar do grupo.

— Sim.

— Eu achei que ele fosse ficar.

— Não, o senhor Demirci tinha um compromisso. E então, prontas para ver os copos?

Cristais e champanhe são as últimas coisas que estou pensando, mas sei que elas só irão embora depois que eu lhes mostrar.

Cerca de trinta minutos depois, eu me despeço da última senhora e quase corro para a biblioteca.

Abro a pasta e leio seu conteúdo sem pressa dessa vez. Quando finalizo, deito a cabeça no tampo de madeira, enquanto faço força para não chorar.

A situação é muito pior do que eu pensei a princípio. Estamos perdidos.



Capítulo 7

Calmaria é um prenúncio de tempos difíceis — quase posso ouvir a voz do nosso padrasto, Halil^[4], dizer.

É um bom aviso, embora a memória com relação a pessoa que me deu já não tenha mais o mesmo peso de antes em minha vida.

Ele terminou de criar a mim e a meus irmãos, foi um bom marido para a minha mãe, mas depois de sua morte, não paramos de descobrir esqueletos no armário do homem que aprendi a amar como a um pai.

Halil geriu uma vida dupla por toda sua existência, uma espécie de “o médico e o monstro” moderno e mesmo após tantos anos passados de sua morte, eu não sei dizer qual lado era o seu eu verdadeiro.

Ele se mostrou um padrasto dedicado para nós e marido amoroso para minha mãe, mas também deixou um rastro de destruição pelo caminho. Foi manipulador, mentiu e omitiu sem

qualquer remorso, mexendo com o destino das pessoas à sua volta, como se fossem peças em um tabuleiro de xadrez.

Eu estou longe de ser um homem ingênuo e sei que uma visão bidimensional do mundo não é realista. Ninguém é completamente bom ou não. As pessoas oscilam dependendo do quanto são pressionadas. Entretanto, sou um crente de que a essência não muda.

E eu não tenho certeza se a de Halil era boa ou má.

Ando até a imensa janela da minha sala na Aydin Steel Group^[5], a empresa familiar que eu e meus irmãos fundamos e que agora é reconhecida como a siderúrgica mais poderosa do mundo.

Quando papai morreu, nos deixou à beira da falência, mas meu irmão Cenk^[6] nos guiou durante todo o caminho, sacrificando sua juventude para ser o líder da família e nos fazer prosperar outra vez.

Ainda que na época amássemos Halil e segundo o desejo dele poderíamos nos acomodar e só viver a vida como jovens ricos da classe privilegiada, há orgulho enraizado na família Yavuz Aydin. Foi a necessidade de reerguer o nosso nome o que fez com que nos dedicássemos, dando o próprio sangue para enfim conseguirmos nos tornar outra vez os mais ricos da Turquia.

Passo a mão pelo rosto, tentando adivinhar o que poderia dar errado se até mesmo a ameaça que pairava sobre Cenk^[7], ainda resquício das ações de Halil no passado, foi eliminada.

Olho para as ruas da cidade onde nasci, já se esvaziando a essa hora, como se o silêncio da noite de Istambul pudesse me dar alguma resposta.

Sabendo que não vou conseguir dormir enquanto estiver me sentindo assim, mando uma mensagem para a mulher com quem havia combinado um jantar, desmarcando-o, e volto a me sentar à minha mesa, pegando novamente a pasta com documentos em que passei o dia trabalhando. Desde que meu irmão adquiriu uma siderúrgica no Brasil, temos feitos diversos investimentos no país, principalmente na área de turismo.

Estamos construindo um complexo hoteleiro no nordeste brasileiro que vai funcionar quase que como uma cidade independente. Uma vez que o hóspede chegar lá, não precisará sair para mais nada, pois haverá restaurantes famosos do mundo inteiro, um shopping center com as melhores marcas, além de outros benefícios regulares nesse tipo de empreendimento, como academias de ginástica, spa, entre outros.

A ideia é transformar o lugar em um paraíso, um refúgio para a elite.

Toco na pasta com a pesquisa de mercado que encomendei, já pensando na possibilidade de expansão do complexo turístico, mas antes que consiga iniciar a leitura, a porta se abre e Cenk entra.

— Não deveria estar em casa com Ophelia e as crianças? — pergunto, quando ele se senta à minha frente.

— No seu caso não há crianças e uma esposa envolvida, mas não deveria estar com a parceira da vez? — ele me devolve.

— Não. Eu desmarquei. E fico admirado como você e Emir estão sempre atentos à minha vida sexual.

— É meu irmão mais novo.

— Todos nós somos seus irmãos mais novos.

— Mas é o mais parecido comigo: intransigente, vingativo e avesso a compromisso. Conheço meus próprios defeitos e por isso os enxergo em você também.

— Exceto que a parte do “avesso a compromisso”, no seu caso, mudou. Ou sente saudade da época em que era franco atirador?

— Não mesmo. Eu tenho tudo o que desejo em casa. Nenhuma outra mulher chega aos pés de Ophelia para mim.

Eu não tenho como discordar que os meus dois irmãos souberam escolher as esposas. Tanto Malu, casada com meu irmão Emir^[8], quanto lady^[9] Ophelia, são diamantes raros. E o melhor: adoradas pela minha mãe, o que não é uma tarefa fácil.

Apesar de ser gregária e gostar de muita gente à sua volta, Zehra, nossa progenitora, tem aquele tipo de amor ou antipatia instantânea por uma pessoa. Se gosta de você, colocará o mundo aos seus pés, mas, se por outro lado, não conseguir cair nas boas graças dela, não importa quem seja, ela não permitirá que se aproxime.

— Já teve a sensação de que algo está para acontecer, mas que você não sabe onde virá? — pergunto.

— Algo ruim?

— Isso.

— O tempo todo. Sou um realista com tendências pessimistas. Estou sempre esperando o pior e preparado para o apocalipse.

— Sim, acho que esse é um traço que herdamos do nosso pai. Entretanto, eu me sinto assim há semanas, mas ainda que eu

tenha pensado e repensado a respeito, não consigo imaginar o que poderia ser.

— Talvez seja apenas preocupação excessiva mesmo — diz e isso vindo dele quase parece uma piada.

— Ophelia mudou você em um bom sentido.

— Não. Eu continuo um bastardo desconfiado e cínico em relação à maior parte da raça humana. A diferença é que eu encontrei minha rainha. Entretanto, ainda sou um crente de que, fora da família, qualquer um pode ser um inimigo. E por falar em inimigo, eu ouvi falar que nosso “amigo” de longa data, Jim Garret Berger III, está mesmo para ser preso a qualquer momento.

— É uma certeza? Porque tenho escutado boatos há meses.

— Sim, é uma certeza. Ele usou de tráfico de influência para fechar contratos com o governo americano. Os Estados Unidos levam a sério crimes de colarinho branco.

— É grave?

— Se o que eu ouvi for verdade, sim. As denúncias vão até de corrupção ativa à lavagem de dinheiro e o que é mais sério para o Tio Sam^[10]: fraude fiscal.

Sem que eu consiga controlar, me vem à lembrança o último encontro com April Berger. A noite em que me permiti tocá-la pela

primeira e única vez.

Ela é atrevida e orgulhosa, mas muito jovem também, assim como o irmão, Hayden. O que será feito dos dois, já que foi confirmada mesmo a prisão do bastardo do pai deles para breve?

— O que está pensando? — ele pergunta.

— Nos filhos.

— Corre um boato de que toda a sujeira poderá respingar neles.

— O garoto não tem dezenove anos completos. Ela, pouco mais de vinte. Ninguém vai acreditar que estejam envolvido em golpes.

— É não dá para imaginar mesmo. Principalmente o rapaz. É tímido, a própria imagem da apatia. Eu não duvido que Jim lhe impute parte da responsabilidade, no entanto. Ou melhor seria dizer, a maior parte da culpa, para livrar a própria cara. Mas não foi isso que vim falar com você. Se for confirmado o mandado de prisão, teremos que agir em uma outra frente.



Capítulo 8

Não é o que ele diz, mas sua expressão, o que me faz perceber que não vou gostar do que ouvirei.

— Eu não entendi.

Ele me encara por alguns segundos sem dizer.

— O que está acontecendo, Cenk?

— Você sabia que Jim e Halil eram amigos?

— Não. Sei que já foram sócios no passado.

— Foi muito mais do que uma mera sociedade. A vinda em definitivo de Berger para a Turquia, de acordo com o que descobri, se deu por conta da amizade que os dois tiveram, mas se minha desconfiança estiver certa, também porque ele sabia que, aqui, os filhos estariam seguros caso lhe acontecesse alguma coisa.

Dou um sorriso sem humor.

— Não consigo imaginá-lo sendo tão altruísta. O homem não parece pensar em alguém além de si mesmo. Acabou de dizer que ele pode imputar responsabilidade sobre os próprios crimes ao filho.

— Não é questão dele ser altruísta e sim porque para ele o nome da família é tudo. Se for preso, caberá a Hayden dar continuidade aos negócios.

— Impossível. Ele é só um garoto. E mesmo que não fosse, April tem mais fibra em uma unha da mão do que o irmão caçula no corpo todo.

— *April?* — Ele sorri. — Eu achei que a detestasse.

— Ela é jovem demais para ser tratada por senhorita Berger.

— Não tem nada a ver com a idade e sim com o fato de que nunca quis estreitar laços com Jim ou os filhos dele.

— E por que deveria? Halil foi apenas um sócio de Jim, até onde eu sabia. A nossa família não teria razões para se relacionar com o bastardo.

Ele dá de ombros.

— Sobre a questão da gestão das empresas de Berger, ainda que April fosse capaz de assumir os negócios, não foi criada para isso. Pelo que pude perceber, não tem qualquer interesse que não sejam oferecer recepções e assistir desfiles de moda.

— Sim, eu sei. O que não estou entendendo é por que o destino dos filhos de Berger, se a prisão de Jim for confirmada, tem a ver conosco.

— Porque Halil deixou um documento determinando que olhássemos por eles, até que o mais novo faça vinte e cinco anos.

— O quê? São sete anos tomando sob nossa responsabilidade os filhos daquele corrupto safado!

Ele não fala nada e minha irritação aumenta porque sei que já tomou uma decisão. Se há algo a ser dito sobre nós é que nunca damos as costas a uma obrigação, por mais indigesta que ela seja.

— Por que eu não soube disso até agora?

— Eu não falei com nenhum de vocês porque não achei necessário. Apenas Emir tinha conhecimento, inicialmente. Eu também só fui informado há poucos dias pelo nosso irmão, porque como os rumores da prisão iminente de Jim cresceram, ele quis me avisar.

— Vai se tornar tutor dos dois?

— Não. Nada nem perto disso. Eu vou providenciar o necessário para que não sejam enganados se o pai for mesmo preso. Dois jovens de vinte e dezoito anos respectivamente seriam alvo fácil de advogados e gestores desonestos.

— Eles não têm mais nem metade dos bens que possuíam quando Halil era vivo.

— Muito menos do que isso, na verdade. Vivem de aparência há anos. E ainda assim, boa parte será objeto de análise do sistema judicial. É provável que, no fim, eles percam até a roupa do corpo.

— Meu desprezo por Jim só aumenta.

— O de todos nós, mas no momento, eu estou pouco me fodendo para o destino do patriarca. A única preocupação é cumprir a promessa que Halil fez.

— Uma promessa por escrito?

— Sim. Claro que se fôssemos levar a questão à justiça, legalmente não temos obrigação alguma, afinal, quem assumiu a responsabilidade foi nosso padrasto, mas não se trata disso e sabe muito bem. É sobre honra e manter a palavra empenhada.

Eu me levanto e sirvo para nós dois uma dose de *Raki*^[11]. Não tenho por hábito ingerir álcool antes do jantar, mas preciso de algo para anestesiar a irritação.

Volto a me sentar.

— Eu não quero ter nada a ver com isso.

— Qual é o seu problema com os Berger, irmão?

— Nenhum. Eu só não quero contato com eles.

— Nossa ajuda será quase clínica. Não há razão para um envolvimento a um nível pessoal, embora eu pensei que fosse o mais disposto a apoiá-los.

— E por que haveria de ser?

— Porque de todos nós é o que mais conhece a cultura americana.

Eu fiz doutorado na WUM^[12], uma das mais prestigiadas universidades americanas e morei em Boston por vários anos. Todos os meus irmãos estudaram no país em algum momento, mas fui aquele que passou mais tempo por lá.

— Eu não tenho nada contra o país. Não tem a ver com os Estados Unidos em si, mas porque não quero me envolver em qualquer nível com aquela gente.

— *Aquela gente* ou especificamente com a menina?

— O que Qasim já foi lhe falar?

Ele sorri.

— Apenas que você dançou com a filha de Berger há algumas semanas.

— Eu a ajudei. Tirei-a para dançar porque ela parecia desconfortável nos braços de Berat Demirci.

Ao ouvir o nome do nosso compatriota, Cenk faz uma expressão de desgosto.

— Parece que ele e o pai de April têm negócios em comum também.

— Sim. Eles têm, o que demonstra que Jim Berger não é apenas desonesto, mas estúpido — falo.

Ele se levanta e eu espelho seu movimento. Aproxima-se e me beija antes de se encaminhar para a porta.

— Não se preocupe tanto. Como eu lhe disse antes, nossa ajuda será meramente burocrática. Se tivermos mesmo que olhar pelos irmãos, provavelmente apenas eu os verei uma ou duas vezes no mês. Caso o pai vá preso em seu país natal, é certo que os filhos desejarão retornar aos Estados Unidos também, mas talvez não seja possível.

— O que isso significa?

— Uma coisa de cada vez, Kahraman. Eu ainda estou investigando e apenas quando tiver certeza, falarei a respeito.

Ele fecha a porta ao sair, mas ainda assim continuo parado no mesmo lugar, a mente processando todas as informações que acabo de receber.

Por fim, decido mandar uma mensagem para meu irmão Zehab, convidando-o para um *hammam*^[13].

Eu preciso relaxar. Tenso como estou, não há a menor chance de conseguir dormir.



Capítulo 9

Dias depois

— Diga-me que não fez isso, Hayden. Pelo amor de Deus, o que estava se passando na sua cabeça?

Ele olha para o chão e sei que é porque sente-se envergonhado e não consegue me enfrentar.

Até ontem, não tínhamos ideia de onde nosso pai estava, mas para meu desespero, descobrimos da pior forma possível: nos noticiários da tv. O que eu li nos documentos foi confirmado. Ele estava sendo procurado pela Interpol e foi preso tentando fugir para um paraíso fiscal asiático.

Ontem a polícia esteve em nossa casa com um mandado e vasculhou tudo. Levaram várias caixas de documentos e também computadores. Eu soube que o mesmo foi feito nas empresas do meu pai.

— Eu queria me divertir, April, mas principalmente conseguir algo sozinho. Eu pensei que conseguiria ser seu herói.

— Meu herói? Do que você está falando?

— Eu sabia que as coisas não iam bem nos negócios de papai. Ao contrário do que ele pensa, não sou estúpido.

Em qualquer outra situação, eu sentiria pena, mas tudo o que consigo no momento é tentar me concentrar para controlar a ânsia de vômito.

— Você chama jogar um milhão de euros em um cassino de diversão? E que tipo de lugar é esse em que se aceita que um garoto, quase menor de idade ainda, faça apostas tão altas? Se queria ser um herói para mim, falhou miseravelmente, Hayden. Estamos perdidos. Não há a menor chance de conseguirmos pagar esse montante.

Ele me encara pela primeira vez desde que chegou em casa.

Hayden desapareceu da face da Terra por vários dias também, assim como nosso pai antes de ser preso. Manteve-se completamente incomunicável e eu quase enlouqueci.

Eu telefonei para delegacias e hospitais, mas o meu turco não é suficiente para conseguir me comunicar em uma situação como essa.

Nunca lamentei tanto ter me mantido omissa dos negócios da família. Eu nem sequer sei quem são nossos advogados, ou quem devo procurar em uma situação assim.

— Eu já sou um adulto, April. Estava ganhando no cassino. Tinha certeza de que conseguiria voltar para casa rico.

— Assim como eu também sou adulta, mas isso não significa ter a liberdade de apostar um dinheiro que não possuía. Você é um rapaz inteligente. Não sabe que todos os viciados em jogo pensam exatamente assim? É do que os cassinos vivem, Hayden, de dar esperança, iludir jogadores compulsivos.

— Eu não sou um jogador compulsivo. Pelo amor de Deus, nunca tinha feito uma aposta na minha vida até há alguns dias!

— E quando fez, perdeu uma quantia exorbitante. Sequer temos certeza se há esse dinheiro em caixa, Hayden.

— Não há.

— O quê?

— Eu... entrei em contato com os advogados. Estamos quase zerados, April. Quero dizer, ainda temos alguns bens, mas eles disseram que a justiça deve congelar tudo até que nosso pai seja julgado. E se for mesmo condenado, eles usarão o patrimônio para pagar os credores.

— Ai, meu Deus! E agora, Hayden, o que vamos fazer?

Ele está chorando e meu coração dói pelo meu irmão caçula, mas eu não tenho tempo de consolá-lo. Eu preciso agir.

— Ainda tem mais.

— O que pode ser pior do que ter passado dias em um cassino na costa leste da Europa gastando um dinheiro que não temos? Eu não sei se você está ciente das consequências do que fez, mas pode ir preso por conta dessa dívida!

— Eu sei. Ele me disse isso ontem.

— *Ele?* Ele quem?

— É melhor você se sentar, April. Não vai gostar do que tenho para te contar.

Eu obedeço, mais porque minhas pernas estão parecendo gelatina mesmo, embora a última coisa que quero fazer seja relaxar. Estou à beira de um ataque de pânico. Entretanto, eu sei que não posso perder o controle. Se eu me permitir quebrar, Hayden vai desmontar também.

— Fale de uma vez. Eu preciso sair.

— Sair para quê?

— Eu vou na nossa... na empresa do nosso pai para que alguém me explique qual é a nossa situação real. Depois, irei ao

banco, tentar um empréstimo.

— Eu sinto tanto, April...

— Deveria ter pensado antes de apostar o que não temos, Hayden. Chorar agora não vai adiantar nada.

— Eu vou para a cadeia?

Jesus!

— Nós vamos dar um jeito. Agora termine de me contar.

— Foi o senhor Berat Demirci quem me convidou para essa viagem.

Eu repito mentalmente o que ele falou, tentando me convencer de que aquilo é um pesadelo, mas ao mesmo tempo, sei que é muito real.

Ele interpreta meu silêncio como um pedido para que continue a falar, mas a verdade é que eu não conseguiria formar uma frase coerente agora nem para salvar a minha própria vida.

— Naquele dia, na última festa em que você o deixou no salão, ele me disse que me receberia como convidado por uns dias em seu resort em Praga.

— Você esteve na República Tcheca sozinho? — pergunto, chocada demais para continuar fingindo calma. — Pelo amor de

Cristo, Hayden, que mudança foi essa? Por que no céu você viajaria para outro país sem me avisar?

Agora não é só o pânico pela dívida enorme que acumulamos, mas por conta da quebra de confiança também. Sempre fomos melhores amigos. Como ele pôde me enganar assim?

— Sabe o que poderia ter acontecido? Só tem dezoito anos! Não conhece nada da vida ainda!

Ele se ajoelha, chorando e abraça minhas pernas.

— Perdão, April. Pior do que ir para a cadeira, é decepcionar você. Eu só estava tentando proteger a nós dois.

— Levante-se. Nunca implore a quem quer que seja. Perca tudo, menos sua dignidade. — Ele faz o que eu mando e continuo. — Como achou que jogar em um cassino poderia proteger nós dois?

— Sabe que estou estagiando no escritório...

Papai o obrigou a começar a frequentar a empresa, dizendo que um dia seria dele.

— Sim. Continue.

— Como eu disse no começo dessa conversa, descobri que tudo ia mal muito antes de ter sido trazido a público. Eu tive acesso

a algumas informações que acho que não deveria ter lido.

— Sobre o quê?

— A possível prisão do nosso pai.

— Quando foi isso, Hayden?

Eu não conto que também tinha encontrado documentos semelhantes, só que na biblioteca da nossa casa.

— Há cerca de um mês.

Eu tento controlar mais essa decepção que se espalha como um veneno pelo meu sangue.

— E não pensou em me contar nada? Eu não merecia saber?

— Você cuidou de mim a vida toda. Eu quis retribuir, April. Eu queria, por uma vez que fosse, fazer algo para proteger você. Não poderia deixar que ficasse na miséria. Íamos morar aonde? Nenhum de nós dois trabalha. Aquele subemprego como estagiário paga um salário ridículo.

Apesar de sermos ricos, meu pai sempre controlou o dinheiro com mãos de ferro. Nossos cartões de crédito são pagos diretamente pela conta corrente dele. Até onde sei, ao contrário de mim que tenho uma pequena poupança que herdei da minha mãe, Hayden não possui um centavo guardado.

— E para me proteger acreditou na palavra de um estranho?

— Ele mentiu para mim.

— Como?

— O senhor Demirci me disse que eu tinha um crédito ilimitado e que não me pressionaria para pagá-lo caso eu perdesse.

— Eu tenho certeza de que ele não estava se referindo a uma dívida de um milhão de euros, Hayden. Até mesmo para ricos é muito dinheiro.

— Eu estava com sorte. Ganhando todas as rodadas na roleta, então eu comecei a perder e peguei mais dinheiro emprestado para tentar recuperar o que eu havia perdido e quando vi... eu devia ao senhor Demirci um milhão de dólares!

— Quando ele viu que você estava perdendo, não lhe disse para parar?

— Não. Ele me incentivou a continuar.

Desgraçado! Ele se aproveitou da ingenuidade do meu irmão.

— Eu tenho que ir — falo.

Não posso mais ficar perto dele ou acabarei dizendo coisas das quais me arrependerei depois.

— Quer que eu vá com você à empresa?

— Não. Eu quero que me dê sua palavra de que não sairá de casa até eu voltar. Como lhe disse, vou tentar conversar com nossos advogados, e se não houver dinheiro em caixa ao qual tenhamos acesso, irei ao banco.

— April, nós vamos conseguir? — ele pergunta quando eu já estou saindo da sala de estar. — Eu não me importo de ir preso, mas se acontecer algo com você por minha causa, se não houver um teto sobre sua cabeça, eu nunca vou me perdoar. Prefiro morrer do que vê-la sofrer.

— Vem cá, Hayden.

Enquanto o vejo caminhar, o corpo todo denotando derrota, penso que parece mais com um homem de cem anos do que de dezoito.

Ele para na minha frente, mas não me abraça. Parece com vergonha. Eu o puxo para os meus braços, o coração partido pelo seu sofrimento, mas em igual parte por suas ações.

— Nunca mais esconda algo de mim. Sempre fomos nós contra o mundo. Não tome decisões que podem destruir sua vida para sempre.

— Eu prometo, April. Fui estúpido tentando cuidar de tudo sozinho. Talvez eu seja tão inútil quanto o papai diz.

— Não, você é um garoto inteligente que cometeu um erro gigantesco, mas vamos tentar consertá-lo.



Capítulo 10

Eu saio da atual sede das empresas do meu pai mais perdida do que entrei. Além de não entender nada de termos técnicos, os advogados se recusaram a me dar a totalidade das informações, dizendo que somente a mesa diretora teria acesso a elas e nem eu e nem Hayden fazemos parte da diretoria da empresa.

A maneira como meu pai nos alienou de contas bancárias, principalmente eu, que sou a mais velha, agora está cobrando seu preço.

Eu sinto raiva de mim mesma por ter sido sempre tão passiva. Estou ensaiando há mais de um ano dizer a ele que queria ir para uma faculdade e não cursar online como ele impôs, mas me acomodei e deixei que dominasse todas as áreas da minha vida.

Eu me transformei no que ele quis: uma socialite cuja única função na vida é oferecer festas.

Não que se eu fosse dona de uma floricultura agora adiantaria alguma coisa agora porque nunca conseguiria juntar um milhão de euro, mas ao menos, quando, de acordo com o que

acabei de ouvir, os bancos e credores nos tomarem tudo, ainda teríamos um teto sobre as cabeças.

Duas horas depois, passo pela porta giratória do banco que, de acordo com os nossos advogados e como meus cartões de crédito e débito apontam, temos conta.

A diferença de temperatura entre o ambiente que acabo de deixar — uma sala refrigerada, com piso de mármore —, para as ruas de Istambul, é tão destoante que fico um pouco tonta.

Seguro a alça da minha bolsa com firmeza com as duas mãos, andando para a calçada à procura de um táxi, já que o nosso motorista, desde que meu pai desapareceu, não foi mais trabalhar.

Deveria ter sido um sinal de alerta para mim, afinal, os empregados sabem muito das nossas vidas, principalmente o motorista do meu pai, já que ele cansou de fazer negócios na ida para o trabalho.

Eu tenho certeza de que quem me visse agora, acharia que não há nada de errado comigo. Para ser filha do meu pai, a principal característica não precisa ser inteligência, mas a capacidade de ocultar suas reais emoções.

Todos esses anos de treino são bem úteis no momento, caso contrário, eu estaria demonstrando todo o desespero que sinto por dentro.

Eu faço sinal com a mão, mas os motoristas me ignoram e eu sei que é por causa do horário — fim do expediente.

Estou pegando meu celular para chamar um táxi pelo aplicativo quando um carro negro e de janelas também escuras, para ao meu lado na calçada.

Eu recuo para quem quer que esteja atrás de mim poder entrar. Ninguém se aproxima e os veículos começam a buzinar, impacientes.

E então, o vidro traseiro da limusine abaixa e eu fico completamente congelada no lugar quando noto quem é o passageiro.

Kahraman Yavuz Aydin.

— Entre, April. Não vai conseguir táxi a essa hora e presumo que não esteja acostumada a transporte público.

Apesar do calor e de me sentir exausta, eu hesito.

Eu gostaria de tirar a expressão de escárnio do rosto dele quando disse aquilo. Virar-lhe as costas e deixá-lo falando sozinho, mas duas coisas me impedem: a primeira, é o fato de que eu não

quero ficar muito tempo longe de casa porque tenho medo de que Hayden cometa uma loucura.

Ele me assustou muito com aquela conversa sobre morte.

A segunda, é que mesmo que o deteste, Kahraman é um homem de negócios. Quem sabe ele não poderá me orientar sobre como proceder em relação aos credores?

Eu odeio a ideia de pedir ajuda e justamente a ele, mas estou apavorada demais com a dívida que meu irmão contraiu com Berat Demirci. Não se trata só de mim.

Ele usa óculos escuros, mas ainda assim, consigo sentir seus olhos me percorrerem inteira.

Parece saber antes que eu faça qualquer movimento, que venceu aquela batalha porque sai do carro e abre a porta para que eu entre.

Eu passo por ele sem voltar a encará-lo, mas calculo mal a distância entre a calçada e o veículo e tropeço.

Kahraman é rápido em me socorrer e quando mais uma vez estou com seus braços à minha volta, eu não quero me soltar.

Não é um desejo racional, é uma sensação de que estou no lugar certo, com a pessoa certa.

O quão louco pode ser isso?

— Por mais que eu goste de sentir esse corpo pequeno contra o meu, estamos atrapalhando o trânsito, senhorita Berger.

Sinto minhas bochechas esquentarem e finalmente volto ao mundo real.

Deus, se dançar com ele já testou meus limites naquele dia, o que acontecerá em um espaço tão diminuto quanto o interior de um veículo?

Não leva muito tempo para eu descobrir. Assim que tem certeza de que eu me sentei, ele se acomoda ao meu lado.

E eu quero dizer exatamente isso — ao meu lado —, porque apesar de haver a possibilidade de manter distância nos bancos, Kahraman não faz nada para afastar sua coxa musculosa da minha.

Fico chateada com o modo como meus dedos tremem ao fechar o cinto de segurança e mais ainda porque ele executou a tarefa em si mesmo rapidamente e com destreza.

— Precisa de ajuda?

Novamente sinto ironia em seu tom e com a cabeça baixa, sacudo de um lado para o outro, fazendo que não.

O bendito cinto não encaixa e meu nervosismo só faz piorar. Vejo suas mãos se aproximando, mas não me rendo ainda.

Ao invés de afastar as minhas para tomar a tarefa para si, no entanto, ele as sobrepõe, guiando meus dedos no dispositivo.

Eu não consigo me impedir de levantar a cabeça para encará-lo e por um instante, tenho a sensação de que vai me beijar.

Entretanto, um carro buzina atrás de nós e ele fecha o cinto, sentando ereto no banco logo em seguida.



Capítulo 11

Não foi por isso que vim.

Eu não quero desejar mergulhar naqueles olhos, pensar no quanto sua boca está próxima ou em como estou louco para sentir aqueles lábios cheios, ajoelhada agora mesmo no piso da limusine, tomando meu pau.

A única razão de ter vindo à procura de April foi a pedido do meu irmão.

A prisão de Jim foi decretada, justo em um momento em que Cenk está fora do país, assim como Emir. Ele me pediu que viesse encontrar os filhos do bastardo, e como minha confiança na capacidade mental de Hayden é nula, saí à procura da irmã.

— Sabe por que vim?

Ela estava olhando para fora da janela, mas depois do que falo, me encara.

— Não estava passando, apenas?

Parece realmente surpresa.

— Não, eu vim encontrá-la depois que seu irmão me disse que tinha ido à empresa e também ao banco.

Eu me virei no assento para encará-la, me forçando a lembrar a razão pela qual a mulher está no meu carro, mas por mais que eu tente me manter indiferente, não posso deixar de notar as olheiras em volta dos olhos que também parecem irritados.

Esteve chorando?

— Eu não estou entendendo, senhor Aydin.

— Seu pai foi preso.

— Eu sei. Não veio aqui para me dizer algo que já é de conhecimento público — fala, como se tentasse controlar a irritação.

— Não seja irônica.

— Por que esse é um privilégio só seu?

— Eu achei que fosse mais madura, April.

— Enganou-se. Tenho vinte e sei muito pouco da vida. Ser comedida ao expressar o que sinto e penso não significa maturidade, e sim, que fui treinada para me comportar desse jeito.

Ela falou mais comigo e mostrou mais de si mesma nesses poucos minutos do que em todas as vezes em que a encontrei antes. Entretanto, não tenho a intenção de me permitir sentir qualquer empatia por sua suposta vida de opressão. Por tudo que já

pude observar sobre ela, April não passa de uma garota mimada como tantas outras oriundas de famílias privilegiadas ao redor do mundo.

— Jante comigo. Precisamos conversar.

— Eu... huh... preciso ver meu irmão.

— Seu irmão já tem dezoito, April. É um adulto.

— Por que esse convite? Mal falou comigo até o dia em que me tirou para dançar naquela festa.

— Não ache que estou cortejando-a. Saberá se fosse o caso.

As bochechas dela ficam rubras.

— Nem passou pela minha cabeça.

— Está caindo consideravelmente no meu conceito desde que comecei a conhecê-la melhor, senhorita Berger. Suas mentiras se multiplicam sem controle.

— O que quer de mim, então? — pergunta, sem tentar negar outra vez que sim, estava pensando que eu tinha interesses ocultos.

— É sobre seu futuro e o de seu irmão. Sabe que seu pai já foi sócio do meu padrasto?

— Seu padrasto? Eu o conheci?

— Não. Ele já faleceu há muitos anos. Jante comigo e eu explicarei tudo.

Ela acena com a cabeça, concordando, embora seu rosto denote confusão.

O percurso de quase meia hora se faz em silêncio e quando enfim chegamos a uma das salas privadas do restaurante cinco estrelas Michelin, que pertence ao meu irmão Qasim, eu puxo a cadeira para que ela se sente antes de explicar o que preciso.

Eu não pretendo passar um segundo a mais do que o necessário ao lado de April Berger.

Percebo que ela olha ao redor, admirada com a decoração toda em negro, minimalista. Eu não costumo frequentar esse restaurante porque quando saio com minhas mulheres, procuro ser discreto e as pessoas aqui vêm para verem e serem vistas.

Foi por essa razão que escolhi a sala privada, reservada normalmente para chefes de governo em visita ao nosso país.

— É muito bonito — ela diz.

Eu sei que nunca veio aqui. A lista de espera é de seis meses e os clientes aceitos, escolhidos a dedo. Assim como eu, meu irmão não iria querer Jim Berger e os filhos em seu estabelecimento.

— Sim.

O garçom se aproxima para oferecer bebidas, mas tudo o que ela pede é água. Em seguida, quando pergunto o que quer comer, April

diz que não está com fome, então eu posso fazer os pedidos.

Depois que dou as instruções ao garçom, pergunto:

— Tem noção de que todos os bens de vocês serão congelados?

Até mesmo a casa em que moram.

Caso não estivesse atento, poderia deixar passar um leve tremor em seus lábios, mas eu percebo, assim como o modo com que se força a impedir que qualquer emoção transpareça.

— Sim. Como eu lhe disse antes, fui à empresa há algumas horas.

— E depois seguiu para o banco para tentar um empréstimo.

— Isso mesmo.

— E eles lhe disseram que não é qualificada.

Ela desvia os olhos dos meus e foca no próprio prato.

— April?

— Foi exatamente o que me falaram. Pode por favor agora me contar sobre a razão de ter me chamado para jantar?

— Não foi um convite social, e sim, necessário. Meu padrasto deixou determinado em um documento que caso algo acontecesse com seu pai, ex-sócio e amigo dele, nós deveríamos ajudá-los a gerir os negócios. Exceto que não há nada para ser gerido. Estão na miséria, April.

Eu não falo com a intenção de feri-la, mas por uma questão de fato. Desconfio que foi criada como uma princesinha, completamente fora da realidade e está na hora de entender que as cores do mundo não são rosa. Na maior parte das vezes, variam em um cinza sujo.

Ela empalidece ainda mais e mesmo sem querer me importar, eu o faço. O meu desprezo por Jim aumenta ao constatar que deixou os filhos completamente à descoberta. Há uma chance de que nem se lembre do acordo que fez com meu padrasto. Além do mais, com Halil morto, quem poderia garantir que cumpriríamos a palavra dada?

— Convidou-me para jantar para jogar na minha cara que somos pobres agora?

— Não. Na verdade, eu e meus irmãos, antes de sabermos que estavam totalmente quebrados, pretendíamos providenciar gestores para auxiliá-los no que fosse preciso.

— Apenas porque seu padrasto empenhou a palavra.

— Honra para nós tem peso de ouro, April, independentemente do quanto desprezemos as ações do seu pai.

— Como pode acusá-lo? Ele não foi julgado.

Eu a estudo por vários segundos para tentar concluir se é mesmo tão ingênua.

Talvez seja uma alienada que nunca deu a mínima para de onde sai o dinheiro.

— Não tem mesmo a menor ideia de quão grave seja o que seu pai fez, não é? O envolvimento dele em atividades ilegais pode garantir uma pena de prisão perpétua.



Capítulo 12

— Atividades ilegais? — repito, me sentindo subitamente tonta.

— Quer a verdade ou uma versão suave?

— A verdade.

— Se o que descobrimos for um fato, seu pai tem ligação inclusive com o narcotráfico mexicano.

— Drogas?

Espalmo as duas mãos na mesa, tentando me manter firme porque a sensação que tenho é de que todo o aposento gira à minha volta.

— Não vendendo. Lavando dinheiro para eles. Cenk e eu conversamos ontem e concluímos que não é uma boa ideia voltarem aos Estados Unidos. Aqui, poderemos protegê-los.

— Acha que esses homens... que eles poderiam...

— Eu não faço a menor ideia. Nunca negocieei com esse tipo de gente, April. Seu pai estaria mais qualificado para lhe explicar, mas suspeito que não irá fazê-lo.

— Será que eu consigo visitá-lo na cadeia?

— Podemos providenciar isso. Como lhe disse, daremos apoio até que consigam reestruturar suas vidas.

— Mas teremos que permanecer para sempre aqui?

— A ideia lhe desagrada tanto assim?

— Não é o país, é a cultura. Apesar de já estarmos há quase um ano em Istambul, sabemos muito pouco do seu povo. Somos estrangeiros no sentido total da palavra.

— Talvez então esteja na hora de crescer. Tomar as rédeas da própria vida.

A maneira como ele diz isso me põe em guarda outra vez. Por um instante eu cheguei a pensar que havia um oferecimento de amizade por parte dele, dada a promessa que seu padrasto fez a papai, mas agora percebo que estou enganada.

Ele realmente nos despreza. Não apenas o meu pai, mas esse desprezo se estende a mim e a Hayden também.

— Vai perder sua casa muito em breve. Ela pertence agora a Berat Demirci.

— Então é verdade...

— O que é verdade?

— Há cerca de uma semana, o senhor Demirci esteve na minha casa. Ele me disse que eu deveria ir a uma recepção que ofereceria

para servir de anfitriã ao lado dele e que depois... — Eu paro e dou um gole na água que o garçom acaba de servir. — E que depois, viajaríamos juntos para a Capadócia. Eu achei que tinha enlouquecido. Nunca nos relacionamos e lhe disse isso.

— E o que mais?

— Ele falou que nossa casa lhe pertencia, e que eu iria me arrepender se não aceitasse a proposta. Apesar de que...

— O quê?

— Não era um proposta. Ele falou que eu não tinha escolha.

Eu decido não contar sobre o dinheiro que meu irmão perdeu em Praga. No meio do caos em que nos encontramos, talvez a família Aydin seja nossa última esperança. Se souberem o quão grave são nossos problemas, não só os do meu pai, mas agora com a dívida do jogo, meus e de Hayden também, talvez decidam nos virar as costas.

— Eu vou providenciar para que se mudem o mais rapidamente possível — diz, já pegando o telefone.

— Como assim?

— Quer ter alguma coisa com Demirci?

O descaso com que ele pergunta isso, depois de ter me prendido em seus braços na noite da festa e confessado que me desejava, é

quase ofensivo. Ele deixa claro que a atração que sente por mim não é algo incontrolável.

— Responda, April.

— Não, eu não quero nada com o senhor Demirci.

— Então providenciarei para que tenham um lugar para morar e vou colocar guarda-costas vigiando-os também.

Eu gostaria de dizer que não precisa, mas depois das ameaças que o outro turco me fez, eu não vou brincar com a sorte.

— Quando? — pergunto assim que ele encerra o telefonema. Mesmo que eu não tenha entendido a conversa porque ele falou rápido demais com seu interlocutor, sei que era sobre isso.

— Amanhã mesmo, se quiser. Basta me dizer.

— Eu quero. Vou lhe pagar também. Tenho dinheiro guardado. Não muito, mas o suficiente para garantir um teto sobre nossas cabeças. E se vou ficar mesmo na Turquia, pretendo conseguir um emprego.

— Para trabalhar com o quê? Já fez alguma coisa na vida além de ficar linda para ir a festas?

Sinto minha garganta trancar.

— Eu mudei de ideia. Não quero jantar, senhor Aydin.

Não lhe dou chance de protestar, me levantando em seguida.

Não foi o que ele disse o que me atingiu como uma pedrada, mas o fato de ser verdade. Tenho vinte anos e não sei fazer nada além de ser um objeto de decoração.

— Como queira. Eu vou providenciar que meu motorista a leve para casa. Assim que conseguir organizar sua mudança e a visita ao seu pai, eu a informarei. Nesse meio tempo, não permita que qualquer um tente expulsá-los de lá e se Demirci aparecer, pode me telefonar — finaliza, tirando um cartão do bolso.

— Se nos despreza tanto, por que se dar ao trabalho de nos apoiar?

— Porque ainda que meu padrasto claramente tivesse um péssimo gosto para amigos, foi o homem que nos criou. Ele merece que honremos sua palavra.

— Mas é um homem rico, senhor Aydin. Poderia perfeitamente ter mandado algum empregado atrás de mim, sem a necessidade desse jantar. Uma visita ao seu escritório não seria mais adequada?

Ele não fala nada, mas percebo que seu maxilar está contraído de tensão. Não planejei provocá-lo, mas há algo no homem que sempre me empurra a entrar em guerra com ele.

— O que está tentando dizer, April? Eu não gosto de joguinhos.

— Nada de mais, apenas algo que me ocorreu. Disse-me que seu padrasto tem um péssimo gosto para amigos ao escolher meu pai como um. Eu lhe digo que de acordo com a antipatia que sentimos um pelo outro, também temos um péssimo gosto para escolher por quem nos atraímos.

Eu termino de falar e lhe viro as costas, andando pelo restaurante de cabeça erguida.

Somente quando chego do lado de fora e vejo o motorista me aguardando é que um pensamento me ocorre.

Sim, eu sinto um passo além de antipatia por Kahraman, mas contraditoriamente, ele também é a única pessoa no mundo, meu irmão incluído nessa lista, com quem fico à vontade para ser eu mesma.

Fecho o cinto de segurança, dessa vez acertando de primeira, já que não tenho aqueles olhos prateados me vigiando os movimentos.

Recosto a cabeça e cerro os olhos, pensando na conversa que acabo de ter.

Kahraman.

O nome dele significa herói em turco e por mais que eu não goste do homem, é isso o que ele será para mim e Hayden no momento. Um herói.

Relutante, cheio de desprezo por nós, mas ainda assim, um herói.



Capítulo 13

Eu mal piso no hall da nossa casa e Hayden vem ao meu encontro.

— Onde você estava? Eu quase morri de preocupação.

— Com o senhor Aydin.

Ele acena com a cabeça, parecendo aliviado.

Eu vim o caminho todo pensando no que fazer e se deveria revelar ao meu irmão o que Kahraman me contou sobre o envolvimento do nosso pai com lavagem de dinheiro para o narcotráfico. Eu mesma quase não posso acreditar em algo assim e aos poucos, me dou conta de que nunca conheci o homem que me criou.

— Ele vai nos ajudar?

— Por que está me perguntando isso?

— Qual a outra razão para um homem como ele querer falar com você... a não ser que vocês dois...

— Nem termine a frase. A resposta é não. Só há uma razão para que Kahraman tenha me procurado e eu vou te explicar, mas primeiro preciso de um banho. Eu já desço.

Eu mal piso no primeiro degrau e ele me chama.

— O que foi?

— O senhor Berat telefonou também. Além de me cobrar a dívida, disse que a casa lhe pertencia e que se você não for ao encontro dele depois de amanhã, vai se arrepender. Sabe do que está falando?

— Sei, sim, mas não vai ser necessário ceder àquele miserável. Vai ficar tudo bem, Hayden.

Enquanto entro embaixo do chuveiro, penso em minhas economias, fruto do que minha mãe me deixou ao falecer. O dinheiro é uma gota de água no mar de dívida em que nos encontramos porque quando ela conheceu papai, era pobre e depois que se casaram, nunca trabalhou, mas ao menos fará com que eu possa prover o básico para nós dois. A ideia de dependermos da família Aydin, que claramente nos despreza, até para comer, é degradante demais.

Houve uma razão para que eu concordasse tão rapidamente com a ajuda que Kahraman me ofereceu: muito além do medo de ficar no

meio da rua, é o de que meu irmão seja preso. Ao menos agora teremos um lugar para morar. *Só falta* conseguir um milhão de euros.

Deus!

Trinta minutos depois, estamos sentados à mesa da cozinha.

Hayden come um sanduíche de rosbife, tipicamente americano, já que não consegue se adaptar à culinária local. Eu me contento com um chá quente.

— Está me dizendo que eles vão nos ajudar a troco de nada?

— Não é a troco de nada. Homens honrados cumprem com sua palavra, irmão.

— É, se há algo que não se pode negar é que aqueles magnatas turcos exalam honra por todos os poros.

— Ao contrário do senhor Berat, Hayden. Como pôde cair em um armadilha como essa? Ele usou você para me chantagear.

— Por quê?

Eu rapidamente explico para ele a visita ameaçadora de Berat Demirci.

— Jesus, April! Eu não tenho palavras para dizer o quanto me arrependo.

— Um arrependimento de um milhão de euros que não temos como pagar.

— O senhor Aydin...

— Não. Nem pense nisso. Eu vou à cadeia visitar nosso pai. Não é possível que ele não tenha dinheiro guardado em algum lugar. Se ao menos conseguíssemos pagar sua dívida de jogo.

— Nossa, ouvir você falar isso, em dívida de jogo, faz com que eu me sinta um bandido.

— Bandido, não, mas muito irresponsável. Eu te amo, Hayden, mas ainda que acredite em suas intenções, não vou passar a mão na sua cabeça e fingir que não estou decepcionada.

Ele para de comer e eu me sinto um pouco culpada, mas amar é educar também.

E então, algo me ocorre.

— Espera, talvez haja uma solução. Nosso pai acaba de comprar um helicóptero que vale muito mais do que um milhão de euros. Ele não estava listado entre os bens que o banco vai confiscar. Eu prestei atenção.

— Há uma razão para isso — diz.

— Não entendi.

— O helicóptero não pertence ao papai. Ele é do senhor Berat Demirci.

— Ai, meu Deus...

— Nossa vida foi por anos apenas uma fachada, April. Depois que eu perdi na última rodada no cassino, o miserável me contou tudo. Ainda que nosso pai não tivesse preso por corrupção, estava nas mãos do senhor Demirci desde que viemos morar na Turquia. Se quer um palpite, eu acho que nos mudamos para cá por causa dele.

— Por quê? Isso não faz sentido. Se o nosso pai estava falido há muito e vivia de aparência às custas do senhor Demirci, é certo que o empresário turco sabia que ele não teria como pagá-lo. Como pôde concordar com algo tão idiota? E ainda tem o crédito que lhe deu. Foi a troco de quê?

— Eu tenho um palpite, baseado no que me contou da visita dele aqui.

Antes que abra a boca, eu fico horrorizada com o que está sugerindo.

— Não, ele não faria isso.

— Eu sinto muito, irmã, mas acho que faria sim. E eu só fiz piorar tudo ao contrair a dívida do cassino.

Ele empurra o prato e deita a cabeça no tampo da mesa, chorando sem parar.

Eu espero que desabafe, principalmente porque estou muito perdida nesse instante também.

Eu não sei quanto tempo se passa até que ele ergue os olhos avermelhados para mim.

— Ele vendeu você.

— Não se pode vender um ser humano.

— Eu acho que ele sabia que iria preso, April, e optou por aproveitar o que lhe restava de liberdade, prometendo àquele homem que você cederia a ele.

— Eu prefiro morrer a ficar com alguém contra a minha vontade, Hayden.

— Não diga isso. Temos os Aydin para nos apoiar agora.

— Mas e a sua dívida?

— Eu tenho um prazo. Ele me deu cerca de um mês para resolver tudo.

Não falo mais nada. Sou sempre positiva, mas dessa vez, por mais que procure, não consigo enxergar uma saída.



Capítulo 14

Eu comecei a guardar minhas coisas para poder me distrair. Estou ansiosa aguardando o telefonema de Kahraman para saber se vou poder visitar meu pai na prisão ainda hoje.

Devo ser muito estúpida mesmo, porque embora eu saiba que tudo o que estamos passando é responsabilidade dele, eu não dormi a noite, preocupada em como ele está na cadeia. Papai cresceu no meio do luxo, veio de uma família rica, então eu não consigo imaginar como deve ser degradante para ele ser trancafiado em uma cela.

Para um homem que sempre se considerou intocável, acima do bem e do mal, deve ser um grande golpe em seu orgulho ser levado à prisão.

Por que será que ele nunca me falou do acordo com o padrasto de Kahraman?

Porque ele nunca a considerou digna de saber nada sobre seus negócios — uma voz sussurra. — Foi desse jeito que chegou aos vinte anos como alguém completamente incapaz.

Entretanto, estou decidida a mudar esse cenário. Com a insônia, passei a noite no Youtube assistindo vídeos sobre crimes de colarinho branco e também a punição.

Apesar de que se o que Kahraman disse for verdade, há muito mais por trás dessa história, ao ponto de fazer com que corramos risco de morte.

Eu não sei como o narcotráfico cobra suas dívidas, caso papai esteja devendo aos criminosos também, mas sei que crimes de corrupção e evasão fiscal, que foi o que ele fez ao sonegar impostos nos Estados Unidos, são punidos com severidade em nosso país.

Jesus!

Olho para as roupas espalhadas aos meus pés.

Separei três malas, mas não colocarei tudo o que possuo dentro delas. Não daria nem para o começo. Eu precisaria de ao menos umas quinze, mas fiz um pacto comigo mesma de que irei encher apenas essas e levarei o resto para doar. Já passou da hora de estourar minha bolha e viver a vida como um ser humano normal.

Pego duas bolsas, uma para a noite e outra para o dia e guardo junto ao resto da minha “mudança”. Quando puxo uma caixa de cima de uma prateleira do closet, ela cai no chão e várias fotografias se espalham.

Na maioria, somos nós dois, eu e Hayden, com mamãe. Nem quando ela era viva papai parava muito em casa e agora, olhando as imagens dela e não mais com as lembranças que guardei em minha mente de criança, vejo que seu sorriso era triste.

Caloroso, mas ainda assim, triste.

E então eu encontro outras fotografias da adolescência dela. Nestas, sim, está sorrindo com o rosto todo, os olhos brilhantes, as bochechas coradas.

Foi meu pai quem roubou sua alegria de viver?

Eu não consigo recordar. Apesar de que quando estava conosco fosse sempre carinhosa, ficávamos mais nas mãos das babás.

Fecho os olhos, pensando na promessa que lhe fiz em seu leito de morte e também das consequências para Hayden se não conseguirmos pagar a dívida de jogo.

O meu celular toca e eu corro para pegá-lo na mesinha de cabeceira.

É Kahraman. Eu gravei seu número do cartão que me deu porque preciso de ao menos cinco segundos para me preparar para falar com ele.

— Alô.

— *April, sou eu.*

Deus, como ele consegue ser sexy mesmo soando tão arrogante?

Sou eu!

Ele tinha certeza de que estava em minha agenda.

— Eu quem? — não resisto em provocar.

Não importa que o mundo esteja desabando ao meu redor, ele desperta meu pior lado.

— *Gosta de jogar, senhorita Berger?*

— Talvez eu esteja só tentando ajudar em seu crescimento como ser humano. Sabe, fazendo com seja um pouco mais humilde.

— *Eu queria saber se seria tão corajosa caso estivesse na minha frente.*

— Já estive na sua frente e nem por isso deixei de dizer o que pensava, senhor Aydin.

— *Eu gosto de como me chama: senhor Aydin. Gostaria de ouvir isso em outro contexto.*

Eu tenho certeza de que ele está irritado, mas devolvendo a provocação também.

Sinto o coração disparado e é tentador ter um pouco de diversão no meio do caos, mas não é inteligente ficar aborrecendo uma das únicas pessoas que pode nos ajudar.

Decido mudar de assunto.

— Ligou para falar sobre o meu pai?

— *Sim. Eu providenciei para que um advogado a acompanhe na visita daqui a pouco.*

— É necessário?

— *Se quiser privacidade com seu pai, tudo bem — fala como se tivesse o direito de decidir por mim —, mas não gosto da ideia de que vá a um presídio sozinha.*

— Eu... agradeço. Era só isso?

Não quero ser grosseira, mas falar com ele não faz bem para minha saúde coronária.

— *Avise-me quando sair de lá.*

— Por quê?

— *Para que possamos... hum... conversar sobre a mudança.*

— Sobre isso... será que pode ser hoje mesmo? Eu não gostaria de ficar mais uma noite aqui.

— *Aconteceu alguma coisa?*

É tentador contar a verdade a ele, mas então eu me recordo que a preocupação que demonstra comigo não é algo pessoal e sim que deve estar em seu DNA. Lembro muito bem de como falou sobre minha inexperiência para qualquer trabalho. O tom de deboche.

Não há nada mais difícil do que ter que ser grata a alguém que detestamos.

— Não. Eu só não quero continuar nessa casa mesmo — finalmente respondo —, agora que sei que ela não nos pertence mais.

— *Telefone-me assim que sair do presídio e então conversaremos a respeito.*

— É o único irmão que pode falar comigo?

— *Que tipo de pergunta é essa?*

— Pelo que eu entendi, seu padrasto deixou como tarefa que os filhos olhassem por nós. Está claro que não gostaria de estar conversando comigo, senhor Aydin.

— *O que eu gosto não vem ao caso. Agora seja uma boa menina e me telefone quando sair da visita ao seu pai.*

— E o que acontece se eu não for uma boa menina?

— *Não me provoque, April. Eu não gosto de você ou de sua família, mas eu te desejo. Se eu decidir ir atrás de você, não conseguirá me parar e vai acabar machucada. Eu não sou seu felizes para sempre. Não estou atrás de uma namorada.*

— É recíproco — falo sem pensar e depois me corrijo rapidamente. — Sobre o gostar, eu quero dizer.

— *Claro que foi isso o que quis dizer* — ele ironiza. — *Não me confunda com os homens que deve estar acostumada a manipular. Eu quero você, mas não pense que meu tesão muda alguma coisa. Se eu te levar para a cama, vou embora no dia seguinte sem olhar para trás.*

— Tenha um bom dia, senhor Aydin.

Eu desligo o telefone sem esperar resposta.

Deveria me sentir muito afrontada com o que ele falou, mas ao invés disso, penso em como seria passar uma noite nos braços de um homem como Kahraman.

Aproveitar todos os prazeres que ele pode me proporcionar sem me sentir culpada e depois seguir com a minha vida.



Capítulo 15

— *O que exatamente está me dizendo, meu filho?*

— Não precisa se preocupar com isso, mãe. Estou apenas avisando para que saiba que de algum modo estamos relacionados com o empresário americano que foi preso há alguns dias.

— *E que tipo de relacionamento você poderia ter com um criminoso?*

Eu respiro fundo para me acalmar, porque a vontade que tenho é de responder que ela deveria perguntar isso ao finado marido.

— Halil deixou por escrito, em uma carta à parte do testamento, que caso acontecesse algo a esse homem, deveríamos ajudar a gerir os negócios dele para que os filhos ficassem em segurança. Ocorre que não sobrar nada. Eles têm dezoito e vinte anos, respectivamente, e nem um tostão para se manterem, até onde eu sei.

Ela dá um suspiro irritado do outro lado. Fico imaginando como deve ser para a minha mãe descobrir tantos segredos do marido depois de sua morte.

Primeiro foi atestar o quanto nosso padrasto foi canalha com a mãe de Malu^[14], minha cunhada, durante a juventude. Depois, descobrir que ao renegar o próprio filho biológico, transformou-o em um psicopata que perseguiu meu irmão por anos, em busca de vingança^[15].

— *O que significa que esse amigo de Halil não é só um corrupto ordinário, mas um péssimo pai também. De acordo com a idade dos dois, suponho que não estejam envolvidos.*

— Até onde sabemos, não.

— *O que isso significa, Kahraman? Não quero vocês perto deles se não tiverem certeza de que são pessoas honestas.*

— Mãe, há uma palavra empenhada nessa promessa: a de seu marido falecido. Ele não está aqui para desfazê-la, então cabe a nós cumprirmos todos os termos.

— *E que termos são esses?*

— Como eu lhe falei, eles não têm nem onde morar, então os acomodarei em um imóvel até que possam tocar a própria vida.

— *O que deve levar anos. São muito jovens.*

— Sim, eu sei. Agora, eu preciso ir. Só não queria que fosse pega de surpresa se acontecer de noticiarem que me viram com April.

— *April é a filha?*

— Exato.

— *E por que o veriam com ela? Deixe que alguém cuide disso, Kahraman. Temos pessoas qualificadas para esse tipo de função. Não gosto da ideia de ter qualquer um dos meus meninos envolvidos com filhos de um criminoso.*

— Mãe, como bem disse, *filhos* de criminosos. Eles são inocentes até que se prove o contrário.

— *Então quer dizer que tem dúvidas?*

— Não, mas eu não confio em qualquer pessoa de fora da família. Agora eu preciso mesmo desligar.

— *Vem no fim de semana?* — ela muda de assunto. — *Eu agora tenho a sensação de que preciso organizar uma agenda, ou melhor, talvez eu deva contratar uma equipe inteira de assessoria apenas para organizar a vinda dos meus filhos à minha casa. Uma mãe não deveria sofrer tanto para ter a família reunida* — exagera.

Apesar do dia de merda, em que passei boa parte tenso, eu consigo rir do drama dela.

— Mãe, nós almoçamos juntos na semana passada.

— *Eu sei, mas precisei quase implorar para que viessem todos ao mesmo tempo. Não sabe o que significa para o coração de uma mãe ver sua grande família reunida.*

— Eu vou fazer o possível para ir, mas talvez tenha que viajar.
Não posso confirmar ainda.

— *Viajar para onde?*

— Mônaco.

— *Comprou outro barco?*

— Não.

Eu não direi a ela que minha intenção é encontrar uma modelo com quem estou saindo ou vai começar a falar sobre a necessidade de encontrar uma boa mulher para eu me casar.

Inclusive sei que já andou pesquisando entre as filhas solteiras das amigas.

— *Não vai me contar, não é mesmo? Aposto que tem uma dessas dezenas de namoradas suas no meio desses planos de viagem.*

— Tenha um bom dia, mãe. Eu avisarei se puder almoçar no domingo.

Assim que desligo o telefone, a secretária me comunica que meu chefe de segurança está esperando na antessala.

— Mande-o entrar.

Apesar da formalidade em se anunciar, eu tenho mais intimidade com Luther do que com muitos dos meus parentes.

— Chefe, está tudo certo. A senhorita Berger se encontra visitando o pai no presídio nesse exato momento. Mandei que dois dos meus homens a esperassem do lado de fora e ela entrou com o advogado que o senhor enviou.

— Ela parecia calma?

— Quer a verdade? — Concordo com a cabeça. — Ela finge bem, mas estava muito nervosa. Se me permite a liberdade, a senhorita Berger não pertence a lugares feios. É um tipo de princesa.

Eu olho para ele, sentindo a irritação se espalhar pelo meu sangue.

— Para você, ela é um trabalho, Luther. Eu nem preciso dizer isso.

Ele sorri.

— Nunca achei que pudesse ser qualquer outra coisa. A menina é uma “nobre”, totalmente fora do meu campo de ação. O comentário foi apenas porque vê-la entrar naquele lugar... eu não sei. Não parece certo. É como assistir um anjo caminhando para as portas do inferno.

Quem o ouve falar pode pensar que é um homem sensível e não um profissional treinado para matar.

— Os homens que colocou tomando conta dela, quão bons eles são?

— Eu não contrato nada abaixo do excelente, chefe. Ela estará segura.

Ele se afasta, dirigindo-se à porta, mas vira para trás e sorri.

— Achei que era para cuidar da segurança dos dois. Não me perguntou sobre o rapaz.

— Sim, nenhum dos dois deve correr riscos, mas no momento o alvo é April.

— Por causa de Demirci?

Quando mandei que ele providenciasse homens para protegê-la, expliquei a razão.

— Sim.

— Ninguém vai tocar nela, Kahraman. Pode ficar tranquilo.



Capítulo 16

Eu tento me levantar logo que o vejo, mas as pernas não obedecem o comando do cérebro.

Apesar do uniforme da prisão de segurança média, não parece doente. Ainda assim, eu não consigo disfarçar o choque. É a primeira vez, que eu me lembre, que usa uma camiseta fora de situações de férias.

— Não deveria estar aqui. A prisão não é lugar para uma dama como você.

É a primeira coisa que me fala após dias sem me dar notícias, sem sequer me dar uma pista de que teria sua prisão decretada.

Ele nem chega a se sentar na sala que foi permitida a visita. Olha-me de baixo para cima.

— Boa tarde, pai. O que exatamente esperava que eu fizesse? Sou sua filha. Eu precisava falar com o senhor pessoalmente.

— Sabe que não gosto de emotividade, April.

— Não se trata de ser emotiva. Estou fazendo o que fui treinada para: tentando manter nossa família unida mesmo em meio ao caos.

— A única coisa que tem que fazer é seguir as instruções de Berat.

— O quê?

— Ele me disse que foi visitá-la.

— Se por *visitar* se refere a ter tentado me intimidar e me dizer que as mulheres dele devem ser obedientes, sim, ele foi me visitar.

— Não fique histérica. O homem está interessado em você e é um excelente partido. Acha que conseguirá coisa melhor?

— Passou pela sua cabeça que eu não estou à procura de um namorado? Ou ao menos me informar desse interesse do seu amigo antes de permitir que ele me ameaçasse dentro da nossa casa... opa, mas espera, a casa não é nossa mais. Nem mesmo aquele helicóptero é nosso.

Eu não consigo parar agora que comecei. Foi uma vida inteira engolindo tudo calada e nem mesmo em um momento como esse ele consegue demonstrar um pinga de sensibilidade.

Deus, eu estou morrendo de vergonha! O advogado que Kahraman providenciou para me acompanhar está escutando cada frase de desprezo que meu pai me dirige.

Nada está acontecendo como eu imaginei que seria. Eu não sei o que esperava, mas certamente não era encontrar um homem raivoso mesmo depois de ter sido confinado no meio de criminosos.

Ele próprio é um criminoso — eu me recordo.

Segundos depois, fico decepcionada comigo por ter sido tão tola, mesmo depois do que descobri a respeito dele.

Eu cheguei aqui, como sempre, à espera de orientação, quando deveria ter entendido de uma vez por todas que sou eu quem vai controlar minha vida daqui por diante.

— Sim, perdemos tudo.

— Tudo?

— Sim, estamos zerados. Por quê? Está precisando de um vestido novo? Se for o caso, sabe onde consegui-lo — debocha.

Eu queria muito falar sobre o “vestido” de um milhão de euros que estou precisando — a dívida que Hayden contraiu com o cretino do Berat —, mas a lealdade ao meu irmão não permite. Além do mais, de que adiantaria? Ele acabou de dizer que não sobrou nada para pagá-la.

— O que veio fazer aqui, April?

— Em primeiro lugar, confirmar uma informação que obtive de que será extraditado para os Estados Unidos.

Eu li nos jornais hoje cedo. A imprensa turca não para de noticiar a prisão dele.

— Informação confirmada. Lá terei mais conforto. Espero ser manejado para uma prisão federal em nosso país. Isso aqui é um inferno na Terra. Qual o próximo tópico dessa conversa inútil?

Eu tenho vontade de gritar de frustração. Nem em meus piores pesadelos eu achei que essa visita acabaria assim.

— Que tal me falar sobre um pacto, ou melhor seria dizer, uma *promessa* que pediu que seu amigo, o senhor Halil, o padrasto falecido dos irmãos Aydin, lhe fez sobre cuidar de mim e de Hayden caso algo viesse a lhe acontecer?

— O quê?

A pele fica subitamente pálida e por um instante, eu me preocupo, então ele se levanta furioso, vermelhidão se espalhando por seu pescoço.

— Esqueça esses filhos da puta!

Meu Deus do céu, o advogado ouvindo ele ofender o próprio cliente!

— Por que eu deveria fazer isso?

— O trato que fiz com Halil não vale mais. Foi logo quando sua mãe faleceu. Eu nem lembrava disso!

— Mas eles aparentemente sim, e estão estendendo a mão para mim e Hayden.

— Não precisamos daqueles turcos. Eles nos odeiam.

— Você não precisa, porque eu não enxergo outra saída. Nem mesmo aos Estados Unidos podemos voltar, pai. Seria perigoso para nossas vidas.

Eu jogo essas últimas informações intencionalmente para ver se o que Kahraman me contou sobre o narcotráfico procede. Seu rosto me dá a resposta em questão de segundos.

— Não podem mesmo. Precisam ficar na Turquia.

— Por quê? — pressiono.

— Como pode ser tão estúpida? Estamos em uma prisão. Eu não devo falar sobre isso. Será que não pode por uma vez sequer obedecer sem questionar?

Eu sinto como se tivesse levado um soco na boca do estômago e levanto-me lentamente. Demonstro a graça e delicadeza da dama da alta sociedade que sou, mas por dentro, eu grito e choro.

Por mim mesma, por Hayden. Pela família que acaba de se fragmentar de uma vez por todas.

— O problema é justamente o contrário, pai. Eu obedeci sem questionar por tempo demais e agora estou sendo jogada no meio

de um furacão.

— Pare com esse drama. Eu já lhe disse. Aceite o pedido de casamento de Berat e todos ficaremos bem.

— *Casamento?*

— Claro. Achou que eu concordaria com menos do que isso? Você é uma Berger. Ele irá honrá-la como uma esposa merece.

Eu olho para ele, mais decepcionada do que nunca, mas também com uma pontada de pena.

— Você está doente, pai. A vida que conhecíamos acabou e está preocupado em obter vantagem me vendendo para um homem desprezível?

— Desprezível? Acha que conseguirá um partido melhor? Berat é um *bilionário*, April. Ele pode lhe proporcionar o mesmo estilo de vida a que está acostumada.

— Eu quero me *desacostumar*.

— Do que diabos está falando, sua irresponsável?

— Vou procurar um emprego como as pessoas normais fazem, ao invés de esperar que alguém me sustente.

Eu tento demonstrar coragem, por dentro, estou partida em milhares de pedaços.

Não há emprego no mundo que vá me pagar um milhão de euros.

— Se continuar com essa intransigência, vai destruir o que resta da minha vida, April.

— Estou cansada de pensar no senhor. Eu preciso cuidar de mim mesma e, principalmente, do meu irmão que só tem dezoito anos.

— Um inútil.

— Ele é a única pessoa que me importa no mundo. Eu vou proteger Hayden como prometi à mamãe que faria.

— Não tem nem onde morar!

— Kahraman já providenciou isso.

— Eu a proíbo de aceitar esmola dos Aydin.

— Proíbe porque prefere que eu me torne uma escrava sexual de seu parceiro de negócios.

— Que absurdo! Não diga algo assim. Vai ser esposa dele. Eu preciso de você, filha.

— E vou fazer o que for possível para ajudá-lo, mas não às custas da minha liberdade. Está aqui porque escolheu seguir por esse caminho. Eu estou escolhendo o meu. Adeus, pai. Eu mantereí contato.

— April, volte aqui! Eu a proíbo, está me ouvindo? Proíbo de rastejar para os miseráveis turcos!



Capítulo 17

— *April?* — o infeliz do Berat pergunta assim que atendo o telefone. Reconheço a voz odiosa imediatamente.

Eu não sabia que era ele porque não tenho seu número gravado no celular, mas agora que atendi, não posso desligar em sua cara. Nossa situação é mais delicada do que nunca.

Eu tinha acabado de me despedir do advogado, na saída da prisão, quando o telefone tocou.

O motorista que me trouxe estava à minha espera quando saí, assim como um veículo atrás, com guarda-costas.

Estou acostumada a andar com eles pela Turquia, mas até então, eram empregados do meu pai. Kahraman está levando a sério a ideia de cumprir a promessa ao padrasto.

— Pois não? — respondo com o máximo de formalidade que consigo e tentando manter a voz firme.

— *Seu prazo está se esgotando.*

— Eu não sei do que está falando.

— *Sabe, sim. Eu lhe disse que se recusasse meu convite, isso lhe traria consequências.*

— Por convite o senhor quer dizer a imposição que me fez ao me constranger a ser anfitriã da festa que pretende oferecer? Ou talvez ao achar que pode me obrigar a fazer uma viagem?

— *Eu já lhe avisei uma vez para moderar o tom comigo. Não costumo me repetir, mas vou fazer uma concessão por ser jovem e tola demais para entender o perigo.*

— O que o senhor quer?

— *Achei que a essa altura estaria mais mansa, afinal, já deve ter ficado sabendo que seu irmão está me devendo um milhão de euros. Foi divertido vê-lo perder. O fracassado não conseguia parar. Fui eu quem teve que dizer chega, no final.*

— Como teve coragem? Como pôde enganar um rapaz que é pouco mais que uma criança?

— *Poupe-me de seus julgamentos. Não foi para isso que telefonei e sim para dizer que está em um beco sem saída: ou vem ficar comigo ou terá que deixar a casa.*

— Não. Está enganado. Eu tenho uma terceira opção — falo, me sentindo vitoriosa.

É um sensação boa, mas fugaz também.

Mudar-me para a casa que Kahraman irá nos ceder não vai fazer com que a dívida de Hayden desapareça.

— *E que opção seria essa?*

Eu respiro fundo para criar coragem. Cada célula do meu corpo sabe que estou lidando com alguém perigoso.

— Eu e Hayden estamos sob a proteção dos Yavuz Aydin.

— *O quê?*

— Tenho certeza de que não sofre de problemas de audição, senhor Demirci. Deixaremos sua casa imediatamente.

Eu tento demonstrar muito mais coragem do que estou sentindo.

— *Você me pertence. Eu tenho um trato com seu pai.*

Eu tremo de nervosismo. Mal posso acreditar que em pleno século vinte e um, alguém ainda pense que uma mulher é um objeto que possa ser negociado.

— Acho que precisa se atualizar, senhor. *Coisas* são possuídas, não *pessoas*.

Ele fica em silêncio por cerca de cinco segundos antes de continuar:

— *Tem minha palavra de que vai pagar por cada insulto. Ou vem para a minha casa, ou executarei a dívida do seu irmão.*

— Não pode fazer isso! Ele tem um prazo para quitá-la.

— *Posso e farei.*

— Eu vou lhe pagar.

— *Não estou interessado no pagamento em moeda.*

— Não pode se recusar a receber. Acha que sou estúpida? Se a dívida que Hayden fez é legal ao ponto de ser cobrada na justiça, então não há maneira de que o senhor possa não aceitar seu pagamento em espécie. A não ser que, assim como meu pai, esteja envolvido em negócios ilegais.

Eu queria poder engolir as palavras de volta, porque sei que fui imprudente, mas agora é tarde demais. Ele me empurrou além do meu limite.

— *Você vai se arrepender tanto por isso, garota. Acha mesmo que seus protetores te darão um milhão de euros? Porque seria a única maneira de conseguir esse montante. Seu pai não tem mais nada e além disso, vai apodrecer na cadeia por muitos anos.*

— Tenha uma boa tarde, senhor Demirci.

— *Eu quero vocês dois fora da minha casa, mas nós ainda não acabamos, April. Logo terá notícias minhas.*

Ele desliga o telefone e na mesma hora eu completo uma ligação para Hayden.

— Vá para um hotel.

— *O quê?*

— Não discuta comigo, Hayden. Vá para um hotel. Eu acabei de falar com Demirci.

— *Meu Deus!*

— Não é hora de entrar em pânico, irmão.

— *April, todos os nossos cartões de crédito foram cancelados.*

Como espera que eu me hospede em um hotel?

Jesus Cristo!

— Eu tenho dinheiro guardado no meu porta-joias. Não é muito, mas dá para passar uma ou duas noites em um hotel razoável.

— *Há guarda-costas do senhor Aydin do lado de fora de casa.*

Devo avisá-los para onde vou?

— Sim. Precisa deles. Preste muita atenção no que vou dizer, Hayden. Estamos correndo um perigo real.

— *Conversou com o papai?*

— Sim, mas só pessoalmente eu contarei tudo. Assim que estiver hospedado, mande-me uma mensagem. E não saia do hotel em hipótese alguma. Leve suas malas e as minhas também. Já deixei tudo pronto no quarto.

Depois que desligamos, eu fecho os olhos por alguns segundos, pensando na conversa dentro da prisão e agora, o telefonema de Demirci.

É como estar em um pesadelo e não conseguir acordar. Eu sei que a decisão de mandar meu irmão para longe do alcance de Berat é uma solução temporária.

A dívida permanece e se o miserável cumprir a ameaça que me fez, será executada muito antes de um mês.

Eu repasso mentalmente a conversa com meu pai.

“Eu a proíbo de aceitar esmolas dos Aydin.”

“Porque prefere que eu me torne uma escrava sexual de seu parceiro de negócios.”

Escrava sexual.

Seria o meu papel se eu aceitasse a proposta indecente de Berat, não importa o quanto ele enfeitasse o título com o rótulo de esposa.

Eu não vou ser escrava de homem algum. Nunca mais deixarei que alguém controle minha vida.

O celular acende com a chegada de uma mensagem.

Kahraman: *“Sei que já saiu da prisão. Vamos conversar sobre sua mudança.”*

“Eu precisarei do imóvel imediatamente. Hoje mesmo, se for possível.”

Kahraman: “*Conversaremos pessoalmente. Vou pedir ao meu motorista que a traga para o escritório.*”

“Tudo bem.”



Capítulo 18

Eu sabia que a família de Kahraman era rica, mas somente quando entro no edifício onde fica a sede da Aydin Steel Group, me dou conta do quanto.

Não há nada, do piso ao teto, que não grite a palavra “poder”.

O saguão é moderno, mas ao mesmo tempo sem deixar de lado as raízes da arquitetura otomana^[16].

Eu estudei muito sobre o país quando soube que nos mudaríamos para cá em definitivo. Até então, só havia vindo em visitas esporádicas com meu pai e assim mesmo, muito raramente, porque nem sempre ele queria nos trazer na “bagagem”.

Caso o que Kahraman me disse sobre a ligação do meu pai com o narcotráfico mexicano seja verdade, talvez tenhamos que ficar aqui por muito tempo, quem sabe, para sempre.

Eu gosto de Istambul. Já considero aqui como um lar, mesmo que não possa dizer que conheço a cidade realmente. Eu nunca andei pelas ruas, por exemplo, exceto em raras ocasiões em que fui a lojas ou pisei na calçada ao sair de veículos para comparecer a eventos.

Na teoria, entretanto, sou uma expert.

Sei que a cidade é a maior da Turquia e também a quarta mais populosa do mundo. A maior parte da população é muçulmana, embora, se os boatos que ouvi forem verdade, os Yavuz Aydin, à exceção da mãe deles, são todos ateus ou, ao menos, não seguem a religião predominante no país.

Istambul foi a capital do Império Romano do Oriente e mesmo que a capital da Turquia seja Ancara, a cidade continua sendo o principal polo industrial, comercial, cultural e universitário.

Assim que as coisas se acalmarem — prometo a mim mesma — *vou fazer turismo.*

Planos. É disso que preciso para não enlouquecer.

Ter um objetivo é o que vai me salvar de uma depressão porque se fosse seguir meu desejo real, me trancaria em um quarto escuro sem ver qualquer pessoa. Nesse instante, nem mesmo Hayden.

Eu o amo com todo o meu coração, mas estou muito magoada. Passei a vida toda me dedicando à sua criação, porque mesmo com a diferença de idade tão pequena entre nós dois, eu me sinto muito mais velha do que meus vinte anos.

E para que me sacrifiquei? Deixei de seguir meus sonhos, de expressar minhas vontades e desejos, totalmente comprometida

com a promessa que fiz a minha mãe em seu leito de morte. Ainda assim, ele agiu pelas minhas costas.

— Pode subir, senhorita Berger — uma recepcionista me fala em turco, assim que me apresento a ela.

— *Teşekkür ederim*^[17] — Agradeço.

— De nada. Tem que se dirigir ao elevador privativo, que dará diretamente no andar do doutor Kahraman Aydin — fala, apontando à esquerda.

Assim que desci do automóvel, mandei uma mensagem avisando para Kahraman que tinha chegado e ele me deu as instruções de como ter minha entrada permitida no edifício e a quem deveria me dirigir.

Os guarda-costas ficaram para trás, então sou a única pessoa dentro do elevador, que é todo de vidro.

Uma sensação de estar sendo observada me faz erguer os olhos para o teto. Uma discreta minúscula câmera pisca no canto direito. Obviamente, um edifício tão luxuoso seria monitorado, mas a intuição diz que não é um segurança regular quem me vigia.

É ele. Kahraman.

Sem que eu possa fazer nada a respeito, sinto o corpo inteiro se arrepiar.

Eu nunca vou conseguir entender o tipo de loucura que o homem me desperta. Estou mergulhada em problemas e ainda assim, consigo pensar em algo tão frívolo quanto atração física.

Não, eu não posso mentir para mim mesma. Não há nada de frívolo na maneira como meu corpo responde ao dele. É algo incontrolável e que eu nunca imaginei ser possível: antipatizar com alguém e assim mesmo, querer suas mãos em mim.

As portas do elevador se abrem e eu chego a uma antessala onde uma secretária vestida de maneira quase idêntica à recepcionista que me guiou no térreo — vestido preto com o casaco de um terninho por cima e cabelo preso em um coque apertado —, se levanta para me receber.

— *İyi günler*^[18] — cumprimento.

— Boa tarde, senhorita Berger — ela responde em inglês.

— Eu falei errado?

— Não, mas eu gosto de treinar meu inglês. — Sorri, simpática.

— Eu vou acompanhá-la até a sala do doutor Aydin.

Eu aceno com a cabeça e ela segue na minha frente.

Abre a porta e depois de me anunciar, fica de lado para que eu entre.

Eu me preparei para encontrá-lo. Tomei respirações profundas e disse a mim mesma que Kahraman é um arrogante, cínico, não importa o quão lindo seja, mas ainda assim meu coração parece que vai sair pela boca.

Não estou olhando para frente, e sim, para o chão. Não é timidez, eu tento ganhar tempo antes que nossos olhos se bloqueiem. Assim, a primeira coisa que vejo são seus sapatos de couro, impecáveis, que eu sei apenas de olhar que são italianos e feitos à mão. Meu pai e meu irmão têm alguns assim.

Ele está meio recostado na mesa, as pernas cruzadas na altura dos tornozelos.

Eu deixo a vista subir pelas pernas longas e fortes, cobertas por uma calça de terno acinzentado claro. Subo o olhar e percebo que além do terno, usa um colete abotoado por cima da camisa.

Eu sei que a secretária já saiu, mas ainda não me movo.

— Senhorita Berger? — ele chama e posso perceber pelo tom que sabe o quanto vê-lo mexe comigo.

Eu não tenho como continuar catatônica, então finalmente o encaro.

Esperei encontrar uma expressão de deboche, convencimento, mas não é isso o que vejo.

É um reflexo do mesmo desejo que eu sinto.

Kahraman deveria representar tudo o que eu desprezo. Homens como ele se consideram os donos do mundo. Não pensam duas vezes antes de atropelar quem está em seu caminho para conseguirem seus objetivos, mas infelizmente, para mim, não há nada de racional no calor que toma conta do meu corpo inteiro.

— April? — ele repete e sua voz agora soa rouca.

Eu não consigo falar e nem quando o vejo se erguer e caminhar em minha direção, eu digo algo para pará-lo.

Eu vi em seus olhos suas intenções e estou ansiosa para que ele cumpra a promessa silenciosa daquela profundidade cinza.



Capítulo 19

— Não me olhe desse jeito, menina.

Apesar do que diz, ele para pouco menos do que a vinte centímetros de mim, invadindo meu espaço pessoal.

— De que jeito?

Ele dá um passo à frente e eu recuo, sentindo agora a porta às minhas costas.

Eu não sei mais como é que se respira. Eu seria incapaz de dizer meu próprio nome nesse instante.

Ele estica os braços, mas não me toca. Apoia as mãos espalmadas na porta, uma de cada lado do meu rosto. Eu me sinto presa em seu calor. O corpo grande e forte me dominando inteira.

Deveria afastá-lo, mas não sou mais dona da minha vontade e meu corpo se inclina, os ombros ainda recostados na estrutura de madeira, mas os quadris projetando-se para a frente.

Eu não tenho ideia do que estou fazendo, mas sei que não quero parar.

Quando ouço um ruído, uma espécie de rosnado, emitido por ele, meus joelhos perdem a força.

Não é mais o bilionário bem-educado e culto quem está na minha frente.

É um homem que não esconde o quanto me deseja.

Estou hipnotizada pela curva de seus lábios, por ele inteiro.

Kahraman inclina-se sobre mim, me obrigando a erguer o rosto para encará-lo.

É como se nossos corpos soubessem o que querem, independentemente do quanto a mente avise que é errado.

— Sabe o que está me pedindo, April?

Eu deveria negar, mas faço que sim com a cabeça.

Um beijo — falo comigo mesma.

Apenas saber qual é a sensação desses lábios sensuais nos meus.

Fecho os olhos e espero.

É uma agonia, mas também é excitante.

Não há mais problemas, preocupações.

Não há prisões ou bandidos querendo fazer mal a mim e a Hayden.

Somos nós dois. Somente nós dois.

— Quando essa boca linda não expressa zanga ou desprezo, ela é... — Ele pausa e eu abro os olhos bem no momento em que as mãos enormes vêm para o meu rosto.

Os polegares tocam minhas bochechas como se ele desejasse me manter imóvel.

— O quê? — pergunto.

— Eu me interrompi porque o que ia dizer era uma mentira. Não é apenas quando não está zangada que sua boca é irresistível.

Eu estremeço e percebo que ele sorri. O bastardo acaba de ter a confirmação do efeito que causa em mim.

— Peça-me para recuar.

— Eu....

Não chego a completar a frase, pois o interfone toca em cima de sua mesa.

Como se houvesse saído de um transe, ele dá um passo para trás.

Não me encara mais ao fazer isso. Dirige-se ao aparelho, mas antes de atendê-lo, diz:

— Sente-se, senhorita Berger. Temos negócios a tratar.

Eu engulo em seco e me obrigo a dar um passo de cada vez. Acomodo-me na cadeira, cruzo as pernas e fixo o olhar na bolsa em

meu colo.

Ouçõ vagamente enquanto dá algumas ordens à secretária, mas não consigo prestar atenção. Estou envergonhada demais.

Assim como aconteceu na festa, foi ele quem decidiu se afastar. Se eu tenho certeza de que me deseja, sei que me despreza na mesma medida, pois se quisesse mesmo me beijar, não seria o toque do telefone o que o impediria.

— Disse que quer se mudar hoje ainda?

— Sim.

— Por que a pressa?

— Eu só... concluí que será melhor.

De jeito nenhum vou dar a satisfação a ele de saber que estava certo sobre mim. Ele não precisa ter conhecimento do quanto fiquei apavorada com o telefonema de Berat. Agora que a loucura temporária que a presença dele sempre causa diminuiu, eu consigo lembrar dos meus problemas reais, mas não estou disposta a compartilhá-los.

— Como foi a visita ao seu pai?

— Não foi um bom encontro. Achei que seu advogado tivesse lhe contado tudo.

— Naquele momento ele era *seu* advogado, então eu não lhe perguntei nada. Eu quero que você me diga.

— Meu pai está satisfeito em voltar para os Estados Unidos e como deve imaginar, ele não tem uma solução para nós. Também disse que não gostaria que aceitássemos ajuda de sua família — falo, deixando o que disse sobre Berat de fora.

— Por que não?

Pela primeira vez desde que o conheço, parece genuinamente confuso.

— Não tenho ideia.

E não tenho mesmo. Por que recusar a ajudar dos Aydin? A única coisa que consigo imaginar é que, como deve favores a Berat, prefere que recorramos a ele, independentemente disso transformar minha vida em um inferno.

— De qualquer modo, mesmo com a ajuda de vocês, vou procurar um emprego. Farei com que Hayden consiga um também.

— Ele não estava trabalhando na empresa do seu pai?

— Sim, mas o advogado da empresa me disse que nosso acesso à companhia será impedido a partir de amanhã porque somos parte interessada na investigação corrente.

— Falou que quer um emprego? De quê, mesmo?

Não há nada de mais na pergunta, mas a maneira com que ele fala me faz ter vontade de jogar algo em sua cabeça. Como eu posso ter passado, em poucos minutos, de um desejo quase desesperado de ser beijada por ele para querer agredi-lo?

Kahraman consegue despertar o pior que existe em mim.

— Talvez eu esteja pensando no cargo de amante. Tornar-me a mulher temporária de algum bilionário — ironizo.

Estou horrorizada com o que acabei de dizer, mas ao mesmo tempo, quando vejo o meio sorriso sardônico desaparecer, não consigo me parar.

— Vai se vender?

— Não posso negar que pensei nisso. Eu acho que um milhão de euros por um mês seria um bom preço. O senhor, como o grande investidor que é, acredita que esteja de acordo com as regras de mercado?

— Aceitaria dinheiro pelo seu corpo?

Ele não parece chocado com o valor, o que é uma loucura, e sim, com o fato de eu considerar me negociar como se fosse uma mercadoria.

— Tenho que pensar no futuro, senhor Aydin — continuo para irritá-lo.

— Nós cuidaremos do seu futuro.

Eu me levanto.

— Tentador, mas não, obrigada. Aceitarei o apartamento por um tempo, mas assim que conseguir um emprego que eu possa manter a mim e ao meu irmão...

— Um emprego de amante?

— Possivelmente.

Deus, eu devo estar louca para dizer algo tão absurdo, mas a satisfação de testemunhar a expressão chocada dele compensa a vergonha.

— E o que estaria incluído nesse pacote?

É a minha vez de sorrir, enquanto me levanto.

Eu o deixarei sem resposta. Por mim, ele pode quebrar a cabeça criando teorias em sua mente arrogante. Sempre pensou o pior a meu respeito, por que não reforçar isso?

Apesar da conversa insana, no momento, eu me sinto poderosa. Eu duvido que muitas pessoas poderiam afirmar que conseguiram o feito de chocar Kahraman Yavuz Aydin.

— Aonde pensa que vai?

— Embora. Meu irmão foi para um hotel, então talvez ainda me sobre tempo hoje para procurar um candidato.

— Seria minha por um mês se eu lhe pagasse um milhão de euros?

— Não. Para o senhor o preço seria mais alto. Um milhão de euros, as dívidas da minha família e tentar livrar meu pai da cadeia.

São tantos disparates que falo, que poderia rir se não estivesse louca para fugir da sala o mais depressa possível.

— Sente-se, April.

— Por que deveria?

— Vamos negociar seu preço.

Eu abro a boca sem conseguir acreditar no que ouvi, mas percebo pelo seu olhar que está falando sério e apesar da certeza de que devo partir, eu o obedeco porque meus joelhos estão bambos.



Capítulo 20

Eu a quis desde o primeiro maldito segundo em que a vi, mas a detestei com a mesma intensidade também.

Ela é o oposto do que me atrai em uma mulher.

Mimada e fútil. Intransigente e rebelde.

Nada submissa.

Orgulhosa, com o narizinho sempre em pé.

E ainda assim, toda vez que nos encontrávamos, meu sangue fervia.

A quem estou querendo enganar? April Berger foi a única mulher até hoje que prendeu meu interesse não apenas pela aparência deslumbrante, mas também por sua personalidade.

Eu não fiz qualquer movimento, mesmo querendo-a sob meu corpo, entregue, apaixonada e gemendo meu nome.

Não sou um menino.

Eu conheço seu tipo. Além de ter sido criada para ser uma dondoca, a garota provavelmente sonha com contos de fadas.

Eu só estou em busca de satisfação física em meus relacionamentos.

E agora, ela está aqui, no meu escritório, me propondo um acordo: será minha por um mês, desde que eu livre seu pai, afogado em dívidas e envolvido em escândalos de corrupção, da cadeia.

Não, não é só isso. Ela quer um milhão de euros também, lembro-me, com desgosto.

E o que é mais inacreditável é que estou disposto a negociar.

Vai contra tudo o que eu acredito. Eu odeio corruptos e ajudar o pai dela em qualquer nível é uma ideia abominável. Também nunca precisei pagar por uma mulher, mas eu sei que não vou conseguir resistir.

— Negociar meu preço? — repete.

— Sim. De acordo com o que me disse, seus termos são: um milhão de euros em dinheiro; tentar livrar seu pai da cadeia — e espero que preste muita atenção nessa parte porque mesmo que eu disponibilize os melhores advogados, é provável que ele seja condenado; e por fim, pagar as dívidas da empresa dele.

Ela abre e fecha a boca como se fosse dizer algo, mas não consegue.

Eu entendo seu espanto. Estou surpreso comigo mesmo também.

Observo-a com mais atenção do que jamais me permiti.

April é perfeita.

Desde os cabelos negros ao queixinho pronunciado, da boca carnuda às mãos delicadas, é sem dúvida a mulher mais bonita que conheci em meus trinta e três anos.

A pele muito branca, quase translúcida, faz com que os olhos escuros se destaquem. As bochechas rosadas, como estão agora, criam um ar de dama recatada que vai na contramão tanto de sua personalidade impertinente quanto com a proposta que acaba de me fazer.

— Surpresa?

— Eu... hum... nunca pensei que....

— Nunca pensou o quê, que eu aceitaria? Está negociando seu corpo, senhorita Berger, e eu, interessado na mercadoria.

Veja quando agarra os braços da cadeira. Sei pela maneira como os nós dos dedos ficam brancos que está prestes a se levantar, mas eu já tomei minha decisão e quando quero algo, sou um negociador implacável.

— Posso transferir um milhão de euros dentro de meia hora para sua conta.

Como eu esperava, depois de alguns segundos em que o olhar demonstra puro choque, ela volta a se recostar na cadeira.

Eu sabia que era fútil e como um fruto não cai longe da árvore, por ser filha de Jim, provavelmente inescrupulosa também, mas nunca passou pela minha cabeça que se ofereceria como um objeto em uma vitrine e com toda a certeza do inferno, jamais imaginei ser aquele que daria o lance.

— Colocou seus termos. Agora, vamos aos meus.

— Acho que os seus são bem claros.

— Não haja como se estivesse ofendida, April. A oferta partiu de você. A não ser que tenha mudado de ideia.

— Não — responde rápido. — Mas tem que me garantir que um milhão de euros serão depositados na minha conta ainda hoje.

— Tem minha palavra. E se não quiser esperar até amanhã para se mudar, com um telefonema posso providenciar tudo.

— E o que eu... terei que fazer?

Ela parece mortificada ao perguntar isso, e se eu fosse um homem melhor, recuaria.

Não o farei, contudo. April, sem saber, acaba de me oferecer um acordo perfeito.

Por mais de um ano, a mulher esteve sob minha pele, preenchendo meus pensamentos a cada vez que nos víamos.

Agora, eu tenho a oportunidade de encerrar esse capítulo de uma vez por todas. Por trinta dias, ela será minha para que eu faça o que quiser entre quatro paredes.

Quando o prazo chegar ao fim, eu nunca mais pensarei nela outra vez.

— Em um quarto, eu não gosto de planos, mas é bom que saiba, April, que eu vou querer tudo. Cada parte sua submetida a mim.

Apenas a ideia de tê-la nua, à minha disposição todos os dias, faz meu pau empurrar contra o zíper do terno.

— Não precisa ser tão... explícito. Um cavalheiro não diria algo assim.

— Eu não sou um cavalheiro. Sou um bárbaro. Se não sabe disso ainda, é mais ingênua do que pensei. Agora, venha aqui.

Ao invés de me obedecer, ela agarra os braços da cadeira com ainda mais força.

— O acordo já está valendo?

— Não. Contaremos a partir de amanhã, mas eu quero uma prova do que tem a me oferecer.

— Não vai encostar um dedo em mim enquanto não transferir o dinheiro.

Seria o momento em que eu deveria mandá-la embora. A mulher aqui comigo não se parece em nada com aquela que tanto me fascina. Ela lembra uma mercenária, que só se importa com ganho material.

— Tem conta-corrente?

— Minha, não. Tinha cartões de crédito, mas foram cancelados.

Por quê?

— Como espera que eu transfira o dinheiro?

— Oh! Eu tenho... hum... uma poupança. Pode transferir para lá.

— Passe-me os dados por mensagem.

Observo enquanto ela pega o celular e digita com dedos trêmulos.

Deve estar ansiosa para por as mãos em um valor tão alto.

Eu verifico os dados que ela acaba de enviar e sem desviar nossos olhos, toco o telefone fixo em minha mesa. Coloco a ligação em viva-voz enquanto dou a orientação ao meu gerente bancário.

Cerca de cinco minutos depois, vem a confirmação.

Eu encerro a chamada e ligo para minha secretária.

— Eu não quero ser interrompido, senhorita Erdogan. Não importa quem seja. Não estou para qualquer pessoa. — Eu estico a mão para ela. — Recebeu parte de seu pagamento, April. Agora, venha aqui.



Capítulo 21

Eu posso ver sua hesitação quando se levanta da cadeira e é com alívio que constato que não é um hábito dela se oferecer aos homens. Talvez a perspectiva de perder a vida luxuosa da qual sempre desfrutou esteja fazendo com que haja assim.

April para perto da minha cadeira que girei para que ficássemos frente a frente. Afasto as pernas e a puxo para o meio delas.

Eu a puxo para o meu colo, sentada de lado porque a saia creme, na altura dos joelhos e muito justa, a impede de me montar.

O rosto está perto do meu e seria fácil tomar a boca que eu cobiço há tanto tempo, mas como um masoquista, eu adio esse prazer sabendo que quando acontecer, vai ser uma delícia.

— Está tremendo, April. Arrependida?

— Não. Eu só...

— O quê?

Ela desvia os olhos.

— Se está esperando uma mulher experiente, que vá enlouquecê-lo na cama, ficará desapontado.

— Se eu quisesse uma mulher experiente, tudo o que precisaria era fazer um telefonema. Não serve outra. É só você que eu desejo no momento.

Eu intuí que ela não era mesmo muito vivida sexualmente porque o pai a mantinha sob controle. Nunca houve uma situação em que eu a encontrasse em que Jim, o irmão, ou ambos não a estivessem cercando.

— Mas agora fiquei curioso. Como pretendia negociar a si mesma se não tem experiência?

— Se eu falar a verdade, vai voltar atrás com o nosso acordo.

— Sem chance. A transferência foi feita. Você é minha.

— Não sou uma mercadoria.

Seguro seu rosto porque seus olhos estão escapando dos meus.

— Eu não disse que era.

— O que sou, então?

— Meu desejo secreto.

— Por que secreto? Somos livres.

— Não gosto de sua família.

— E nem de mim.

— Não tenho como negar.

— Mas me quer.

Posso ver por sua expressão que não faz a menor ideia do quanto.

Será que é tão inocente assim? Isso não combina com a ideia que eu tinha dela e antes que a consciência me ataque, eu resolvo calar as dúvidas.

— Conversa demais, *meleğim*^[19]. Não somos amigos. Nunca seremos, então o que importam os nossos motivos? Eu desejo você e se não está arrependida do acordo, quero o que é meu por direito.

Eu puxo seus dois braços por sobre meus ombros e April está tremendo. A maneira como reage a mim só aumenta a excitação do acordo imoral e proibido, fazendo com que a necessidade de tomá-la sobre a mesa agora mesmo se torne quase incontrolável.

— Sua pele é revestida de seda, April. Feita para ser acariciada.

Ela estremece, os olhos entreabertos, completamente rendida.

— Beije-me. Estou esperando por isso desde o dia em que dançamos, Kahraman.

A confissão honesta faz explodir a fome voraz que tenho contido à força.

Eu a puxo pela nuca e tomo sua boca quase furiosamente.

É uma carícia intensa e íntima, como se não fosse nosso primeiro beijo. É um ato de paixão, em que as bocas se devoram, as línguas

lutam e dançam em seu próprio ritmo. Em que o calor dos corpos se mistura, impossibilitando determinar quem é o sedutor e o seduzido.

April põe uma mão em meu peito, deslizando os dedos sobre a camisa, ao mesmo tempo em que se entrega à minha boca e dentes, imitando tudo o que faço com ela, ansiosa e faminta.

Não é um beijo apenas. Estamos consumindo um ao outro, agora que finalmente nos rendemos à fome mútua.

Eu desço uma mão por sua cintura, apertando a carne sensível e ela geme dentro da minha boca.

Acaricio as costelas até alcançar o mamilo, mas então, ela quase pula do meu colo e tenta fugir.

— Machuquei você?

— Não... é que... eu nunca fui tocada assim.

Eu sorrio, pensando que ela se refere à atração avassaladora.

— Quer dizer que nunca *senti* algo assim?

— Não. Eu nunca deixei um homem me tocar desse jeito. Eu só beijei até hoje. Dois rapazes.

— O quê?

— Eu disse a você que não esperasse alguém experiente — fala, parecendo muito embaraçada.

— O que exatamente está me dizendo, April?

— Meu Deus, precisamos ter essa conversa?

Ela novamente tenta escapar, mas ao invés de permitir, eu a ergo e a sento em minha mesa.

Ela tenta abaixar a saia, que agora subiu, mostrando muito das coxas nuas.

— Fale — peço, tentando me concentrar na conversa.

— Eu sou virgem.

Segundos se passam e não consigo dizer nada.

— Quer desfazer o acordo? — pergunta.

— Está com ideia fixa nisso?

— Não. É que eu pensei...

Eu não deixo que continue porque algo me ocorre, que desce como uma bola de ferro no meu estômago.

Eu me levanto e dou um passo para trás.

— Estava leiloando sua virgindade? Oferecendo para quem desse o melhor lance, talvez?

— O quê? Não! Como pode pensar algo assim?

Eu estou louco, furioso, ciumento. Caso eu não tivesse levado sua oferta a sério, o que ela teria feito? Negociado com Berat?

— E o que quer que eu pense?

Ela desce da mesa, parecendo igualmente zangada.

— Quer saber de uma coisa? Não me importo com o que pensa. Fizemos um acordo em que ambos tínhamos interesse, então não venha me culpar por *vender* minha virgindade. Além do mais, eu só aceitei essa loucura porque era *você*! Nunca concordaria com nenhum outro.

Eu não acho que em um primeiro momento ela se dá conta do que falou, mas eu, sim, então saio como um caçador em sua direção e não lhe dou tempo de protestar antes de enroscar o punho em seu cabelo e tomar sua boca outra vez. Se o nosso primeiro beijo foi uma delícia, esse é fruto da insanidade.

Não há comedimento ou pausa. Eu não estou conhecendo-a. Estou fodendo sua boca.

E eu não quero parar.



Capítulo 22

Eu tenho certeza de que vou desmaiar. Não há uma parte do meu corpo que não esteja tremendo e faz somente poucos minutos que firmamos o acordo indecente.

Eu estava blefando. Queria irritá-lo por achar que me conhecia tão bem. Fiz uma proposta absurda, exigindo algo tão impossível quanto lhe pedir que tirasse meu pai da cadeia somente para chocá-lo. Não sou burra, sei que os crimes que cometeu, principalmente o de lavagem de dinheiro para os narcotraficantes, podem mantê-lo preso para sempre.

A respeito do meu discurso, a única coisa que foi sincera foi a parte sobre o um milhão de euros, mas eu nunca pensei que ele fosse levar a sério.

No entanto, quando disse que depositaria a quantia para mim, eu não pude recusar. Só consegui imaginar Hayden sendo preso pela dívida. Nem mesmo um advogado eu seria capaz de pagar para ajudá-lo a se defender.

Uma tempo na cadeia significaria um estigma na vida do meu irmão para sempre.

Todos esses pensamentos coordenados e relativamente racionais, no entanto, seguiram apenas até o momento em que ele me tocou. Dali por diante, a única certeza é de que eu não queria que parasse.

Eu ainda não quero que ele pare.

Fiquei com vergonha no início, mas depois da nossa discussão, quando ele me agarrou outra vez, a timidez cedeu espaço ao desejo.

Em vez de impedi-lo quando ele desabotoa minha blusa, eu mordo sua boca e tiro o blazer de seu terno.

Tomo um susto quando me pega no colo e depois de jogar todas as coisas que estão em cima da mesa no chão, me deita sobre ela.

Gemo quando sinto as mãos em minhas coxas, subindo até a altura da calcinha, mas sem me tocar. Ele me instiga, acariciando meus quadris enquanto me persuade a deixar sua língua adentrar meus lábios.

Quando uma das mãos sobe outra vez até meu seio, eu não tento fugir.

— Eu quero que me toque... eu só, tomei um susto naquela hora.

— Porque nenhum outro homem já a teve assim antes. É toda minha.

Ele diz isso deslizando a boca pelo meu pescoço e não tenho certeza se sabe o que está falando. Eu tenho a sensação de que, no momento, estamos ambos completamente insanos.

— Eu quero te ver gozar para mim, April. Estou obcecado com isso.

A blusa já está completamente aberta, então quando, com um movimento hábil, ele abre o fecho fronteiro do meu sutiã, meus seios saltam livres.

Ele se ergue e me olha. Fico envergonhada porque os mamilos estão rijos, mas nem tenho tempo de pensar em me cobrir porque as mãos dele se apossam de ambos.

Os polegares massageiam os bicos excitados, mas é quando sua boca cai sobre eles, sugando e lambendo, que eu perco a noção de tempo e espaço.

Eu não sinto mais medo e parece natural quando ele pega uma das minhas pernas, fazendo com que circunde sua cintura.

Eu abro alguns botões de sua camisa, mas o acesso é difícil por causa do colete, então, frustrada, toco o que consigo, enfiando os dedos entre as casas.

A pele dele é quente e eu passo a unha de leve.

Em resposta, ele me morde o mamilo e depois circula a língua. Eu tento escapar porque a sensação é intensa demais.

— Gata selvagem. Deliciosa.

Eu estou perdida em meio às sensações, ao seu cheiro, à aspereza e calor de suas mãos.

Na turbulenta tempestade em que se encontra a minha vida, de algum modo eu sei que estar com ele é certo, não importa como chegamos até aqui.

Kahraman passa um braço por baixo do meu bumbum, me elevando da mesa, sem dar descanso aos meus seios, mas então, de repente, ele para.

Não se afasta ainda. Ao contrário, volta a me beijar no pescoço, queixo e finalmente boca. Apenas quando fecha meu sutiã durante o beijo, me dou conta de que acabou.

Eu não sei o que aconteceu. Eu quero continuar, mas tenho vergonha de dizer isso.

— Seu telefone está tocando — fala, fechando os poucos botões de sua camisa que eu abri.

Em segundos está composto e isso faz com que a vergonha aumente.

Eu me sinto uma devassa, com a saia ainda erguida, o cabelo desarrumado, o sutiã ainda aparecendo.

Sento-me na mesa, olhando para baixo, e fecho a minha blusa com dedos trêmulos.

Como se percebesse que sou incapaz de agir, ele vai até onde deixei a bolsa e a pega, entregando-me.

— Atenda.

Eu desço da mesa e tomo distância ao procurar o aparelho.

— Alô?

— *April. Onde você está?* — meu irmão pergunta.

— Hum... eu tive que vir ao escritório do doutor Aydin.

— *Fiz o que me mandou. Hospedei-me em um hotel. Enviei uma mensagem para lhe dizer onde estou, mas como não me respondeu, fiquei preocupado.*

— Eu não vi sua mensagem, mas já estou indo para aí. Devemos nos mudar ainda hoje.

Eu olho para trás e ele está me observando. Fico satisfeita quando percebo que seu cabelo ainda está desarrumado e os olhos, tempestuosos.

Eu o afeto também. Não estou sozinha nessa loucura.

— *Quer que eu tome alguma providência?*

— Não. Eu vou resolver tudo. Eu o avisarei quando estiver indo encontrá-lo.

Desligo o telefone e juntando toda a dignidade que possuo, guardo-o na bolsa e encaro o homem para quem me vendi por um mês.

É. *Vendi.*

A palavra cai como um balde de água fria. Eu preciso sair daqui.

— Eu estou indo.

— Ainda não.

Ele vem para mim e me beija. Dessa vez, segurando meu rosto com delicadeza.

É lento e sensual, mas não lascivo.

Eu me sinto um pouco melhor e me aproximo, passando os braços em volta de seu pescoço.

— Assustei você?

— Não. Foi só a novidade, mas eu... huh... eu gostei de tudo o que fizemos.

Sinto sua respiração na minha orelha quando ele sussurra:

— Não fizemos nada ainda, mas isso vai mudar.

— O que eu digo para Hayden? — pergunto, envergonhada ao entender a promessa feita por suas palavras. — Não posso falar a

verdade.

— E nem eu gostaria que o fizesse.

— Talvez seja melhor manter tudo de uma maneira discreta.

— Eu concordo.

Sei que não há motivo para isso, mas me sinto ofendida.

Sou um segredo. Sua compra.

Eu me desprendo dele e dou um passo para trás.

— Vamos poder nos mudar hoje mesmo?

— Sim. Você quer ir até sua casa? Se não precisar, faça apenas uma lista e eu providenciarei para que seja tudo retirado.

— Eu não sei como a casa foi vendida. Temos diversos objetos de arte, mas pelo que eu entendi, nada mais é nosso, então são apenas minhas roupas mesmo. Eu pedi que meu irmão levasse as malas para o hotel. Já havia deixado-as prontas, mas se eu pudesse ir em casa pegar mais alguns pertences, seria ótimo.

Eu levo exatos cinco segundos para dizer tudo isso. Estou nervosa e quero muito ir embora, mas ele prova mais uma vez que não é alguém de quem se possa fugir, quando levanta meu queixo, me obrigando a encará-lo.

— Pegue o que quiser, mas irá com os guarda-costas. Mande-me o endereço do hotel por mensagem que providenciarei para que um

motorista ajude o garoto com a mudança. Não há razão para passarem a noite lá. Eu possuo diversos imóveis. Em alguns horas, um deles estará pronto para recebê-la.

Eu aceno com a cabeça, fingindo que estou entendendo tudo, mas por dentro, sinto-me uma confusão. Eu não faço ideia de como esse arranjo vai funcionar.

— Quando nós... eu e você...

Deixo a pergunta no ar. Não sou tão corajosa assim para dizer com todas as letras.

— Vou levá-la em uma viagem de negócios.

— Tudo bem — digo, como se ser acompanhante de um homem fosse algo que faço todos os dias. — Entretanto, gostaria de pedir que colocasse alguém de olho em Hayden. Eu nunca o deixei sozinho e há alguns dias ele viajou para Praga sem me avisar. Ele pode parecer um homem, mas é só um menino grande.

— Eu vou conversar com ele.

Começo a abrir a boca para protestar, mas Kahraman me impede.

— Isso não tem nada a ver com nosso acordo, April. É pela promessa ao meu padrasto.

— Um acordo dentro de um acordo.

— Não. Os meus irmãos estão envolvidos no outro, mas quanto ao nosso, você é só minha.

— Por trinta dias, senhor Aydin. E o relógio já está correndo.



Capítulo 23

— Doutor Özdemir, aqui é April Berger. O senhor me acompanhou ao presídio na visita ao meu pai hoje mais cedo.

— *Senhorita Berger, é um prazer falarmos novamente.*

Eu duvido que seja mesmo.

O homem estava vestido com um terno caríssimo e sapatos de qualidade também. Deve receber uma fortuna de Kahraman, se faz parte da banca de advogados dele, mas mesmo assim, acredito que seja de muito prestígio para ficar acompanhando jovens a presídios para visitar pais criminosos.

Eu nem sei se ele vai poder me ajudar, mas preciso ao menos tentar.

— Será que eu posso ir ao seu escritório? É um assunto muito sério.

— *Eu não tenho horário hoje, mas podemos nos encontrar no fim do expediente. Vou lhe passar o endereço do restaurante.*

— Tudo bem. Muito obrigada.



Eu não tenho muito para pegar na casa. Além de um pouco mais de roupa, agora que terei mesmo um lar para morar no lugar do hotel, levarei alguns porta-retratos com fotos dos meus pais.

Os seguranças e o motorista que vieram comigo já estão lá fora e eu já me despedi dos empregados também, dizendo que a partir de amanhã, eles terão um novo patrão.

Olho mais uma vez para a casa que foi minha por um ano, mas muito além disso, olho as peças, caixinhas, livros, nossas memórias.

Como pôde fazer isso conosco, pai? Com você mesmo, também?

Passei uma vida inteira ouvindo que nosso sobrenome é importante, sendo vigiada obsessivamente para não cometer qualquer deslize — daí minha inexperiência com homens — e agora o mundo, de um canto a outro, sabe que ele é um ladrão e fraudador.

Eu gostaria de dizer que tem o que merece, mas ainda não consigo desassociar o criminoso que fui visitar hoje do meu pai.

Saio da casa sem olhar para trás, mas antes de entrar no carro, vou na direção do jardim de inverno.

Abro a porta e inspiro o perfume das minhas flores.

Ando pelos corredores, observando as espécies que já conheço de cor e finalmente o que tenho segurado por dias explode como em uma enxurrada.

Eu não consigo parar de chorar, me sentindo mais sozinha do que nunca.

A família se desfez. Somos apenas eu e Hayden contando com a boa vontade de estranhos.

E agora, ainda há esse acordo com Kahraman, que se antes não me via com bons olhos, deve ter piorado muito a opinião a meu respeito.

Seco as lágrimas com um lençinho com meu monograma que pego dentro da bolsa. Antes de ir para a nova casa, que eu não faço ideia de onde seja, preciso me encontrar com o doutor Özdemir e para contratar o advogado, não posso ir parecendo uma louca.

Eu mandei uma mensagem para Kahraman como ele me pediu, informando o endereço onde meu irmão estava e outra para Hayden, para lhe avisar que fosse com os guarda-costas porque eu ainda demoraria um pouco a ir encontrá-lo.

Cerca de quarenta minutos depois, chego ao restaurante que combinamos. Após os pedidos, que apenas ele faz porque não sinto fome alguma, diz:

— Em que posso ajudá-la, senhorita Berger?

— Primeiro quero saber se leva a sério o sigilo entre cliente e advogado.

— Muito a sério. Sou um profissional de renome, senhorita.

O homem parece realmente ofendido, mas não posso arriscar.

— Eu preciso que resolva uma questão para mim. A minha pergunta foi porque sei que sua banca trabalha para o senhor Aydin.

— Sim, para todos eles, de modo que se for alguma ação contra... — Ele parece sem jeito. — Bem, deve me perdoar, mas seria conflito de interesse.

— Não é. Eu só não quero que Kahraman saiba do que conversarmos aqui ou do desenvolvimento a partir dessa conversa.

— Bem, nesse caso, tem minha palavra.

— Eu preciso quitar uma dívida de jogo do meu irmão. O valor é um milhão de euros.

Ele estava para dar o primeiro gole no chá, mas depois do que eu falo, volta a apoiar a xícara no pires.

— Um milhão de euros?

— Sim. Meu irmão... ele foi enganado. Não *enganado*. Quero dizer... bem, o senhor viu onde meu pai está. Hayden foi levado a crer que se metendo em um cassino e fazendo apostas altas, ele poderia nos livrar da falência. Não sei se prestou atenção à minha conversa com meu pai hoje, mas não nos sobrou nada, nem mesmo a casa em que moramos.

— E então seu irmão se envolveu em jogatina.

— Eu não sei se é assim que se chama. O cassino que ele foi é legalizado. Eu pesquisei na internet.

— Tem certeza disso?

— Tenho, sim. Ele pertence ao senhor Berat Demirci.

— Na República Tcheca?

— Sim. Ele possui outros?

— Eu não tenho certeza se possui outros, mas tive conhecimento desse por causa de um cliente que o frequentava. Sim, ele é legítimo.

— Meu irmão foi convidado a esse cassino. Ele só tem dezoito anos, doutor Özdemir, e é muito ingênuo. O senhor Berat o incentivou a jogar por dias. Ele perdeu o controle.

— Apostar um milhão de euros é um pouco além de perder o controle, se me permite dizer, senhorita Berger.

— Sim, eu sei. Ele está muito arrependido. O fato é que consegui dinheiro para quitar essa dívida, mas tenho medo de fazê-lo da maneira errada. Sendo franca com o senhor, eu não confio em Berat Demirci, e como nem eu e nem Hayden somos experientes em negociação, temo que ele acabe ficando com o dinheiro e depois alegue que a dívida não foi paga.

— Eu entendo perfeitamente, senhorita.

O garçom chega com uma bandeja e serve um prato com os *boreks*^[20] que ele pediu. Eu espero que o homem se afaste antes de continuar.

— Eu quero quitar a dívida imediatamente, mas sem ter contato com o senhor Demirci. É possível?

— Já tem o total do dinheiro?

— Sim. Ele nos deu poucos dias para pagar ou colocaria meu irmão atrás das grades. Se ouviu a conversa toda, sabe que meu pai tentou fazer um arranjo para que eu me casasse com aquele homem. Pode ser que ele não queira receber a dívida para continuar nos chantageando.

— Não vai acontecer. Eu vou ajudá-la.

— Eu... — Deus, morro de vergonha de lhe perguntar isso. — Preciso saber quanto vai custar esse trabalho. Sei que o senhor é

um advogado de renome e...

— Não se preocupe com isso. Farei *pro bono*^[21]. Tenho uma filha da sua idade. Eu não gosto da ideia de que alguém tentasse tirar vantagem dela. Vou providenciar tudo ainda essa noite e pela manhã já estarei em contato com o senhor Demirci. Vamos resolver essa questão o mais rápido possível.



Capítulo 24

— Jesus, April. Eu achei que nunca mais ia vê-la!

Hayden mal abre a porta para mim e se joga nos meus braços, indiferente aos guarda-costas e o motorista que vêm logo atrás, carregando minha mudança.

É em momentos assim que vejo um abismo entre nós.

A diferença de dois anos não significa nada. Eu me sinto uma idosa comparada ao meu irmão.

— Hey, eu disse a você que estava resolvendo nossos problemas.

— E conseguiu?

— Deixe os homens descarregarem nossa mudança primeiro. Depois, mostre-me a casa e então conversaremos.

Eu fiquei surpresa enquanto o motorista estacionava. É muito maior do que imaginei.

Leva cerca de dez minutos até que os homens vão embora e mais quinze para darmos uma passada rápida pelos cômodos da casa.

Eu fico ainda mais espantada quando finalizamos nossa “excursão” na cozinha.

— É muito grande.

— Não é? Fiquei surpreso também. Os irmãos Aydin pelo visto levam a sério a promessa que o padrasto fez ao nosso pai. E por falar nisso, como ele está?

— Não adivinha?

— Arrasado?

— Não, Hayden. Com o mesmo temperamento prepotente de sempre. A única coisa que mudou é que agora veste o uniforme da prisão.

— Deus, eu sei que ele está errado e pagando pelos crimes que cometeu, April, mas ele também é nosso pai e está em meio a criminosos perigosos.

— Defina *criminosos perigosos*, irmão. Eu passei os últimos dias pesquisando sobre crimes de colarinho branco. Eu não sei se já se deu ao trabalho de fazê-lo, Hayden, mas caso não, deveria. Eu não estou defendendo assassinos ou qualquer um que atente contra a vida das pessoas, mas crimes como os que nosso pai cometeu, ajudando políticos corruptos a desviar verbas do governo, roubando a própria diretoria da empresa, e.... — Eu me paro porque quase

falei sobre os narcotraficantes. — Enfim, os crimes dele são tão letais quanto um assassinato.

— Você ia dizer algo e se interrompeu.

Deito a cabeça no tampo da mesa, me sentindo esgotada.

— Porque eu não tenho certeza se devo te contar.

— Tem que decidir se quer que eu amadureça ou se vai me tratar como uma criança para sempre, April. Muito do que sou é por causa da falta de fé que nosso pai tinha em mim. Eu cresci medroso, inseguro.

Eu toco a mão dele por cima da mesa.

— Você está certo. É que se trata de algo muito sério.

— Mais do que perdermos tudo? Mais do que eu ter, como um estúpido, apostado uma fortuna no cassino?

— Ele estava lidando com traficantes de drogas mexicanos, Hayden. Lavando dinheiro para bandidos. Kahraman acha que talvez jamais possamos voltar aos Estados Unidos.

— O quê?

— Seria arriscado para nossa segurança. Todos sabem quem somos e esses homens não perdoam dívidas, caso papai tenha os enganado também.

— Meu Deus, quando eu acho que não pode ficar pior...

— Tenho algo bom, para falar, no entanto.

— O que é?

— A dívida com Berat será paga amanhã.

Ele se levanta de um pulo, o rosto empalidecendo.

— Como?

— Eu não vou discutir os detalhes com você. Só precisa saber que Kahraman me emprestou o dinheiro.

Eu me sinto péssima por não revelar a verdade, mas além do fato de que dei minha palavra a Kahraman de que manteríamos tudo em segredo, que benefício poderia haver em dizer ao meu irmão que me vendi por trinta dias para pagar sua dívida?

— Vai trabalhar para ele? Como pagaremos isso?

— Serei sua assistente — invento depressa —, mas preste atenção ao que vou falar: eu não tenho como cuidar disso outra vez se cometer o mesmo erro. Eu te amo e você é meu irmãozinho, Hayden, mas se jogar novamente, vai acabar fazendo companhia ao papai na cadeia.

Sinto o estômago revirar só de pensar na possibilidade, mas está na hora dele levar um susto e entender que o que fez foi muito grave.

— Nunca mais, April. Eu prometo. Jamais vou esquecer o que está fazendo.

— Eu não acabei de falar ainda. Está vendo essa casa aqui?— pergunto, girando os braços ao meu redor. — Nada disso é nosso. Eu aceitei porque ficamos sem saída, mas ambos teremos que conseguir um emprego, seja fazendo o que for. Eu não vou depender dos Aydin para comer.

— Tudo bem, irmã. Já estava pensando nisso mesmo.

O meu celular toca e eu faço um gesto com a mão para que Hayden fique em silêncio, mas quase simultaneamente, o dele toca também.

Eu o vejo se afastar para falar, enquanto respondo ao meu interlocutor.

— Alô?

— *Senhorita Berger?*

— Sim, quem fala?

— *Cenk Yavuz Aydin.*

Deus, o irmão mais velho!

— Pois não?

— *Presumo que, a essa altura, já saiba quem eu sou.*

— Sim, senhor.

— *Eu liguei para saber se estão bem acomodados ou se lhes falta algo.*

— Não... huh... seu irmão... quero dizer, o senhor Kahraman providenciou tudo.

— Você deve me informar se precisar de alguma coisa.

— Tudo bem. Obrigada.

Se algum dia eu fiquei mais constrangida na vida, não me lembro.

— *Uma outra coisa: estão sob nossa proteção agora, o que significa que devem seguir as regras de segurança. Presumo que meu irmão já deva ter lhe contado sobre o envolvimento do pai de vocês com criminosos.*

Jesus, o homem é tão direto quanto Kahraman. Deve ser um traço genético.

Se eu fosse sensível, estaria em prantos a essa altura.

— Sim, ele contou. Eu entendi e mais uma vez agradeço, senhor Cenk.



Capítulo 25

— Boa noite, senhor Aydin — Hayden responde assim que me identifico. — Eu quero agradecer ao senhor pela casa e também por contratar minha irmã como sua assistente.

Eu sabia que o garoto era um figura apática. Nas poucas vezes em que nos encontramos, pouco falou, mas não esperava que fosse também tão subserviente.

Ele parece não saber o que agradecer primeiro.

— Sabe a razão pela qual eu e meus irmãos estamos ajudando, Hayden?

— Sei, sim. Tem a ver com a promessa que seu padrasto fez ao nosso pai.

— Sim, mas o que precisa saber, é que quando tenho um dever, eu o levo às últimas consequências. Eu não tenho ideia de como foi criado, mas agora, está sob nossa responsabilidade. Eu não me importo se tem dezoito ou cinquenta anos. Nossa família, nossas regras.

— É só me dizer o que preciso fazer, senhor Aydin.

— Sua irmã falou algo sobre conseguir um emprego para si e para você também. O que exatamente fazia na empresa do seu pai?

— Posso ser honesto?

— Não espero nada diferente.

— Praticamente nada. Eles não me davam muito o que fazer porque achavam que eu não era capaz.

— E você é?

— Sim.

— O que gosta de fazer?

— Eu amo computadores. Sistemas operacionais de maneira geral. Nunca sonhei com o setor financeiro, que é onde se concentrava a empresa do meu pai.

— Vá ao RH^[22] da sede da Aydin Steel Group amanhã. Eu deixarei meus funcionários informados. Tenho certeza de que conseguirão alguma coisa para fazer.

— Está falando sério?

Pela primeira vez desde que a conversa começou, ele soa animado.

— Sim, estou. Agora, avise a sua irmã para me ligar assim que encerrar o telefonema com meu irmão mais velho.

— Oh! Foi ele então que ligou para April?

— Sim. Por que soou preocupado?

— Eu não sei se devo falar.

— Diga.

— Eu tenho medo de que o senhor Demirci... que ele possa fazer mal à minha irmã. Ele queria que ela fosse para sua casa hoje e também, levá-la em uma viagem.

— Não se preocupe com isso. Ninguém a levará contra a vontade.

— Perdão antecipado pelo que vou dizer, senhor Aydin, mas como posso não me preocupar? April é a única família que me resta. Ela sempre foi meu mundo.

— Como eu lhe disse antes, ela estará em segurança. Agora dê o recado à sua irmã.

Menos de um minuto depois, meu telefona toca.

— Minha assistente?

Eu ouço uma porta bater do outro lado da linha e presumo que ela acaba de entrar no quarto.

— *Não combinamos nada. O que queria que eu dissesse? Que sou sua propriedade?*

— Não tenho como negar que a ideia me agrada.

— *Ou sua amante de aluguel?*

Meu rosto se contrai em uma careta involuntária.

Eu até agora não consigo acreditar que concordei em pagar para ter o direito de matar minha obsessão por ela.

Não tem nada a ver com o dinheiro em si, mas por uma questão de princípios.

Resolvo mudar de assunto, tratando de todas as questões espinhosas de uma vez. Não quero falar sobre finanças quando estivermos juntos.

— As dívidas de que falou do seu pai, eu vou sanar a questão com os acionistas da empresa, April, mas nada além disso. Algumas das fraudes que ele praticou são irrastráveis. E mesmo que conseguíssemos quitar todas, ainda assim será condenado. Ele vem sendo investigado há anos e agora que finalmente há provas, não o deixarão escapar.

— *Eu imagino que sim e não estava falando sério, Kahraman.*

— Sobre qual parte?

— *Sobre quitar as dívidas do meu pai e também na questão da prisão. Eu ficarei eternamente grata se seus advogados puderem auxiliá-lo na defesa, mas sei que os crimes que cometeu são reais.*

— Então qual foi o propósito do acordo?

— *Eu queria um milhão de euros.*

— Ah.

— *Não é o que está pensando.*

— Você não tem a menor ideia do que estou pensando nesse momento, April Berger. Esteja pronta amanhã às cinco. Eu a apanharei em casa.

— *Espera, para onde vamos? O que eu preciso levar?*

— Não se preocupe com isso. Se for o caso, compraremos por lá. Além do mais, não vai precisar de roupa na maior parte do tempo.

— *Ah, claro, eu me esqueci que não sairemos em público. Sou segredinho sujo, senhor Aydin.*

— Foi você quem colocou seu preço, April. Eu apenas aceitei a compra.

Desligo sem me despedir, irritado com a situação, mas ainda assim, incapaz de voltar atrás. Se antes, sem nunca tê-la tocado, eu disse sim quando ela me propôs, agora que sei o gosto de sua boca e que provei aqueles peitos deliciosos, eu não vou parar enquanto não a fizer minha.

Solto o telefone em cima da mesa do escritório.

Ainda não fui para casa. Assim como meus irmãos antes de se casarem, sou um viciado em trabalho.

O aparelho volta a tocar.

— *Eu já falei com April* — Cenk diz, assim que atendo.

— Eu sei. Acabamos de desligar também.

— *Achei que não queria se envolver.*

— É tarde demais.

— *O que isso significa?*

— Nós dois fizemos uma espécie de arranjo.

— *De que tipo?*

— Sua esposa não precisa de atenção?

— *Sou multitarefa.* — Ele pausa. — *Kahraman, eu não preciso dizer a confusão infernal que seria se você se envolvesse com April Berger, não é? Não poderá simplesmente descartá-la depois. Embora não seja da família, a garota talvez fique sob nossa proteção por anos, a não ser que resolva andar pelas próprias pernas, o que não parece provável.*

— Era só isso o que queria?

— *Nunca foi impulsivo. O que está acontecendo?*

— Eu a desejo há mais de um maldito ano e não vou conseguir deixar essa obsessão para lá. Não estou pedindo autorização, Cenk. Sou o senhor da minha vida. Estou apenas avisando-o, mesmo que não pretenda tornar nosso relacionamento público.

— *O que isso significa?*

— Temos um prazo para o fim. Não há razão para mostrá-la como uma namorada.



Capítulo 26

Assim que descemos do avião, noto uma limusine nos esperando, o motorista parado com a porta aberta e sorrindo.

— *Kalinihta* ^[23], doutor Aydin. Seja bem-vindo novamente.

— *Kalinihta*.

Durante todo o voo para a ilha grega, eu fiquei em silêncio, fingindo dormir.

Ainda estou chateada pela conversa que tivemos ontem, mas sei que, se vamos mesmo conviver pelo próximo mês, não poderei ser tão sensível.

Eu já percebi que ele não mede o que tem que falar, dizendo a verdade sempre.

Kahraman, por sua vez, parecia concentrado no notebook, como se não tivesse sequer uma preocupação na vida.

Eu não me importei de ser ignorada. Foi um alívio, na verdade, porque todas as vezes que estamos perto um do outro, me sinto sobrecarregada. É como se ele dominasse cada célula minha.

Apenas poucas horas antes de me buscar na casa nova, ele me disse para trazer o passaporte, pois viríamos à Grécia.

Eu tive vontade de gritar por sua arrogância. E se estivesse vencido? Ele não se preocupou em dizer que sairíamos do país.

— O que significa *kalimera*? — pergunto, assim que nos sentamos no banco traseiro do veículo.

— Boa noite, em grego.

— Quantas línguas você fala?

— Cinco. Além da minha natal.

— Quais?

— Grego, inglês, obviamente — diz, sorrindo, e meu coração erra as batidas. Eu queria saber que poder o homem tem de acelerar minha pulsação mesmo sem se esforçar para isso —, italiano, russo e chinês.

Eu não consigo esconder meu espanto.

— Chinês?

— Sim. Temos muitas transações comerciais naquele país e eu nunca confio totalmente nos locais ou em intérpretes. Eu quero saber se o que estou negociando está sendo colocado da maneira que desejo.

— E esse é um traço característico da sua personalidade?

— Qual?

— A desconfiança.

— Sem dúvida. Fora da família, eu não posso ser rotulado como alguém que tenha muita fé na humanidade.

Ele não precisava ter me dito isso para que eu tivesse certeza. Homens como Kahraman e meu pai desconfiam da própria sombra.

Imediatamente após o pensamento, eu me sinto mal. Ainda que eu continue detestando-o, não posso negar que não mentiu para mim até agora. Ao contrário, foi absolutamente honesto em suas intenções.

Eu decido que ainda nessa viagem, contarei a ele sobre a razão de eu precisar do um milhão de euros. Sinto-me desonesta por deixá-lo pensar que propus o acordo por querer o dinheiro por mero capricho.

E por que se importa como ele a julgará? — uma voz pergunta na minha cabeça. — Em cerca de trinta dias provavelmente nem se verá mais.

Eu percebi desde a conversa com o irmão mais velho, Cenk, que ele tomou para si a responsabilidade de cumprir o acordo com o padrasto deles. O que me faz questionar por que foi Kahraman quem providenciou a casa e os seguranças. Afinal, eles são cinco

irmãos. Mesmo antes que eu propusesse o acordo, ele já estava tomando a frente para cuidar de mim e de Hayden.

Eu não gosto dessa linha de pensamento. Não quero acreditar que ele se importa conosco. Como bem apontou, foi seu senso de honra que não permitiu que fugisse da obrigação.

— Posso perguntar se essa viagem é a negócios ou lazer?

— Um pouco de cada.

— Eu achei que a principal empresa de vocês era na área de siderurgia.

— Sim, é, mas nós investimos em diversos setores. Turismo, inclusive. É a razão pela qual precisei viajar esse fim de semana. Estou pensando em comprar a ilha e montar um complexo turístico.

— Assim como o que fará no Brasil?

— O que sabe a respeito?

Dou de ombros.

— Ouvi meu pai comentando, eu acho.

Não tenho realmente certeza, mas deve ter sido ele, sim.

— Sim, mais ou menos como o que estamos construindo no Brasil. Inclusive, é provável que você tenha que me acompanhar em uma viagem ao país, ainda esse mês.

— O quê? É muito longe! Como vou deixar meu irmão sozinho?

— Seu irmão já é um homem, April. Ele lhe contou que mandei que fosse à sede da Aydin Steel Group para ver onde o RH pode encaixá-lo?

— Sim e obrigada por isso. Ele ficou muito empolgado por ser na área que ele tanto ama.

— Eu tenho irmãos e sei que é impossível não nos preocuparmos com eles, mas precisa deixá-lo crescer.

— Eu sei, mas não consigo me impedir de me sentir responsável.

— Por quê?

— Eu fiz uma promessa a minha mãe em seu leito de morte.

Só Deus poderia explicar porque fui contar isso. Nem mesmo com meu pai eu já conversei muito a respeito, e até onde sei, ele acredita que meu cuidado com Hayden é o normal entre irmãos.

Claro que há isso também, mas eu não posso me esquecer do rosto dela quando estava se despedindo de mim e mesmo naquele momento, ainda se preocupou com Hayden.

— Sinto muito. Não deveria ter dito isso. É difícil separar o pessoal do...

— Comercial?

Eu fecho a cara na mesma hora.

— Está dizendo isso para me provocar? Vai falar o tempo todo sobre nosso acordo? Porque se for o caso, esse mês será um inferno.

— E por que se importa se brigarmos? Não seria nada diferente do que fizemos até hoje. Nunca nos suportamos.

— No entanto, aqui estamos nós.

Ele não retruca e eu me sinto revigorada. A atração mútua, não importa o quão poderoso Kahraman seja, me coloca em pé de igualdade com ele. Eu poderia apostar que se tivesse opção, me mandaria para Marte, mas ele não consegue. Nós dois somos a prova de que antipatia e desejo podem, sim, caminhar lado a lado.

— Conte-me sobre a promessa que fez a sua mãe.

— Por que quer saber?

— Talvez eu seja curioso.

Eu me viro para encará-lo.

— Não, você não é. Não presta atenção o suficiente no resto da humanidade para se importar.

Ele não nega e me dá aquele meio sorriso de novo, uma mistura sexy de ironia com arrogância.

É como se ficasse satisfeito que eu o leia tão bem.

— Deixe-me corrigir: talvez eu me sinta curioso sobre *você*.

— Porque precisa controlar todos que estão à sua volta.

— Está aí uma verdade irrefutável.

Eu suspiro e olho para a janela novamente.

— A minha mãe morreu quando eu e meu irmão tínhamos dez e oito anos, respectivamente. Fiquei meses sem vê-la quando estava no fim. Quando não havia mais nada a ser feito, foram me buscar para que nos despedíssemos. Ela me fez prometer que sempre cuidaria do meu irmão.

— É uma promessa muito séria para se pedir a alguém tão jovem.

— Olhando para trás, eu acho que mamãe já via o futuro, o quanto meu irmão é frágil e que sofreria na mão do nosso pai. Ela queria uma garantia de que o marido não destruiria Hayden.

— E por que seu pai faria algo assim?

— Porque eles são muito diferentes um do outro. As pessoas os comparam o tempo todo. Meu irmão nunca teve uma escolha, a não ser seguir os passos do meu pai.

— Todos têm escolha. O que pode faltar é coragem de exercê-la.

— Ele é só um menino.

— Não. Ele é um homem e o quanto antes perceber isso, melhor será para ambos.

Ele não fala mais nada, voltando-se para a janela também.



Capítulo 27

Quando finalmente chegamos à vila grega, é um pouco depois do anoitecer, já que aqui é uma hora a menos do que na Turquia e o voo, bem rápido.

Apesar de não dar para ver muito na penumbra, o que consegui captar da paisagem me deixou encantada. Tentei evitar não parecer uma tola, mas não pude deixar de fazer perguntas entusiasmadas a Kahraman, que respondia a tudo como se minha empolgação o divertisse.

— Nunca esteve na Grécia? — pergunta, assim que o motorista estaciona em frente a uma casa enorme, de dois andares pelo que posso ver e que parece ter saído diretamente de uma revista de turismo.

Ela fica no alto de um penhasco, isolada das demais construções da ilha, de frente para o mar e cercada de paredes de vidro por todos os lados.

— Apenas em Atenas. Em ilhas assim, não.

Ele me contou que a ilha em que estamos se chama Zarofu^[24] e pertenceu a um armador grego, mas os herdeiros não querem mantê-la, segundo me contou, e a colocaram discretamente à venda. Os Aydin, pelo visto, têm a preferência pela compra.

A ilha é privada, mas recebe turistas fora do terreno principal, no qual estamos agora, e que se ele comprar mesmo as terras, é onde ficará quando vier para cá.

É como uma pequena cidade, totalmente autônoma, com restaurantes e lojas.

— Está cansada? — pergunta, depois de me dar a mão para me ajudar a sair do carro.

— Não. Por quê?

— Pensei em levá-la para jantar em um restaurante típico.

— Eu adoraria — respondo com sinceridade, então me lembro do que ele me falou em nossa conversa ao telefone ontem e meu humor azeda. — Mas pensei que tinha dito que eu não ia me preocupar com roupas, senhor Aydin. Achei que fosse me manter trancada em seu castelo privado.

— Sente-se aborrecida porque estou levando seus termos ao pé da letra, April?

— Não. De jeito nenhum. Por que me sentiria assim?

Vejo quando ele faz um movimento com a cabeça para que o motorista nos dê privacidade.

Há guarda-costas parados a alguns metros de nós também, mas como todos que trabalham nesse setor, eles se fazem de invisíveis. Eu já nem noto, quase. Cresci cercada por eles e para mim é natural a presença de estranhos à minha volta.

Quando o homem se afasta, ele dá um passo para a frente, me imprensando contra o carro.

— O fato de eu querer mantê-la nua a maior parte do tempo — diz, correndo os lábios pelo meu pescoço —, não tem nada a ver com a natureza do nosso relacionamento e sim porque temos um prazo para o fim. Estou morrendo de fome por você.

Eu inclino o pescoço para trás, alheia a tudo mais. No momento, só existimos nós dois.

— Você é uma provocação mesmo sem se esforçar para isso, April Berger. — Ele suga de leve a carne do meu pescoço e eu o abraço, querendo impedi-lo de se afastar.

— Não faço de propósito.

— Eu acredito. É da sua natureza, como é da minha desejar dominá-la.

Eu deveria empurrá-lo porque essa declaração é muito errada, mas ao invés disso, eu me permito aproveitar um pouco.

Kahraman parece saber o que eu preciso, porque me beija, roubando meu fôlego e juízo em uma única ação. Até mesmo a maneira como me segura pela cintura, a forma como seus dedos se espalham como se abarcasse todo meu corpo, me enlouquece.

Ele encaixa uma das pernas entre as minhas coxas e quando gemo baixinho em sua boca, as mãos apertam com mais força os meus quadris.

Uma coruja canta relativamente perto de nós e o som nos traz de volta à realidade.

Kahraman não se afasta imediatamente, no entanto. É como se relutasse em parar de me tocar, o que sei, é um pensamento idiota.

Ele já deve ter tido centenas de namoradas ocupando exatamente o lugar em que estou no momento.

A lembrança me faz dar um passo para o lado.

— Quanto tempo tenho para me aprontar?

Ele ainda me encara por segundos intermináveis antes de olhar a hora em seu relógio.

— Cerca de meia hora.

— Tudo bem.

Eu me afasto e começo a andar em direção à construção, fingindo autoconfiança, ainda que as minhas pernas estejam moles como purê de batata.

Tenho certeza de que seus olhos estão me seguindo e me concentro em não tropeçar.

Em pouco tempo, Kahraman está ao meu lado e depois de me apresentar rapidamente aos empregados, instrui para que me levem a uma das suítes.

Eu só consigo voltar a respirar quando fico sozinha, depois que uma senhora muito simpática me guia para um dos quartos imensos e com um banheiro com vista panorâmica para o mar.

Apesar do prazo curto, eu pego o telefone para avisar a Hayden que cheguei.

Ele atende ao primeiro toque, o que me acalma imediatamente.

— *Oi, irmã. Chegou bem?*

Sua voz está atipicamente animada.

— Sim. Como foi na Aydin Steel Group?

— *Você não vai acreditar. Eu consegui, April. Vou trabalhar no setor de tecnologia da informação.*

É a faculdade que cursará no próximo semestre, mas mesmo sem o ensino formal, meu irmão é um pequeno gênio. Sempre amou

computadores.

— Está feliz?

— *Muito, e graças ao senhor Aydin.*

— Tem consciência de que estamos tendo uma nova chance, Hayden? A essa altura, poderíamos estar embaixo da ponte.

— *Eu sei e não vou desperdiçá-la. Eu vi a cópia do e-mail do advogado, falando sobre a quitação da dívida. Não tem ideia de como estou aliviado.*

Eu pedi que o doutor Özdemir me avisasse por e-mail quando conseguisse resolver o pagamento com Berat porque fiquei com medo se, caso me telefonasse, Kahraman ouvisse a conversa.

— Eu não quero que tenha mais qualquer contato com aquele homem, Hayden. Nem por telefone ou pessoalmente.

— *Eu também não. Aproveite sua viagem, irmã. Cometi um erro que não vai se repetir. Eu sei que agora somos só nós dois. Não vou te decepcionar.*

Eu desligo depois de me despedir, pensando em suas palavras.

Não somos só nós dois *agora*. Sempre foi assim.



Capítulo 28

Eu não consigo parar de olhar em volta, enquanto descemos do carro na rua do pequeno centro da ilha.

As pessoas sorriem e nos cumprimentam com uma *kaliníhta* e agora eu já sei que a palavra significa “boa noite”, então respondo timidamente.

Kahraman apoia a mão na parte baixa das minhas costas, me guiando para o restaurante e desviando dos turistas que lotam as calçadas.

Quando finalmente conseguimos entrar no estabelecimento, somos recebidos por um homem de seus quarenta anos, bonito, pele bronzeada e que meu acompanhante me explica que é o proprietário do estabelecimento e também um amigo de longa data.

O restaurante foi inaugurado há poucos meses e justamente por conta da intenção de Kahraman de adquirir a ilha, o que me diz que o negócio já deve estar praticamente fechado.

Eu também reparei que os empregados da casa o tratam com reverência, chamando-o de *Kyrios* Kahraman, que vi no Google que

significa “senhor”.

Eles trocam algumas palavras em grego pelo que consigo notar, então ouço Kahraman dizer:

— April não entende sua língua, Atticus. Vamos falar em inglês.

O homem me encara, sorrindo.

— Americana?

— Sim — respondo. — Do tipo que acha que os Estados Unidos é o centro da Via Láctea — brinco, me autodepreciando.

— Linda e com senso de humor. É um homem de sorte, Kahraman.

Ele me olha sem dizer nada e não consigo adivinhar se está se divertindo ou aborrecido.

— De que lugar dos Estados Unidos, senhorita...?

— April Berger. Sou de Nova Iorque, senhor Atticus.

— Manhattan?

— Sim. Nascida e criada.

— Nem tão autocentrada assim, então. É a cidade mais cosmopolita do país.

É minha vez de sorrir.

— Talvez eu apenas goste de dar um susto no primeiro momento. A maioria do mundo pensa o pior de nós. Eu me divirto confirmando.

— Ela é uma perfeição, Kahraman. Se um dia enjoar desse turco arrogante, é só me telefonar, April Berger.

Eu não acho que ele esteja falando sério. Parece flertar com facilidade e talvez seja um pouco para provocar Kahraman também.

Eu não respondo, mas sorrio. A mão dele muda da parte baixa das minhas costas para os quadris.

— Já basta — diz e o sorriso do grego amplia consideravelmente. Sim, ele o estava provocando.

Sem parecer se importar com o mau humor do amigo, o homem nos guia para uma mesa, mas antes de se sentar, Kahraman me pergunta:

— Está com frio?

— Não. A noite está uma delícia.

— Então vamos ficar com uma das mesas do terraço, Atticus. É a primeira vez de April em ilhas gregas e quero que aprecie a experiência.

O homem volta a empurrar a cadeira que havia puxado para que eu me sentasse e nos direciona para o lado de fora.

O restaurante localiza-se na parte alta da ilha e eu fico sem fôlego ao chegar à amurada do terraço e observar as construções abaixo de nós, todas iluminadas.

— É lindo demais.

Ele não faz qualquer comentário. Houve uma troca de olhares entre Kahraman e Atticus e logo em seguida, o amigo se afastou e ele tomou para si a tarefa de puxar a cadeira para que eu me sentasse.

— O restaurante é seu?

— Não. Eu não faço sociedade fora da família. É de Atticus. Eu o arrendei para ele por cinco anos.

— O que significa que não tem intenção de comprar a ilha e sim, que já a possui.

— Isso mesmo.

— Sempre age assim em sua vida?

— Assim como?

— Cada detalhe envolvido em uma aura de mistério?

— Não me deu razão ainda para confiar em você, April.

— E, no entanto, pretende me manter em sua cama por um mês — provoco, sem conseguir me controlar. — Está assumindo um grande risco, senhor Aydin.

— É um risco calculado.

— Como pode ter tanta certeza?

Agora que voltamos ao modo “embate” costumeiro, ele já não parece tão aborrecido. Eu acho que para nós dois é mais fácil nos mantermos como inimigos que se desejam do que só um homem e uma mulher que não conseguem resistir um ao outro.

Ele se recosta na cadeira e cruza os braços na altura do peito.

— O que poderia me fazer de tão mal, April? É só uma garota.

— Não disse que faria algo, apenas que me considerar uma inimiga da qual precisa manter até mesmo pequenos segredos, e ao mesmo tempo querer que eu durma ao seu lado na cama, parece contraditório.

— Não dormiremos juntos.

Eu sinto meu rosto aquecer.

Bem feito, April. É isso que dá querer participar de jogos dos quais não conhece as regras.

— Foi modo de falar.

— Não, foi o que pensou. Eu espero que não esteja criando fantasias românticas em sua cabeça, senhorita Berger. Quando os trinta dias chegarem ao fim, será um adeus definitivo. Quanto aos riscos aos quais se referiu, pelo direito de possuí-la por um prazo determinado, eu seria capaz de caminhar sobre cacos de vidro.

Eu o encaro para ver se está debochando, mas ele parece sério.

O homem consegue me fazer odiá-lo por sua prepotência, como agora há pouco, quando disse que nosso tempo juntos não passaria de trinta dias, dando a entender que *eu* vou querer mais. Ao mesmo tempo, quando ele demonstra com palavras ou carícias, a intensidade do seu desejo por mim, gera uma verdadeira festa de borboletas no meu estômago.

Confusa, pego o cardápio e dou graças a Deus que os pratos têm a tradução para o inglês.

— O que devo pedir? — ele não responde e eu ergo os olhos para encará-lo. — É que não experimentei muitos pratos gregos.

— Está brava?

— Não. Por que ficaria? Na verdade, estou agradecida por me lembrar constantemente do meu lugar em sua vida.

Eu lhe dou um sorriso falso e fico feliz quando ele me olha como se estivesse em dúvida se estou falando a verdade.

Ponto para mim, Kahraman Aydin. Se acha que vai me tratar como suas parceiras habituais, está muito enganado.

Não vou me apaixonar por você.



Capítulo 29

Nem eu sei porque estou tão irritado. Não faz o menor sentido me aborrecer com o flerte descarado de Atticus para cima de April. Eu o conheço há muitos anos e sei que faz isso com tanta facilidade quanto respira.

Além do mais, se ficarei com ela por um mês, tenho que aprender a lidar com os olhares dos outros homens. April é deslumbrante e, no pouco tempo de viagem e depois, com nossa chegada à Grécia, já percebi cabeças se virando enquanto passava.

Ela deve estar mais do que acostumada a despertar o interesse masculino e o fato de ser virgem aos vinte anos apenas significa que eu estava certo desde o começo: o pai tinha a intenção de usá-la como moeda de troca a quem lhe desse o lance mais alto. Não acho que ele esperava, no entanto, que seria eu a fazê-lo — penso com cinismo.

April finge se concentrar no cardápio enquanto a observo. Os cabelos negros como ébano atuando como uma cortina, escondendo seu rosto de mim.

Apesar do que falou, sei que está chateada. É jovem e não sabe como funciona um relacionamento como o que teremos.

Dormir ao seu lado só tornaria tudo mais confuso para ela.

— Alguma bebida, doutor Aydin? — a garçonete pergunta em um inglês carregado e com um sorriso que parece estar oferecendo mais do que drinques.

Eu ignoro o convite dissimulado.

Apesar de ser uma moça bonita, não tenho olhos para outra que não seja a mulher enigmática à minha frente.

— Você bebe álcool, April?

Ela enfim volta a me dar atenção.

— Não muito. Você bebe?

Dou de ombros.

— Sou ateu, mas mesmo os religiosos no meu país ingerem raki.

— Ah, eu já experimentei também, mas hoje acho que vou querer só água com gás e uma rodela de limão mesmo.

— Duas águas com gás — falo à garçonete. — Já decidiu o que quer comer?

— O que sugere?

— Confia em mim para escolher seu prato?

— Confiei em você para me trazer a uma ilha grega a qual nem sei direito onde fica, Kahraman. A escolha do jantar não parece tão perigosa assim.

— Nesse caso sugiro o menu do chefe, com provas de vários pratos. Podemos compartilhar.

— Hum, eu não sei. Não sou muito boa nessa coisa de dividir e sinto-me faminta.

Eu a olho, surpreso com o súbito bom humor.

Confunde-me com a maneira desapegada. Qualquer outra parceira que tive, se fosse direto como agi com ela, botando as cartas sobre nosso relacionamento na mesa, ficaria aborrecida.

— Vamos querer o menu do chefe, então.

A mulher se afasta e April olha em volta, agora se concentrando na cidade abaixo de nós.

— O que está pensando? — Enfim desisto de tentar adivinhar ou mesmo de bancar o indiferente.

Eu teria que ser estúpido para negligenciar alguém como ela apenas porque fiquei enciumado com as atenções que Atticus lhe dirigiu.

April é o pacote completo. Linda, sexy e tem classe. A língua afiada é um bônus irresistível. Algo que em minhas outras amantes

me irritaria, nela, é um atrativo. Os pequenos embates entre nós dois funcionam como uma espécie de preliminares.

Ela sorri, provocante.

— Não está acostumado com o silêncio em suas mulheres?

— Por que tenho a sensação de que está tentando trazer meu passado à tona para arrumar motivo para uma briga?

— Foi uma pergunta simples.

— Não para mim e para ser sincero, não teria como lhe responder. Uma vez que viro a página em um relacionamento, não penso mais na mulher em questão.

Ela não parece se abalar com minhas palavras frias, porém, honestas.

— Sabe algo que percebi, Kahraman? Esses trintas dias juntos serão um grande aprendizado para meus relacionamentos futuros.

Eu não deveria me importar em ouvir isso. April tem vinte anos e está começando a viver agora. Obviamente conhecerá muitos parceiros ainda. Entretanto, eu sinto como se ácido estivesse corroendo a boca do meu estômago.

— Disse que quer um emprego. Já tem planos para o que quer fazer? — mudo de assunto.

— Pensei em me tornar enfeite de vitrine. Afinal, segundo o que acha de mim, é assim que sou.

— Se está zangada por alguma razão, fale. Eu não gosto de jogos.

Ela volta a olhar o mar e demora um pouco antes de me responder.

— Estou, sim, mas não sei a razão. No entanto, o que eu falei sobre aprender com você é sério. Eu me sinto despreparada para a vida. Se convivemos, talvez eu possa captar uma coisa ou duas sobre como me posicionar diante do mundo.

— Tornando-se uma empresária implacável?

Ela novamente me dá um sorriso de canto de boca, a própria imagem da provocação.

— Não. Tornando-me fria e cínica, senhor Aydin.

— Ah, April, o que eu não daria para não desejar você.

— Por quê?

— É tudo o que não quero em uma mulher.

— Por que não sou mansa?

— Também. Além disso, é imprudente e tem uma língua comprida.

— Em nosso trato não estava combinado que eu seria um cordeiro. Aceitou a proposta sem pestanejar, Kahraman. Não haja como se tivesse sido enganado.

Sorrio.

— Não, eu não fui enganado. Eu só queria entender por que tinha que ser você.

— Por que tinha que ser eu, o quê?

Antes que revele mais do que desejo, a garçonete chega com pequenas entradas típicas da culinária grega: *hummus*, *tirokafteri* e *skordalia*, além de uma generosa porção de *pita*.

Por vários minutos, comemos em silêncio. Apesar de sentir fome assim como ela, distraio-me mais observando-a do que dando atenção à refeição.

Eu nunca a tinha visto comendo. Nos jantares que participamos, jamais fiquei tempo suficiente para isso.

Ela não estava blefando quando disse que sentia fome. Passa generosas porções das pastas no pão e ainda lambe os dedos quando algum pedaço lhe escapa.

Eu acho que nunca presenciei algo tão erótico em minha vida.

April não parece se preocupar em engordar. Ela se delicia com os pratos oferecidos e eu não consigo me impedir de fazer um paralelo

ao imaginar se será entusiasmada assim também na cama.

Ela ergue os olhos e para de comer quando me pega observando-a. Sorri, mas parece sem jeito.

— Estou sendo gulosa?

— Continue. Está me deixando louco vê-la comer.

— Não vou conseguir mais, agora que disse isso.

— Por que não?

— Porque não vou parar de pensar que está... hum...

— Excitado?

Ela balança a cabeça, concordando.

— E isso te tira o apetite?

— Não. Deixa-me ainda mais faminta.



Capítulo 30

Eu aceno com a cabeça em cumprimento, assim que a governanta da casa abre a porta para nós, minutos mais tarde.

Quase não conversamos através de palavras depois do que ela confessou, embora em silêncio, muito tivesse sido dito.

Os olhos de April, agora que me desapeguei da imagem de mulher fatal que eu tinha dela, revelam muito.

Impertinente ou não, ela não consegue esconder bem o que está sentindo, embora tente.

A empregada sai discretamente e April olha para trás.

Eu estico a mão para que venha até mim.

— Então eu te deixo faminta? — pergunto, quando se aproxima.

Os meus lábios percorrem a mandíbula macia como seda, enquanto as mãos a seguram pelas ancas.

— Fome do que eu não sei, mas sim, é fome.

Ela está trêmula e a respiração, entrecortada.

Eu nunca estive com uma virgem porque imaginava que desejariam algo que não estou disposto a oferecer ainda: compromisso. Achei que não fosse excitante fazer sexo com uma

mulher que não tem qualquer experiência, mas a cada reação dela, meu desejo se eleva de maneira selvagem.

— Há muito tempo eu quero você nua em minha cama e agora, eu a tenho só para mim.

— Por um mês. — Ela me lembra.

— Será mais do que suficiente para matar minha fome — falo, afastando o vestido e desnudando o ombro delicado.

— É outra coisa que quero aprender.

Eu sugo o pedaço de pele.

— O quê?

— A matar de uma vez por todas a vontade de ser tocada por você.

Subo as mãos, erguendo o vestido, que agora está embolado na altura dos quadris.

Ela não me para, parece perdida no prazer dos meus beijos em sua carne.

Fico louco quando sinto o elástico fino da lingerie, sabendo que somente a peça pequena me separa do paraíso.

— Eu quero preencher você tão completamente. Quero que se sinta cheia com meu pau, que gema para mim enquanto eu te fodo duro.

— Eu deveria empurrar você. Não permitir que me diga palavras sujas. Sou virgem.

— Você não quer me empurrar.

— Não, porque eu não tenho forças. Porque eu acho que até que cumpra essas promessas, o pulsar no centro das minhas coxas não vai passar.

Eu pego sua mão e beijo.

— Mostre-me onde está pulsando, April.

Os olhos escurecem ainda mais e as bochechas ficam vermelhas.

— Eu já disse...

— Mostre-me, *bebeğim*^[25].

Ela desce nossas mãos juntas e guia para o meio das pernas, mas não a pousa ali.

— Eu não sei como seduzir você, mas eu quero.

— Não precisa fazer nada para me seduzir, April. Seu simples respirar já me mata de tesão. Separe as coxas para mim.

Ela obedece e quando pouso a mão pela primeira vez em seu sexo ainda coberto, se desmancha, contorcendo-se em meus braços.

A calcinha está molhada de tesão e não consigo mais esperar para senti-la. Eu a ataco simultaneamente, sexo e boca.

Afasto o tecido para o lado, ao mesmo tempo em que a beijo.

Diferente dos outros, este é revestido de luxúria. Lento e molhado. As línguas, agora já se reconhecendo, pegam o que querem uma da outra.

Eu separo os lábios de seu sexo, correndo o dedo médio da abertura ao clítoris.

Ela me morde, quase perdendo o equilíbrio.

— Segure-se nos meus ombros. Vou te fazer gozar assim.

Eu espero até que faça o que eu mandei antes de meter um dedo na boceta melada.

Ela geme alto e mesmo que eu não insira nem a metade, posso sentir o quanto é deliciosamente apertada.

Ainda assim, ela me suga para dentro do seu corpo, mesmo que com dificuldade. Eu retiro e volto a enfiar e com o polegar, massageio o clítoris.

— Não me lembro de já ter desejado tanto algo quanto estar dentro de você.

— Kahraman...

Ela arranha meu pescoço e monta meus dedos, desajeitada, inocente, completamente minha.

Seus gemidos são uma delícia, sons profundos, necessitados, carregados de tesão.

— Oh....

— Goze para mim, April.

Suas paredes molhadas se apertam em torno do meu toque.

— Por favor.

— Eu vou te dar o que quer.

Estou a um passo do total descontrole, meu pau grosso e inchado querendo se libertar do confinamento da boxer e enterrar nela até as bolas, mas ao mesmo tempo, eu não quero me apressar. Ouvi-la gemer meu nome, se contorcer de prazer em meus braços, é viciante.

Ela rebola nos meus dedos, o instinto vencendo a inexperiência e eu fico fascinado com a transformação de garota para mulher.

April goza forte, chamando-me e implorando por mais.

Eu a beijo, esperando que se acalme um pouco e quando acho que pode se manter de pé sozinha, tiro seu vestido.

Não usa sutiã e eu fico com a boca cheia d'água ao me lembrar do gosto daqueles peitos.

Eu jogo o blazer no chão e quase rasgo a camisa ao abri-la.

Não me aproximo dela ainda, fascinado com sua perfeição. Cada detalhe do corpo delicioso em harmonia. April é muito além de qualquer fantasia que eu já tenha tido com ela.

— Vem cá.

Eu tenho a sensação de que ela está louca para se cobrir, mas ou é orgulhosa demais para fazê-lo, ou o desejo se sobrepõe à timidez.

Ela dá passos curtos até parar na minha frente.

— Eu já me masturbei pensando na sua boca e boceta. Eu vou te ensinar a me tocar, a me dar prazer, antes de tomar cada pedaço seu. Abra minha calça.

Ela não se mexe e eu pego sua mão, colocando-a sobre meu cinto.

— Faça, April.

Os dedos estão trêmulos enquanto executa a tarefa, mas quando eu seguro seus seios e estímulo os mamilos, sua timidez parece desaparecer totalmente.

Ela desce o zíper, a cabeça abaixada concentrada no que está fazendo.

— Eu quero esses olhos lindos nos meus.

Ela me encara, mas depois de descer o zíper, hesita, como se não soubesse o que vem em seguida. Com uma das mãos, eu a ensino a me acariciar por cima da cueca e quando espontaneamente ela aperta meu pau, eu gemo de tesão.

— Tire. Sinta minha carne na sua mão. Estou louco por você.

Seus olhos parecem ainda maiores agora. Eu seguro sua mão e guiando-a, liberto minha ereção rija como aço.

Mostro como deve circundar meu pau e começo um vai e vem lento. Meu pré-goço molha seus dedos e até mesmo o jeito tímido com que me acaricia me enlouquece.

— Aperte mais forte, mova rápido. Não vai me machucar.

Ela tenta e mesmo que ainda seja mais suave do que preciso, fecho os olhos porque suas carícias são um tesão.

Não paro de tocar seu mamilo com a mão livre, torcendo o bico duro entre os dedos, puxando até fazê-la gemer outra vez.

— Eu quero sua boca. Ajoelhe-se.

Suas bochechas ficam ainda mais coradas.

Ela lambe os lábios.

— Terá que me ensinar.

— Vai olhar para mim o tempo todo.

Ela faz que sim com a cabeça, o rosto lindo e puro, me dizendo que posso ter tudo dela.

Eu quero corrompê-la. Quero me apossar do seu corpo e inocência. Submetê-la à minha luxúria.

Eu guio a cabeça melada do meu pau para seus lábios.

— Lamba. Limpe o pré-goço.

A língua sai lentamente da boca e ao primeiro contato com meu sexo, eu quase urro.

— Fiz errado?

— Porra, não. Continue.

Encaro a mulher aos meus pés e agarro sua cabeça por trás com uma das mãos. Com a outra, mantenho sua mandíbula imóvel.

— Chupe o máximo que puder enquanto eu meto.

Ela me olha de baixo para cima e em seguida abre a boca.

Um grunhido de antecipação escapa do fundo da minha garganta.

Segurando meu pau pela base, resvalo a ponta em seus lábios. Ela geme e se abre mais para me receber.

Eu empurro para frente em movimentos lentos e ela começa a me mamar com timidez.

Aos poucos, pega ritmo e eu me movo em mais velocidade. Ela engasga e para.

— Continue. Você é deliciosa. É só relaxar a boca, minha linda.

Eu a seguro de cada lado de seu rosto, saio todo e volto a meter, tomando o controle. Aos poucos, vai se soltando. Chupa com vontade, como se estivesse faminta.

Logo fico muito perto do gozo, mas ainda que a ideia de encher sua boca com meu sêmen me deixe louco, me obrigo a parar.

Não é experiente, é uma virgem. Não quero assustá-la.

Dou um passo para trás e ela me olha, confusa.

Abaixo-me e a tiro do chão, carregando-a para o sofá macio na primeira sala que encontro.

Eu me deito com ela sentada no meu tronco, uma perna de cada lado.

— Eu quero chupar sua boceta. Senta na minha cara, April.

Ela ofega, mas eu não a deixo pensar, puxando-a até que seu sexo esteja alinhado com a minha boca.

— Me alimente com seu gozo. Foda minha língua.

Seguro-a pela cintura e lambo seu sexo da entrada ao clitóris. Ela treme, choraminga e quando a faço descer algumas vezes, enfiando a língua no canal apertado, ela não demora a gozar.

Eu a sinto escorrer no meu rosto, mas não paro me mamá-la até deixar toda limpinha. Só então a desço e capturo sua boca, beijando os lábios cheios, dando-lhe para provar o próprio gosto.



Capítulo 31

— Quer ir para a cama?

— Não. Quero mais. Não pare.

— O sofá é muito estreito para mim, *meleğim*^[26].

Eu jogo almofadas no tapete grosso, formando uma espécie de futton.

Depois a pego no colo e a deito sobre elas.

April só veste calcinha e sandálias de salto, mas não parece se importar e a maneira como se mostra sem qualquer vergonha aumenta meu desejo.

Eu me ajoelho, tiro uma e depois a outra sandália, beijando seus pés em seguida.

— Toma pílula?

Ela sacode a cabeça fazendo que não.

— Por que usaria? Eu sou virgem.

Não faço sexo desprotegido, mas estou meio obcecado em sentir sua boceta na minha carne.

— Eu estou limpo. Quero te foder sem preservativo.

— Não posso. Eu acredito em você, mas tenho medo de engravidar.

— Eu tomarei cuidado. Vou tirar, mas não quero que sua primeira vez seja comigo envolto por borracha. Eu quero sentir pele contra a pele.

Ela fecha os olhos, parecendo excitada com o que eu falei.

— Tudo bem, desde que me prometa...

— Tem minha palavra.

Tiro sua calcinha e me abaixo para beijar o interior das coxas. Tocando a carne acetinada com a ponta dos dedos.

Eu me levanto para tirar a calça e boxer, as únicas peças que ainda uso.

Volto a me ajoelhar entre suas pernas, e planto as mãos espalmadas nas almofadas, de cada lado de seu corpo, olhando para a mulher linda embaixo de mim.

Toco os seios redondos. Estão pesados pela excitação.

Inclino-me e tomo um na boca. Chupando e sugando.

April se remexe, as mãos vindo para meus cabelos, me puxando com força.

Ela arfa, gemendo meu nome, os biquinhos arrepiados de desejo. Deslizo uma mão para o centro de suas pernas. Está encharcada

outra vez.

Sem que eu peça, ela segura meu sexo, me masturbando lentamente.

Um toque, poucos segundos apenas e sei que preciso fazê-la parar.

Reclino-me sobre ela, mas sem soltar o peso.

Encaixo-me em sua abertura e concomitantemente, capturo-lhe os lábios. Suas mãos vêm para o meu rosto, prendendo-me no beijo com a mesma fome que sinto por ela.

Estou fodendo-a com a minha língua e ao mesmo tempo que empurro meu eixo grosso entre suas dobras molhadas.

Ela solta um gemido angustiado e uma das mãos desce para o meu ombro, as unhas fincando com força, criando um prazer selvagem, áspero.

Sinto meu corpo tenso pela contenção. Não me permito empurrar com a necessidade que meu corpo demanda, até que, aos poucos, ao sentir que não vou machucá-la, o corpo de April serpenteia sob o meu.

Eu cravo os dedos em sua bunda, erguendo-a e entro até encontrar a prova incontestável de sua inocência.

Eu mal passei a cabeça e ainda assim, a sensação dela me apertando dentro de si é deliciosa.

Empurro a metade e ela fica rígida.

Eu paro, sem me retirar. Beijo seu pescoço, o vale entre os seios e de novo a boca.

— Por favor...

O pedido incompleto, a intensidade dos olhos negros, a boca linda em um “o” necessitado, tudo contribui para agravar minha urgência de possuí-la.

— Perdoe-me — peço e em um único movimento, penetro-a em uma investida profunda.

Ela geme alto, mas não de prazer, e sim pela dor da invasão em seu corpo apertado.

Não se mexe, mal respira, totalmente tomada, preenchida pelo meu pau.

A respiração é ofegante e eu tento ficar imóvel, mas quando seu sexo contrai em pequenos espasmos, eu sei que tenho que me mexer ou vou morrer.

— Diga-me que posso continuar, April.

— Sim. Eu quero mais.

Eu saio muito lentamente, movendo-me dentro dela com tanto cuidado quanto consigo, mas sentir seu sexo me engolindo torna o ato de me conter a missão mais árdua do mundo.

Beijo sua boca enquanto massajeio o clitóris, para fazê-la relaxar e aos poucos, sinto a boceta dilatando-se para me dar passagem.

— Eu vou te ensinar a me receber em todos os lugares, April. Está molhadinha. Seu corpo quer muito ser tomado.

Suas mãos estavam agarradas no tecido da almofada, mas agora vêm para os meus ombros.

Não paro de esfregar o botão durinho do seu ponto de prazer e ela estremece, mordendo meu peito, como que se impedindo de gemer alto.

— Não se segure. Eu quero ouvir você.

Eu quero tudo dela, estou completamente louco de tesão. Sua boceta é quente e molhada e eu nunca tive que me segurar tanto na vida. O meu desejo é de me enterrar como um animal.

Eu a cavalgo em um ritmo médio, controlando-me para não ir além do que aguenta.

Quando começa a se soltar e me encara com os olhos necessitados, eu aumento a velocidade.

Quero fodê-la duro até ouvir seus gritos de tesão implorando por mais, mas ela não está pronta ainda, então uno nossas bocas, saboreando-a com a língua e com o pau.

— Dói muito?

— Não. Está passando.

Eu ergo uma de suas pernas em volta da minha cintura e começo a empurrar mais duro.

Ela está tão molhada que mela minhas bolas com seu mel cada vez que bato em seu corpo.

Eu a como sem pressa, até que os gemidos se tornam mais e mais urgentes, transformando-se em choramingos de prazer.

Aumento força e ritmo das estocadas.

Pego sua mão e beijo os dedos. Depois coloco-a entre nós.

— Toque sua bocetinha enquanto eu te fodo.

Quando olho para baixo, fico louco ao ver a mãozinha dedilhando o feixe de nervos.

Geme alto e parece surpresa com o prazer que se proporciona.

— Nunca consegui gozar sozinha, mas com você dentro de mim... Ah...

É dela a iniciativa do beijo agora, mordendo e sugando meus lábios.

Mamo os peitos, revezando-me entre eles, mordiscando os mamilos e ela implora por mais.

Completamente insano, meto duro, sem controle, martelando em seu corpo, um desejo febril se alastrando por cada célula minha.

As peles deslizam de suor e a foda se torna um ato de possessão mútua áspera, primitiva.

É paixão, luxúria, tesão insensato, arrebatador.

Eu sabia que fodê-la seria delicioso, mas não esperava que fosse tanto. Ela é perfeita.

Seu sexo me aperta com mais constância e sei que vai gozar.

Meu pau pulsa, inchando, querendo a libertação, mas eu não posso parar ainda.

As contrações aumentam e sugo seu mamilo. Quando meus dentes roçam o cume de carne, ela goza, gemendo meu nome.

Sinto o orgasmo se aproximando, mas eu ainda quero mais.

Saio dela e a posiciono de quatro. Eu sei que terei que fodê-la mais devagar porque nessa posição fica muito vulnerável à minha fome, então entro em seu corpo lentamente.

Agarro um punhado de seus cabelos e com a outra mão no quadril dela, meto em um ritmo intenso, mas não com muita velocidade.

— Rebole no meu pau, April.

Passo um braço por baixo de seu corpo, tocando seu sexo com a mão aberta, enquanto meto cada vez mais rápido, batendo dentro dela até que apenas as bolas estejam de fora.

Giro os quadris, testando os pontos que lhe dão mais prazer.

Saio quase todo e a faço me receber uma e outra vez.

A visão do meu pau abrindo a fenda pequena quase me mata e eu martelo dentro dela sem trégua.

Aumento a força com que agarro seu cabelo e empurro duro, em uma batida de carne contra carne.

Ela choraminga, implorando para gozar outra vez e dou o que ela quer, fodendo-a gostoso, massageando o clitóris teso.

— Goze em mim.

Sua cabeça cai nas almofadas quando meu ritmo se torna brutal. Ela grita meu nome uma última vez antes de desabar, sem forças.

Não se move mais, mas eu ainda a sinto pulsando ao meu redor.

Meto mais rápido, os golpes dentro de seu sexo profundos e sem controle.

Tiro no último segundo, gozando em suas coxas, separando as bochechas de sua bunda enquanto observo os jatos do meu esperma deslizando pela pele clara.

Ela está rendida sobre as almofadas e eu me deito em seu corpo, mas apoiado nos cotovelos.

Afasto o cabelo e lambo sua nuca.

Não é o suficiente, então seguro seu rosto e o giro para beijar sua boca.

— Eu nunca pensei...

— O quê, April?

Ela gira sob mim, deitando-se de costas nas almofadas.

— Eu tinha medo de jamais sentir prazer porque não conseguia... hum...

— Gozar sozinha?

— Sim.

— Você é deliciosa. Eu vou te fazer gozar tantas vezes que vai me implorar para parar.

— Não vai acontecer. Eu adorei. Nunca vou querer que pare — diz com um sorriso sexy.

Eu não tenho certeza se sabe que falou isso em voz alta.

Eu me abaixo para beijá-la, mas ainda durante o beijo, sinto-a amolecer sob mim, adormecida.

Ergo-me, ajoelhando entre suas pernas.

Nua, sexy, linda.

Minha?

Sim, por trinta dias, totalmente minha.



Capítulo 32

Eu me levantei antes dele. Não por vontade, mas porque me lembrei perfeitamente do que disse durante o jantar: que não dormiríamos juntos.

Eu preciso perguntar sobre as outras regras, porque não faço ideia de quais são.

Ligo o chuveiro do meu banheiro. Quando entrei no quarto, vi que ainda eram três da manhã, então tecnicamente uma das regras já foi perdida, porque nós dois dormimos juntos, *senhor magnata*.

Deixo a água quente escorrer pelo meu rosto e cabelo e em pouco tempo, eu me sinto mais relaxada, mas o ardor no meio das minhas coxas traz de volta a memória do que aconteceu há algumas horas.

Como as pessoas conseguem fazer isso? Dormir com vários parceiros a vida inteira sem se apaixonar? Ou será que se apaixonam por todos?

Eu li uma vez que os homens encaram o sexo de maneira diferente de nós. As mulheres confundem intimidade com carinho,

mas para eles, ficar nu com outra pessoa, tocar e ser tocado, não significa nada além de dar e receber prazer.

Eu tenho que me manter muito atenta a isso para não fazer algo de que vá me envergonhar depois.

Kahraman já tem um ego bem trabalhado. Não precisa que eu contribua para aumentá-lo chegando ao fim dos trinta dias como uma tola apaixonada.

Eu ouço a porta do banheiro se abrir e um arrepio atravessa meu corpo, em um misto de vergonha e expectativa.

Quando finalmente os braços fortes me rodeiam, eu tento me controlar para não ceder tão fácil, mas ele vira meu rosto para me beijar.

Eu não consigo manter os lábios cerrados quando a língua habilidosa pede passagem entre os meus, e quando enfim me rendo, me entregando ao beijo, sinto o coração disparar com violência dentro do peito.

Depois do que parecem horas, ele se afasta para podermos respirar, mas não me solta ainda.

— Estava desconfortável lá embaixo?

Eu giro em seus braços.

— Não. Estava seguindo suas regras. Disse que não dormiríamos juntos. Eu cochilei. Não queria aborrecê-lo.

Ou passar o vexame de ser enxotada — mas não digo isso em voz alta.

— Eu nunca passei a noite inteira com uma mulher.

Eu esfrio na mesma hora, como se o chuveiro tivesse sido mudado para o gelado.

Estico a mão para alcançar a água, mas ele me impede, então eu me solto de seus braços e saio do boxe.

Enrolo-me em uma toalha e vou até a mala procurar um pijama. Quase morro de susto quando o vejo parado atrás de mim, completamente nu. Achei que ainda estivesse tomando banho.

Não consigo desviar os olhos do corpo másculo. A barriga delineada de gominhos, os braços fortes, as coxas grossas e o sexo, que mesmo em repouso, é enorme.

O meu corpo responde imediatamente à visão dele, mas ainda estou muito chateada, então volto a me virar de costas, ignorando-o.

— O que há de errado?

Eu o olho por cima do ombro, me perguntando se ele está sendo irônico ou realmente não tem ideia.

— Não há qualquer laço entre nós, mas eu agradeceria se não fizesse um paralelo entre mim e suas exs. Seria um jogo desigual, já que não tenho alguém com quem compará-lo.

— Eu não estava comparando, só explicando o motivo de ter lhe falado no restaurante porque não dormiríamos juntos. É que não costumo passar a noite com minhas parceiras.

— Mesmo quando as traz em viagens?

— Nunca viajei com mulheres. Não houve necessidade.

Eu demoro alguns segundos para entender o que ele disse.

— Porque tem uma em cada país, ou quem sabe até em cada cidade do mundo, esperando-o?

Deus, aonde fui me meter?

— Não é bem assim. Não sou promíscuo.

— Não estou julgando-o. Não é da minha conta. Disse que esse era o principal motivo. Qual era o outro?

— Não quero que se apegue a mim — fala com uma sinceridade brutal.

Por dentro, estou magoada, mas eu prefiro cair morta antes de demonstrar.

— Não é exatamente alguém *apaixonável*, senhor Aydin. Tenho que dar o braço a torcer que nunca imaginei que sexo pudesse ser

tão bom, ainda mais da primeira vez e...

Ele não me deixa terminar de falar. Em dois passos, vem até mim e me pega no colo, imprensando-me contra a parede. Levanta minhas coxas e faz com que eu o circunde.

— Nunca pensou que o sexo pudesse ser *tão bom*? — repete, parecendo louco da vida.

A minha toalha se abriu e está quase caindo no chão. Ele resolve a questão livrando-se dela. Agora, não há mais nada separando nossos corpos nus.

— Sente dor ainda?

— Achei que meus serviços por essa noite tinham acabado.

— Retire o que disse, April.

Eu abaixo a cabeça, envergonhada.

— Eu não quis falar isso. Estou confusa, Kahraman. Não queria levantar agora há pouco, mas você falou que não dorme...

Ele me beija, calando-me.

Eu esqueço a raiva e enfio as mãos na massa de cabelo, puxando-o para mim.

— Podemos mudar as regras — sussurra em meu ouvido.

— Não estou pedindo isso. Durmo melhor sozinha.

— Mas quer dormir comigo — diz a ponta do seu sexo, agora já duro, roçando em minha entrada.

— Assim como você, caso contrário, não teria vindo atrás de mim.

— Eu não vim para dormir.

— Ponha-me no chão — falo, irritada outra vez, porque ambos sabemos que ele está mentindo.

Ou ao menos não dizendo inteiramente a verdade. Sim, talvez ele tenha vindo atrás de mais sexo, mas eu não acho que tenha sido só isso. Senti minha falta ao acordar.

Ele não faz o que peço, mas também não tentar me penetrar, fica parado, a cabeça de sua extensão encostada em meu canal em uma espécie de desafio.

— Dormiremos juntos.

— Eu acho que não. Não é algo que depende só de você. Eu...

Ele investe para frente e eu gemo, querendo mais.

— Durma comigo, April.

— Está quebrando suas regras.

— Fodam-se as regras. Eu quero você. Se for embora durante a noite, vou atrás e te pego de volta.

Ao invés de falar que não teremos noites o suficiente para que ele faça isso, já que logo iremos embora da Grécia, eu o beijo.

Ele aperta meu bumbum, me trazendo para baixo. Entra algumas vezes, mas em seguida, me penetra profundamente.

— A única regra nesses trintas dias será: nunca minta para mim, April.

Ele não me dá tempo para resposta, me possuindo com desejo selvagem. Eu correspondo, entregando-lhe tudo.



Capítulo 33

Ele saiu para resolver negócios referentes ao complexo turístico e depois de fazer um telefonema para o meu irmão confirmando que ele está bem, eu decidi ir à praia.

Não a privativa de Kahraman, mas a da cidade, onde os turistas frequentam também, porque cheguei à conclusão de que já passou da hora de viver a vida como alguém normal. Por conta da maneira com que meu pai sempre me controlou, posso contar nos dedos de uma mão quantas amigas tive ao longo da vida e mesmo assim, nenhuma íntima.

Eu quero me cercar de pessoas que gostam de mim. Estou cansada de ser sozinha. Com Hayden, não sou amiga, sou mais mãe do que qualquer outra coisa.

Depois de pedir algumas instruções à governanta e perguntar quanto tempo levaria para chegar lá, ela me diz que de bicicleta seriam cerca de dez minutos e que há várias à disposição na garagem.

Eu guardo o celular na bolsa e confiro se tenho filtro solar e toalha. Coloco tudo na cestinha e saio pedalando.

Quando chego ao local indicado pela funcionária, fico sem fôlego diante da cor verde azulada do mar.

É a perfeita imagem do paraíso na Terra.

Há um pequeno restaurante, bem mais modesto do que o de Atticus, quase na beira da água.

Algumas pessoas estão sentadas às mesas, que ficam nas sombras, admirando os banhistas.

Na areia há espreguiçadeiras fixas, com guarda-sóis e depois de me informar com um dos turistas se posso escolher uma delas, eu sigo para a mais próxima da água possível.

Tiro a saída de banho e reaplico o filtro solar, depois resolvo mandar uma mensagem para Kahraman avisando onde estou.

“Estou na praia. Volto mais tarde, a tempo de jantarmos.”

Não que eu ache que ele vá se importar.

Quando eu acordei, ele já havia levantado e não deixou qualquer recado de quando voltaria, além do aviso de que fora a uma reunião.

Nós devemos ir embora amanhã e eu quero pelo menos tirar esse branco-fantasma do corpo.

Eu guardo o telefone na bolsa e corro em direção a água. Está bem fria, mas mesmo assim, depois de molhar nuca e punhos, eu mergulho.

Tremo nos primeiros minutos, mas após nadar uns metros, começo a me acostumar.

Eu perco a noção do tempo, me permitindo esvaziar a mente de qualquer preocupação que não seja sentir o calor delicioso dos raios solares em minha pele enquanto boio.

Apenas quando meu nariz começa a arder um pouquinho é que percebo que talvez tenha exagerado.

Eu saio da água, torcendo o cabelo, mas quando chego na espreguiçadeira, sorrio ao ver quem está sentado lá.

Atticus.

— Uma sereia — flerta, se levantando. Depois pega minha mão e beija.

— Uma sereia temporariamente fora do mercado — brinco, mas falo sério ao mesmo tempo.

Eu li em algum lugar que gregos e italianos são muitos sedutores e paqueram com facilidade, mas percebi ontem que Kahraman ficou

irritado com as investidas do amigo. Embora nosso relacionamento tenha data para acabar, eu não quero que se aborreça por minha causa.

— Temporariamente quanto? Talvez eu esteja disposto a esperar.

— Você não quis dizer isso, Atticus. Eu sou apenas uma americana a mais na vida do seu amigo. Uma disputa por mulheres não vale uma amizade.

— Deixe-me ao menos ajudá-la a se secar, então.

Antes que eu possa protestar, ele pega a toalha e começa a secar meu cabelo.

— Quantos anos você tem, April?

— Vinte, por quê?

— É muito sensata para sua idade.

— Você tem que ser quando não lhe resta alternativa.

Eu simpatizo com ele de verdade e talvez em outro cenário pudéssemos ser amigos, mas eu acho que seu conceito de amizade é um pouco diferente do meu.

Quando escorrega a toalha para a parte baixa das minhas costas, ele atinge o meu limite no que concerne a uma singela ajuda entre amigos. Não estou acostumada a homem algum me tocando assim, fora o turco arrogante com quem perdi minha virgindade ontem.

Eu dou um passo para longe, mas antes que possa me virar para dizer a ele que é o suficiente, ouço a voz de Kahraman:

— Quando mandou a mensagem dizendo que estava na praia, esqueceu de falar que tinha companhia, April.

Não é o que ele diz, mas o tom acusatório o que me irrita.

Eu fico calada encarando-o e como em um filme, me lembro de tudo o que aconteceu ontem, o que fizemos e todas as benditas regras que impôs. Mas muito além disso, eu recordo a razão de estarmos nessa ilha.

Ele me considera sua propriedade porque pagou por mim.

— Ah, sim, ela tem — Atticus provoca antes que eu abra a boca.
— Inclusive eu posso dar uma carona mais tarde se April quiser ficar mais um pouco.

— Não vai ser necessário, Atticus. Eu vim de bicicleta.

— Vai embora comigo — Kahraman diz.

— Não, eu não vou.

Eu me aproximo e digo baixinho para que só ele possa escutar:

— Você não é meu dono, senhor Aydin. *Kalispéra*, Atticus — me despeço, sem olhar para trás.

— Uma boa tarde para você também, April. — Eu acho que o ouço dizer, mas a essa altura não estou mais escutando.

Pego a bicicleta e subo de biquíni mesmo. Só então me dou conta de que esqueci todos os meus pertences na praia: celular, toalha e a pequena bolsa de tecido que comprei em uma bazar beneficente.

Vou torcer para uma boa alma guardar tudo para mim. Mais tarde voltarei para pegar, mas de jeito nenhum enfrentarei aquele cretino desconfiado de novo.

Eu mal começo a pedalar na estrada de paralelepípedo e noto um carro ao meu lado.

— Suba, April.

— Me deixe em paz.

Ele se adianta e fecha o caminho, atravessando o carro na estrada como um louco. A sorte é que é deserta, porque leva diretamente à sua propriedade.

— O que pensa que está fazendo?

— Pegando o que é meu.

— Eu não sou sua.

— Uma ova que não é. Temos um acordo. Não podia ter ido para a praia com outro homem.

— Foi isso que ele falou?

— Não precisou. Estava óbvio. Bastou eu virar as costas e você rapidamente encontrou outra companhia.

— Sim. Esperei precisamente que saísse — ironizo.

Largo a bicicleta na lateral da estrada porque sei que ele vai mandar alguém pegá-la depois e entro no carro batendo a porta, querendo muito que fosse o crânio dele.

Ele vem em seguida e estaciona o carro direito, na beira da estrada.

— Por que foi se encontrar com ele, April?

Eu poderia desmenti-lo, mas estou com raiva demais para ser prudente.

— Talvez eu já esteja visando o próximo cliente.

— Não fale uma merda dessa. Não é prostituta.

— Não? Então por que está me tratando como uma? Se acha que o acordo que fiz com você eu faria com qualquer outro, então não consegue ver um palmo na frente do nariz, Kahraman.

— O que isso significa?

— Que eu o odeio, mas também te desejo. Agora, leve-me embora. Disse que o voo para a Turquia seria amanhã de manhã. Preciso descansar.

Ele solta o cinto de segurança que eu tinha fechado e me puxa para seu colo. Eu deveria lhe dar um tapa, mas ao invés disso, me deixo ficar.

— Por que propôs o acordo, April?

Faço que não com a cabeça para encerrar a conversa. Eu vou contar, mas não hoje.

— Leve-me embora.

— Ainda não.

— Eu não quero que me toque.

— Você quer muito, por isso está tão brava, como também estou.

Porque mesmo depois de ver aquele filho da puta com as mãos em você, eu ainda não consigo virar as costas para nós dois.



Capítulo 34

Ela me encara, parecendo que quer me matar, por cerca de cinco segundos antes de atacar minha boca em um beijo bruto.

A intensidade é tão grande que os dentes entram no caminho, causando um pouco de dor.

Eu agarro seu cabelo com força e inclino sua cabeça, tomando tudo o que quero.

Quando paramos para respirar, April tem os lábios inchados, o rosto vermelho e os olhos negros lindos congestionados de desejo.

— Nós nos detestamos. Não faz sentido ficarmos juntos, mesmo que seja por um mês — ela diz, ao mesmo tempo em que desabotoa minha camisa e assim que encontra um pedaço de pele, morde meu peito com força.

— Sim. Você é uma mulher odiosa, April Berger.

Eu abro o zíper da minha calça e com a mão livre, puxo a parte inferior do biquíni para o lado.

Meu pau se liberta, já duro como aço.

Coloco meus dedos em sua boca.

— Chupe.

Ela faz sem questionar e eu levo para o meio de suas coxas. Testo sua boceta, molhando-a mais com sua própria saliva.

Quando tenho certeza de que tem lubrificação suficiente, seguro seus quadris.

— Desça no meu pau. Controle a velocidade que aguenta porque não estou conseguindo pensar direito.

— Alguém pode chegar.

— Então temos que ser rápidos, porque nada vai me impedir de te comer agora. — Uma pontada de consciência ainda me faz dizer:

— Estou à beira do descontrole, April. Peça-me para parar, se não quiser isso.

— Eu não posso, Kahraman. Vou morrer se não senti-lo em mim agora.

Ela desce lentamente e geme, mordendo o lábio inferior quando meu eixo grosso começar a esticar suas paredes.

— Devagar, minha linda.

— Disse que não tínhamos tempo. Tome o controle. É o que eu gosto. Submeter-me a você.

É como se ela soubesse o que dizer para romper minha loucura.

Eu a puxo para mim e ergo os quadris ao mesmo tempo, metendo até o saco.

— Ah...

— Dói?

— Eu me sinto... não pare... Oh...

— Você está molhada, minha safada. Senta gostoso, cavalga duro meu pau, April.

Ela planta os pés no que sobrou de espaço nas laterais do banco do motorista, mas não é suficiente, então agarro sua cintura e faço com que suba e desça em mim.

— Olha como sua bocetinha engole meu pau.

Ela não fala, sem ar, o rosto corado de prazer. Nessa posição o encaixe entre nossos sexos é muito difícil. Ela é apertada demais.

Porra!

— Puxe o sutiã do biquíni. Coloque esses peitos deliciosos na minha boca.

Assim que ela desnuda o primeiro, abocanho inteiro sem parar de comê-la.

É uma foda suja, fruto de um desejo descontrolado, mas também é uma amostra para mim de que April não é igual a qualquer uma que conheci até hoje.

— Eu vou gozar — diz, minutos depois.

Ela agora toma a iniciativa, me cavalgando rápido, ansiosa para alcançar o próprio clímax.

Eu toco seu clitóris porque sei que está por um fio.

— Assim mesmo. Rebola gostoso.

Ela me morde.

— Eu tenho que odiar você.

— Odeie-me então, mas goze para mim, anjo.

Eu meto sem pena e poucos segundos se passam antes que ela se renda, molhando-me, mas ainda não para de subir e descer.

— April...

Ela agarra meu cabelo e me beija, a língua convidando a minha, a boceta me apertando em contrações constantes, quase ritmadas.

— April.

— Mais, Kahraman!

— Caralho, mulher.

E então eu me perco. Não há nada além de nós dois. Nada que não seja o corpo dela.

Eu não sei por quanto tempo a fodo ainda, mas quando finalmente gozamos, caímos praticamente desmaiados sobre o banco.

Alguns segundos apenas se passam antes que a consciência volte.

Fodemos sem preservativo.

— Você...

— Eu...

Dizemos ao mesmo tempo.

— Meu Deus, a culpa foi minha — diz.

— Não, foi nossa. Eu podia ter parado. Mas foi uma única vez. Não seríamos tão azarados assim.

Ela ainda está montada em meu colo e coloca o sutiã do biquíni no lugar.

Depois, sai de cima de mim, descendo quase para a beira do banco. Provavelmente preocupada em não molhá-lo.

A calcinha do biquíni já está no lugar e ela fecha as pernas bem juntas ao mesmo tempo em que olha para a frente, o queixo apontando para cima como sempre.

Algo em sua tentativa de mostrar coragem e dignidade mexe profundamente comigo.

Tiro minha camisa e sem pedir licença, puxo a calcinha do biquíni para o lado, secando o meio de suas coxas.

Ela fecha os olhos apertados, e quando volta a abrir, estão cheios de lágrimas.

— Podemos ir?

Eu tento beijá-la, mas ela se afasta, virando o rosto para a janela.

— Fale comigo.

— Acho que o problema é que justamente falamos *demais* hoje.

— Não falamos o que precisávamos.

— Eu não entendi.

— Por que propôs o acordo, April?

Ela suspira, mas não me encara ainda.

— Eu estava blefando naquele dia. Queria provocá-lo. Não sei o que me deu. Nunca imaginei que concordaria.

— Mas concordei.

— Sim.

— E foi muito específica no que queria de mim. Principalmente no valor: um milhão de euros.

— Claro que fui. Eu queria todo aquele dinheiro porque sou uma mercenária.

Há uma semana, eu concordaria com ela sem pestanejar, mas cada vez mais percebo que não conheço realmente a mulher ao meu lado.

Eu seguro seu queixo e faço com que me encare.

— Não, você não é uma mercenária, April.

Ela fecha os olhos.

— Meu irmão contraiu uma dívida de jogo naquele valor. Berat o enganou. Ele o levou para Praga, para jogar em seu cassino. Eu acho que era uma maneira de me chantagear a fazer o que ele queria. Deu-me um prazo para pagá-lo. Tem que acreditar em mim quando digo que não fiz a proposta a sério, Kahraman.

— Mas quando eu disse que concordava, não pôde recusar porque precisava do dinheiro.

— Isso mesmo. Eu não podia deixar Hayden ir preso.

— E se eu não aceitasse sua oferta?

— Meu Deus, não ouviu nada do que eu falei? Foi uma piada para afrontá-lo! Eu arrumaria outro jeito.

— Não foi isso que eu perguntei e sim se, caso não conseguisse o dinheiro comigo, teria cedido a Berat.

— Nunca. Nós teríamos que fugir, eu acho, mas nunca quis outro homem além de você. Eu não...

— Você não o quê?

— Eu não quero mais conversar.

— Continue o que estava dizendo, April.

Ela suspira.

— Eu ia dizer que não consigo imaginar outro homem além de você me tocando, mas isso, claro, porque foi meu primeiro tudo. Eu vou te esquecer quando o mês chegar ao fim.



Capítulo 35

Eu desço do carro e saio correndo assim que ele estaciona.

Há jardineiros do lado de fora da casa e sei que olham espantados a convidada do patrão deixar seu “kyrios” para trás, como se estivesse fugindo dele, mas estou sobrecarregada demais para conseguir manter as aparências.

A briga, o sexo no carro, minha imprudência quando ele praticamente me pediu duas vezes para parar e agora, a confissão sobre a dívida de Hayden.

Meu Deus, e se isso fizer com que ele demita meu irmão, pensando que ele é um viciado em jogo?

Eu não deveria ter falado nada. O que me importa o que pensa de mim?

Não gostávamos um do outro muito antes do meu pai ser preso.

Entro no closet e com a maturidade de uma criança de cinco anos, me escondo atrás dos cabides de dois vestidos longos que trouxe. Eu preciso de um banho, mas tenho medo de que ele venha atrás de mim como da última vez.

Menos de um minuto depois, vejo que meu esconderijo foi descoberto quando a porta se abre.

Eu quase morro de vergonha quando Kahraman afasta os vestidos e me olha, agachando-se na minha frente em seguida.

Ele não fala nada, apenas estica a mão para pegar a minha. Eu não dou.

— Estou propondo uma trégua. Meu comportamento hoje foi imperdoável.

— Qual deles?

— Não estou me desculpendo por te comer no carro, April. Faria de novo. Ainda consigo sentir a delícia que é sua boceta em volta do meu pau. Eu quero me desculpar pela cena que fiz na praia. Atticus é um cretino, mas não um traidor...

— E eu sou? Vá para o inferno, Kahraman!

— Não terminei de falar, gata selvagem. Eu estava dizendo que ele não é um traidor, mas mesmo que fosse, eu confio que você não me enganaria.

— Por quê?

— Porque isso que existe entre nós, essa maldita química que nos atrai como dois ímãs, foi a razão que a fez ser imprudente naquele dia no meu escritório. Eu te deixo louca, da mesma maneira

que você faz comigo e isso não tem a ver só com tesão. Somos dois fios desencapados que quando encostam um no outro, soltam faísca e não se encontra isso em cada esquina. É a mim que você quer.

— Eu não costumo ser combativa. Você me tira do sério.

— Eu sou conhecido como o irmão prudente. Comedido, frio.

Apesar de ainda estar me sentindo perdida, não consigo deixar de sorrir.

— Só prova que ninguém te conhece realmente.

— Só prova que você viu quem sou fora da superfície e não sei se gosto disso.

— Por que não?

— Perguntas demais, April. Agora, saia daí, como a dama que foi educada para ser.

— Estou cansada de ser uma dama.

— Foi por isso que propôs o acordo?

— O quê?

— Se tivesse me contado sobre a dívida do seu irmão, eu teria quitado-a sem que precisasse me entregar sua virgindade.

— Eu...

— Queria uma desculpa para ficar comigo.

Levanto-me, morrendo de vergonha, e eu nem sei qual a maior razão: se pelo fato dele ter me desmascarado quando eu estava mentindo até agora até para mim mesma, ou se porque o que ele falou mostra o poder que Kahraman sempre exerceu sobre meu corpo.

Eu não tenho como negar que sempre o desejei.

— Você é muito convencido.

— Sou fatalista.

— O que isso significa?

— Que o que está acontecendo entre nós era inevitável.

— Não era. — Teimo, indo para o quarto, mas sabendo que ele tem razão. — Se o seu padrasto jamais tivesse feito uma promessa para o meu pai. Se Hayden não tivesse apostado o que não tinha no cassino daquele infeliz do Berat. Se eu não fosse ao seu escritório e você não tivesse me deixado louca...

— Levaríamos mais tempo, mas ainda terminaríamos nus em uma cama. Deixe-me acabar de falar sobre a trégua. Há muitos anos não tiro férias. Fiquemos aqui por duas semanas. Será mais do que suficiente para eliminarmos o desejo que sentimos. Eu nunca passei tanto tempo com a mesma mulher.

— Ficou louco?

— Não, eu nunca estive tão lúcido. Somos completamente incompatíveis. No fim desses quinze dias dormindo e acordando juntos, vamos querer nos matar. É a melhor solução para ambos.

— Hayden...

— Estará em segurança. Tem um emprego, mora em uma boa casa e meus guarda-costas, sem falar em Cenk, estão vigiando-o.

— Isso é loucura. Depois do que aconteceu hoje no carro... da possibilidade... ainda assim quer ficar comigo?

— Quero.

— Por causa do dinheiro que me pagou?

— Esqueça isso. Vamos fazer de conta que foi parte da promessa de Halil a seu pai.

— Então mudamos o prazo que ficaremos juntos para quinze dias, é isso?

— Não. Continua um mês.

— Você está se contradizendo, Kahraman. E também, confundindo as coisas entre nós.

— Tem que questionar tudo?

— Sabia que eu não era mansa.

— Não quero você mansa — diz, dando um passo à frente e fazendo minha pulsação acelerar. — Quero suas unhas na minha

carne, e seus gritos enquanto te fodo.

— Um mês no total — falo, engolindo em seco —, mas se os quinze dias aqui funcionarem para nos odiarmos, nem precisaremos das outras duas semanas.

— Tudo bem.

— E não vou dormir na sua cama todas as noites.

— Isso é inegociável, April — diz, me pegando no colo e me levando para o banheiro.

— O que está fazendo?

— Me desculpando por ter duvidado de sua fidelidade.

— Fidelidade temporária.

— Que seja.

— E como pretende fazer isso?

— Chupando você até a hora do jantar. Vamos sair mais tarde.

Um restaurante e depois boate.

Eu já estou nua e ele ligou o chuveiro, mas não consigo me mexer porque ele começou a se despir.

Um dos cantos de sua boca se ergue como se soubesse que o estou cobiçando, o maldito arrogante.

Resolvo salvar um pouco do meu orgulho e lhe dou as costas, mas ele entra na água e me vira para si.

— Para quem está certo de que vai me odiar daqui a quinze dias, não parece conseguir tirar as mãos de mim, senhor Aydin.

— Você é meu vício, mas estou determinado a curá-lo, April.

Ele não está brincando. Eu percebo que acredita mesmo nisso.

E eu preciso acreditar também.



— Perdeu o sono? — pergunta, quase ao amanhecer, quando me encontra do lado de fora da casa, olhando para o mar.

Ele fez amor comigo por horas até sairmos para jantar e depois mais uma vez quando chegamos da boate.

Eu apaguei por cerca de trinta minutos, então, precisei vir tomar um pouco de ar.

Não gosto de incertezas. Não sou aventureira. Sou a boa menina com os dois pés no chão.

Para os meus padrões, minha vida atual é um pesadelo.

Meu pai está preso; meu irmão quase foi se não tivéssemos fechado esse acordo indecente e agora, eu sou a amante de um magnata turco que quer ficar comigo para poder me esquecer.

Se somarmos a isso o fato de que não tenho um emprego e apenas cerca de cinco mil dólares na minha poupança; que o meu pai negociava com narcotraficantes e que um dos seus sócios acha que pagou pelo direito de me fazer a esposa dele, a minha vida só pode ser resumida em uma única palavra: pesadelo.

— April?

— Sim, eu estava sem sono.

— Está preocupada ainda sobre a dívida que seu irmão fez? Não me contou os detalhes.

— Não. Eu não estou mais preocupada com isso.

Explico rapidamente sobre como resolvi tudo e que o doutor Özdemir me ajudou *pro-bono*.

Ele não parece aborrecido por eu ter contratado um de seus advogados sem lhe comunicar.

— Ele nunca havia jogado antes?

— Está brincando, né? Mal saíamos de casa, a não ser para eventos. Foi tudo culpa daquele infeliz do Demirci.

— Barát filho da puta.

— Acha que há risco de que ele se aproxime do meu irmão outra vez?

— Ele pode tentar, mas não vai conseguir. Meus guarda-costas nunca permitirão. Desde que Hayden não volte a....

— Kahraman, eu sei que está pensando mal dele por causa dessa situação, mas é um bom garoto.

— *Homem*. Ele já é um *homem*.

— Sim, eu sei. E está tentando encontrar seu lugar no mundo. Ficou muito empolgado por ter conseguido o emprego.

— Ele está tendo uma segunda chance, April. A maioria das pessoas não goza de tanta sorte.

— Sim, ambos sabemos disso. Esse dinheiro que nos deu, eu pretendo devolver um dia.

— Como?

— Por enquanto não passam de sonhos.

— Eu quero saber.

É tentador compartilhar meus planos para o futuro com ele, mas não desejo me tornar dependente, então ao invés de ceder, eu me aproximo, colando nossos corpos e passando os braços por seu pescoço.

— E contar minhas estratégias de como alcançar luxo e riqueza ao homem que, daqui a duas semanas, será meu inimigo? De jeito nenhum.



Capítulo 36

Dias depois

— *Eu não estou tentando comandar a sua vida, será que não entende isso?*

— Não é o que parece. Já é a terceira vez que um de vocês me liga na mesma semana e nem estou falando do drama que nossa mãe fez ao telefone.

— *Ela está preocupada, Kahraman, porque finalmente se deu conta de que ainda podem surgir muitos segredos ocultos na vida do nosso padrasto. Ficou chocada com esse arranjo de Halil com Jim para que tomemos conta dos irmãos Berger. Ela concluiu sozinha já, que ele não era o homem que imaginava, que tinha uma outra face da qual não fazíamos a menor ideia.*

Suspiro, irritado para caralho, ao mesmo tempo em que observo da sacada April nadando no mar.

Ela entra na água ao menos três vezes ao dia e disse-me que a Grécia para ela se tornou sinônimo de paraíso.

Quando fiz minha proposta de passarmos duas semanas juntos, eu esperava realmente que a convivência acabaria com o desejo que sinto, afinal, nunca fiquei com alguém vendo diariamente, mas ao invés disso, eu me pego cada vez mais envolvido com a mulher que não se encaixa em minha vida em sequer um maldito sentido.

April é temperamental, teimosa e não engole desaforo, mas também é natural, adora o simples, ama flores e quando não está tentando se proteger, é sensível ao ponto de ser comovente. Comenta sobre o canto de um pássaro, tempestades, ou a delícia de sentir a brisa do mar sobre a pele em um dia de calor.

Para minha vergonha, eu a julguei de maneira completamente equivocada. Ela é inteligente e espirituosa e seus interesses vão muito além de moda e compras, como pensei a princípio.

Entretanto, eu sei que ela ainda me oculta muita coisa. Nunca fala sobre o futuro ou os próprios sonhos.

Jamais conversou sobre ficar na Turquia em definitivo ou mesmo por quanto tempo pretende permanecer no meu país.

O que nas minhas outras parceiras traria alívio — o jeito desapegado de não cobrar nada — nela, me põe obcecado por pistas, respostas, garantias.

E ainda tem o bônus de que ela é quente como a porra de um incêndio na cama — o outro lado da moeda do seu gênio explosivo.

Eu nunca tive tanta compatibilidade sexual com uma parceira. Ela é um mistura única de inocência e uma sexualidade tão afluada, selvagem, que me faz tomá-la várias vezes durante o dia sem nunca enjoar.

Toda a paixão que demonstra em nossas discussões, ela transfere quando fodemos. É curiosa e muito disposta a aprender. Sensual ao ponto de me deixar insaciável.

Cada vez que transamos nunca é igual a anterior. Ela consegue me deixar morrendo de fome por seu corpo, suspiros e a maneira como chama meu nome na hora em que está gozando.

April faz com que todas as nossas fudas se tornem arrebatadoras, mas ainda assim não ficamos satisfeitos, acordando de madrugada em busca de mais.

Exaustos, mas nunca saciados.

Eu não me vejo como um cara doméstico. Não me lembro de já ter servido um café da manhã na minha vida, mas dispensei os cozinheiros e empregados e nos revezamos preparando as refeições.

É o que eu estava fazendo no momento em que o telefone tocou.

— *E quanto a April, vai ficar com ela a sério?* — pergunta, me trazendo à realidade outra vez.

Eu não tenho resposta para isso, mas mesmo que fosse o caso, recuso-me a dar satisfação da minha vida.

— Eu não quero mandar que cuide da sua própria família, irmão mais velho, mas é o que farei se continuar me pressionando assim.

— *Terá que tomar uma decisão em algum momento, Kahraman. Se pretende desfilar com April por Istambul quando voltarem da Grécia, a imprensa vai começar a especular e logo descobrirão da ligação entre Halil e o pai dela no passado.*

— Fala isso porque Jim está preso? Eu não dou a mínima de ser visto com ela. Tenho uma vida honrada. Sou honesto em minhas negociações financeiras. Além dos mais, não podem responsabilizá-la pelos crimes do pai. April é inocente.

— *Então está mesmo disposto a expô-la? É um relacionamento sério?*

— Não é. Eu não tenho qualquer intenção de levar uma mulher a sério no momento. Ao contrário de você e Emir, não desejo esposa e filhos pelos próximos cinco anos, no mínimo.

— *Então ao menos considera a ideia para o futuro?*

— Eu não considero nada. Quero aproveitar a vida e não sei por quanto tempo continuarei assim, mas com toda certeza não é um casamento o que estou buscando ao tirar essas férias na Grécia. Estou apenas me divertindo.

Eu tinha entrado em casa outra vez, distraído com a discussão com Cenk, então não percebi que April voltara.

Ela está parada, um meio sorriso ainda congelado no rosto, mas seus olhos me dizem que ouviu o que acabei de dizer.

Os mesmos olhos, aqueles mares negros, se desviam dos meus imediatamente, mas não antes que eu note a decepção neles.

— Eu tenho que desligar, Cenk.

À menção do nome do meu irmão, suas bochechas ficam vermelhas e eu sei o que está pensando: ela acha que estava discutindo nosso relacionamento com ele, o que não é verdade. Eu não tenho feito outra coisa que não manobrar para fugir das perguntas da minha família para não ceder a vontade de, exceto minha mãe, mandar todos se foderem.

Encerro o telefonema e a alcanço já na porta do quarto.

— April.

— Eu preciso tomar um banho. E estou faminta.

Ela entra no closet e começa a procurar algo para vestir.

— Pensei em ir até a cidade. As férias estão acabando e gostaria de levar uma lembrancinha para o meu irmão.

— April — repito, mas ela me ignora, como se a porra do vestido branco que tem nas mãos fosse a coisa mais interessante do mundo.

Ela pega uma calcinha cor-de-rosa na gaveta e começa a andar para o banheiro.

— Está louca comigo?

— Claro que não estou — diz, vem até mim e me dá um beijo na bochecha.

Eu não quero doçura, eu quero a mulher que sempre me fascinou.

— Já volto.

Seguro seu braço antes que possa se afastar.

— Quais são seus planos para o futuro?

— O quê?

— Nunca fala sobre seus planos para o futuro. Por quê?

Eu sei que provavelmente seu conceito sobre mim no momento é muito baixo. Toda a intimidade que construímos ao longo dos últimos dias, parece ter sido desfeita em questão de segundos. Eu

tenho a confirmação quando ela me dá um sorriso falso antes de responder.

Ela nem abriu a boca ainda e sei que não vou gostar do que vai dizer.

— Os meus planos para o futuro, doutor Aydin, não incluem o senhor. Pode acalmar sua família. Eu não estou atrás de um casamento. E mesmo se quisesse, seria a última opção que eu consideraria.



Capítulo 37

Há uma vantagem em ser criada por alguém como meu pai: você aprende a viver em uma couraça protetora.

Chega a um ponto em que consegue inclusive se convencer de que é inquebrável, praticamente invencível.

Com vinte anos, eu não tenho vivência sobre o mundo real. Sei pouco sobre como gerir minha vida financeira, não entendo nada de negócios ou em como meu pai conseguiu perder todo o nosso patrimônio, que até onde eu sabia, vinha de várias gerações, de uma hora para a outra.

Quando a proteção dos Aydin sobre mim e Hayden terminar, eu vou ter que começar do zero. Aprender a equilibrar as contas, guardar dinheiro e principalmente, juntar algum para correr atrás do meu sonho — ser dona de uma floricultura.

Também tenho pouca vivência em relacionamentos. Eu não sei as regras nem mesmo de um relacionamento regular, então nem tentei entender as que Kahraman impôs para o nosso.

Eu estou vivendo um dia após o outro, aproveitando tudo o que posso nessa coisa sem nome que temos.

Por outro lado, no que diz respeito a sentimentos, eu sou anciã. Nada é mais capaz de trazer maturidade do que a dor e o abandono.

Eu cresci tendo meu irmão como única fonte e receptáculo de amor. Depois que nossa mãe morreu, fomos criados por um homem frio e ausente que só era um pai diante da sociedade, mas que dentro de casa fazia questão de nos mostrar que não valíamos nada.

Fiel à promessa que fiz a mamãe, jurei criar um mundo à parte para mim e Hayden. Nesse universo secreto, não existe a vergonha de dizer *eu te amo* ou o medo de precisar um do outro.

O amor é desmedido e não aceita fronteiras para detê-lo.

Desse modo, eu sei detectar sentimentos, assim como tenho coragem para assumi-los. E com toda bendita certeza, eu sei que o cretino do turco que me espera no quarto nesse momento conseguiu ganhar um grande pedaço do meu coração em tempo recorde.

Eu tentei lutar contra, mas foi em vão. Como poderia evitar me apaixonar por Kahraman? Ele é intenso e lindo. Prepotente, mas também carinhoso mesmo sem perceber. Mandão, mas protetor.

Eu sei o que sinto, como sei que não há entre nós dois nada nem perto do ódio que ele queria que fosse alimentado nesses quinze dias.

É intimidade, paixão, desejo desenfreado. É amizade, carinho, mesmo que espinhoso às vezes, e é também, vontade de estar junto.

Ele pode não perceber, mas eu, sim, que me segue o tempo todo pela casa, fisicamente ou com os olhos.

Se sua intenção era me esquecer, a cada dia que passa está mais longe do objetivo. Para quem nunca dormiu com alguém, o homem me mantém presa em seus braços a noite toda e quando pensa que eu estou dormindo, fica me olhando na escuridão.

Como eu disse antes, eu sei detectar sentimentos. Não posso jurar que ele esteja apaixonado como me sinto, mas se acha que vou engolir essa porcaria de que está só se divertindo, engana-se.

Eu fugi para o banho porque depois que o ouvi dizer para o irmão que "...eu não considero nada. Quero aproveitar a vida e não sei por quanto tempo continuarei assim, mas com toda certeza não é um casamento o que estou buscando ao tirar essas férias na Grécia. Estou apenas me divertindo.", tive vontade de jogar a frigideira com

a omelete que percebi que estava preparando na cabeça dele por ser um bastardo mentiroso.

Estou muito chateada.

Apaixonada ainda, infelizmente, mas muito zangada também.

Eu poderia brigar e dizer tudo o que penso — que não tem coragem de assumir os sentimentos por mim —, mas do meu ponto de vista, isso seria implorar e não é o tipo de amor que quero.

Um dia, eu vou encontrar alguém que possa me dar na mesma medida o que lhe entregarei.

Eu vou construir meu mundo e compartilhá-lo com aquele com quem ficarei para sempre.

Por alguns dias, sonhando acordada, meu coração tolo achou que, talvez, pudesse ser ele, mas percebo que estava enganada.

Estou triste e magoada, mas não deixarei que perceba. Vou fazer dessas as melhores férias da minha vida e quando nosso tempo juntos acabar, vou ser capaz de dizer adeus.

Saio do banheiro muito mais calma do que quando entrei. Uma constatação de que tudo o que passamos na vida tem um lado positivo. Eu sou uma sobrevivente no que diz respeito à rejeição emocional.

Eu o vejo de costas para mim, as mãos nos bolsos do jeans, a camiseta preta que usa moldando os músculos dos braços e os ombros.

Olha para fora, para o mar.

Desde o primeiro dia, ele me mudou para a suíte principal e seu quarto tem uma sacada panorâmica que ocupa todo o andar.

Eu acho que ele sabe que estou aqui, mas custa a se virar.

— Estou morrendo de fome — falo, para quebrar o gelo.

Ele finalmente se volta para me encarar.

— Precisamos conversar, April.

— Pode ser durante o café da manhã?

Deixo a toalha cair e fico satisfeita em ver a luta em seus olhos.

Eu quero que ele se lembre de hoje, lembre-se no futuro, quando olhar para trás, tudo o que perdeu.

— Ou tem outros planos?

Eu me aproximo e percebo que prende a respiração.

— Está zangada.

Dou um passo para frente e o empurro de costas na cama.

— Não, estou com fome, senhor Aydin.

Eu abro seu jeans.

— Ajude-me — peço, descendo-o pelas pernas.

Ele ergue os quadris, mas fora isso, não toma qualquer atitude. Só fica me observando com os olhos cinzentos como duas poças de mercúrio, os pequenos pontos negros em sua íris me deixando hipnotizada como sempre.

— O que está fazendo, April?

Eu não hesito.

— Pegando um pouco da diversão que você disse ao seu irmão que estava tendo.



Capítulo 38

Eu deveria pará-la porque ainda precisamos conversar.

Sou um bastardo insensível, mas estou me tornando um especialista nela. Está chateada com o que ouviu.

Quando sinto seus lábios engolindo meu pau, entretanto, sei que não vou conseguir. April é para mim o que a cocaína representa para um dependente químico.

Eu ainda tento me segurar. Mostrar a mim mesmo que ela não me afeta tanto assim, que é só mais uma mulher.

Eu não levo mais do que dez segundos para perder a luta. Os gemidos de April enquanto me chupa, seus olhos em mim como mandei que fizesse desde a primeira vez, tudo me envia em uma espiral de insanidade da qual eu não sei como escapar.

Louco por ela saber como jogar comigo, por ter a certeza de que estou sendo manipulado, eu a giro para baixo do meu corpo em um movimento rápido, montando seu troco.

Ela fica surpresa e não tenta me chupar outra vez. Espera o que farei.

Eu agarro um punhado de seu cabelo, trazendo seu rosto até o meu pau.

— Chupe gostoso. Eu vou gozar na sua boca.

Eu quero chocá-la. Preciso que ela diga não, que me empurre, mas como em uma resistência passiva à minha demanda, ela devolve minha ordem dando tudo de si, me deixando entrar como eu quero.

Eu não afrouxo o aperto em seu cabelo. Não suavizo o ritmo com que fodo sua boca, entrando cada vez mais profundo até alcançar sua garganta.

— Mame com vontade.

Ela geme gostoso, enquanto me obedece.

— Engula meu pré-goço, April, e aproveite. Vai ser a última vez que pegarei leve hoje. Vou foder essa boca sem pena.

Eu estremeço quando dá lambidas e suga a ponta do meu pau, obedecendo-me.

Volto a meter, ganhando velocidade, empurrando duro, batendo e voltando em sua garganta.

— April, se não quer engolir, pare. Eu vou gozar.

Ela chupa com mais intensidade.

— Se quer sentir meu esperma em sua boca, vai beber tudo.

Fico louco ao ver como parece gulosa me tomando e em segundos, eu me derramo em sua boca.

— Beba.

Sinto os jatos quentes saindo de mim e fico completamente hipnotizado pelo movimento da garganta dela enquanto engole meu sêmen.

Ela não para de beber até a última gota e eu preciso me afastar para impedi-la de continuar.

April não fala nada, mas posso ver por seu rosto que acha que venceu essa batalha. Ela rola para o lado e tenta se levantar.

— Não. É minha vez. Disse que estava com fome e eu te alimentei, mas eu não estou nem perto de acabar com você.

Quando eu enfim me dou por satisfeito, já são três da tarde. Viemos para o quarto pela manhã e fora uns poucos cochilos, eu não sei quantas vezes a possuí.

April está esparramada sobre meu corpo e eu não tenho certeza de qual versão dela eu gosto mais: a gata selvagem ou a mulher apaixonada e entregue.

Eu não preciso escolher, no entanto. Ficarei com ambas.

— Vamos tomar um banho e sair. Eu tenho uma surpresa.

Ela me olha, anormalmente calada.

— Não quer?

— Sim, podemos ir.

— Há algo que precisamos conversar.

— Se for sobre sua conversa com Cenk, esqueça.

— Eu não quero um mês apenas. Quero mais.

— Não — diz, se levantando de um pulo.

— Não o quê?

— Não para qualquer coisa que me propuser. Temos um trato.

Não preciso dos quinze dias para te odiar. Eu já o faço nesse momento, mas se mesmo assim quiser continuar comigo, o prazo de um mês ainda está valendo.

Eu não discuto. Deixo-a acreditar, por ora, de que tem a última palavra. No momento em que encerrei a conversa com meu irmão mais velho hoje de manhã, ou talvez quando a vi olhando para mim ao testemunhar o que eu disse, eu tive certeza de que não poderia continuar negando a mim mesmo o que desejo.

Não há a menor chance de terminarmos dentro de um mês. Eu quero muito mais dela, com ela.

— Apronte-se, April. Tem meia hora antes de sairmos.

Ela me olha desconfiada porque também já começa a me conhecer e sabe que não desistirei do que quero.

Fica de pé, nua e linda para caralho. Nem um pouco tímida, se mostrando para mim.

— Aonde nós vamos?

— Sair com meu iate. Dormiremos as próximas duas noites fora.

Ela tenta esconder a empolgação, mas não consegue bem.

— Eu estarei pronta em meia hora — diz, formalmente.



— Isso aqui é o paraíso — ela diz sentada, com os olhos perdidos no mar, quando me aproximo, parando de pé ao seu lado.

Estamos navegando há mais de vinte e quatro horas e eu perdi a conta de quantas vezes pulou na água.

Ela tem fugido de mim o tempo todo. Só se rende quando fodemos. Fora isso, a cada vez que chego perto dela dentro do barco, disfarça e vai para outro lugar.

É como um jogo de gato e rato, mas sem a excitação do começo, porque agora já não é mais uma caçada. Ela é minha.

— Moraria aqui? — pergunto.

— Sim, para sempre. Eu poderia nadar no mar o dia todo e ocasionalmente vender artesanato para sobreviver, como os ilhéus.

Eu me sento atrás dela na proa do iate, mantendo-a encaixada no meio das minhas pernas. Sinto que fica imediatamente tensa.

— Ou pode continuar vindo como minha namorada — sussurro em sua orelha.

— Não quer uma namorada, quer uma amante.

— Eu quero *você*, do jeito que for.

Ela gira em meus braços.

— Só porque não pode ter.

— Quem disse?

— Eu estou dizendo.

— É uma mentirosa, April. Você também quer mais.

— Disse ao seu irmão...

— Eu não gosto de dar explicações sobre minha vida. Queria encerrar a conversa com Cenk, então falei o que achei necessário para impedi-lo de continuar me fazendo perguntas.

— Eu escutei quase tudo. Quer só se divertir. Não sou as mulheres com quem está acostumado a sair. Você foi o meu primeiro, mas eu sei mesmo agora que não sou mais virgem, que jamais farei sexo casual.

Faço uma careta de desgosto involuntária ao imaginá-la fazendo sexo, casual ou não, com outro homem que não seja eu.

— Coloque seus termos, April.

— Eu não tenho nenhum. Depois de um mês, estaremos acabados. Fim.

— Não.

— Nunca daria certo. Brigamos demais.

— Está fugindo.

Ela volta a se posicionar de frente para o mar, mas dessa vez, recosta a cabeça no meu peito.

— Estou apavorada.

— Eu não valho a pena o risco?

— Eu valho?

— Se eu achasse que não, por que teríamos essa conversa?

— Você é escorregadio como uma serpente. Prefere perder um braço a admitir...

Ela se cala de repente.

— A admitir o quê?

Silêncio.

Eu seguro seu queixo e giro sua cabeça para me olhar.

— Responda.

Ela se solta, levantando-se e colocando ambas as mãos na cintura.

— A admitir que gosta de mim.



Capítulo 39

Se eu fosse uma garota prudente, não teria dito aquilo, mas se tivesse mesmo juízo, não me apaixonaria por esse arrogante, em primeiro lugar.

Eu espero que ele vá negar, dizer alguma coisa debochada para desmentir o que eu falei, mas não. Ele sorri.

Não o sorriso irônico costumeiro. Um de verdade.

— Posso saber qual é a graça?

— Acha que vai me fazer desistir de você ao jogar na minha cara que te quero?

— Não só *quer*. Querer é desejo. Gosta de mim.

Ele se levanta e avança em minha direção. Dou um passo para trás, mas não tenho muita área de manobra e fico presa entre seu corpo e a amurada do iate.

— Eu nunca neguei que gostava de você.

— Desprezava-me.

— Você é irritante, às vezes. Briguenta. Indomável.

O rosto dele está a poucos centímetros do meu.

— E você é desconfiado. Prepotente. Eu já falei arrogante?

— Provocadora. — Ele beija a curva do meu pescoço. —
Deliciosa. — Segura meu rosto. — *Minha*.

Eu não me importo quem esteja nos observando. Sei que há outros iates ancorados perto de nós, mas tudo o que desejo é me entregar àquele beijo com a alma.

Quando nos separamos, ele diz:

— Vamos viver um dia de cada vez, April.

— Um dia de cada vez parece uma boa ideia — concordo, ainda abalada com a mudança dele.



Véspera da volta para a Turquia

— Não esqueceu nada em casa? — Kahraman pergunta, enquanto andamos de mãos dadas pelas ruas de Zarofu.

— Não.

Ele sorri, tira o celular do bolso da bermuda e o sacode para mim.

— Deus, eu nunca lembro de carregá-lo comigo!

— Deveria. Sou um maníaco por controle e não me agrada a ideia de que saia sem ele.

Eu não respondo o que estou pensando porque não quero brigar.

Se fosse falar o que está na ponta da língua, diria que vou começar a controlar cada passo que dá também, da mesma maneira que faz comigo.

Eu não sei o que mudou na cabeça dele desde que rotulamos nossa relação de caso temporário para algo ainda sem nome, porém com várias possibilidades, mas eu juro por tudo o quanto é mais sagrado que ele está atento até mesmo às minhas respirações. Às vezes eu me pergunto se é só o jeito protetor dele mesmo ou se, por não gostar do meu pai, desconfia que eu seja igual.

Não, claro que não.

Ele poderia pensar nisso antes de me conhecer, mas estamos há mais de duas semanas dormindo e acordando juntos todos os dias. Eu teria que ser uma excelente atriz para fingir tão bem. Nem mesmo alguém tão desconfiado quanto Kahraman poderia pensar algo assim.

— Eu só uso o telefone para mandar mensagem para Hayden. Não tenho alguém para ligar.

— Só para ele?

— Eu não tenho amigos aqui... na verdade, nem nos Estados Unidos.

— E parentes?

— Também não. Somos só nós três. Meu pai era filho único e os pais dele estão mortos. Talvez haja uns primos distantes, mas nunca mantivemos contato.

— E quanto a ex-namorados?

— Eu não deveria responder a isso.

— Por quê?

— Posso resumir minha história amorosa a duas bocas que eu beijei. Se for inverter a pergunta, vou estar idosa quando terminar sua lista. Não que eu esteja interessada.

— Entendo seu desapego em relação ao meu passado, mas eu estou interessado no seu. Eles eram americanos?

Reviro os olhos.

— Sinto muito, mas não vou dar informações sobre dois adolescentes do High School, Kahraman.

Tento esconder um sorriso, mas falho. Eu duvido que esteja com ciúme, é sua bendita mania de controle mesmo.

É o nosso último dia na Grécia e não estou pronta para partir.

Assim que pisar em Istambul, os problemas vão começar a ocupar minha mente.

Tirando o fato de que não tenho um emprego e que meu pai será extraditado para os Estados Unidos no fim da próxima semana, indo para longe de nós, as coisas estão relativamente calmas.

Eu tenho menos de vinte e quatro horas para curtir a vida dentro da nossa bolha, onde tudo o que precisamos pensar é em que ilha ele vai ancorar o iate, o que comeremos no almoço e se passei filtro solar o suficiente.

Eu suspiro, já com saudade.

— E quanto a depois que foi morar em Istambul?

— Eu não estava interessada em homem algum.

— Estava. Em mim — ele diz, sem nem tentar disfarçar a arrogância.

— E você em mim. Louco de paixão — brinco, passando os braços por seu pescoço, mas ele me olha sério.

— Loucura é um bom rótulo. Eu ainda não tenho certeza se somos bons um para o outro.

Eu fico magoada e me solto, dando as costas para ele, fingindo ver uma joia na vitrine.

— Você quer que eu minta? É desse jeito que será baseada nossa relação?

— Não sei do que está falando.

— Ficou aborrecida com o que eu disse.

— Sabe, a sinceridade é muito linda, mas ela não é uma via de mão única. Não precisamos dizer tudo às pessoas, porque nem sempre estão prontos para ouvir. Eu sei que nossa relação é baseada em sexo e que se não sentisse tanta atração por mim, não teria proposto continuarmos, mas aqui vai uma notícia fresquinha: estou apaixonada por você. Concordo que talvez não sejamos bons um para o outro, entretanto. Não nos vejo a longo prazo, então deveria parar de analisar nossa relação e aproveitar enquanto ela dura.

Antes que ele possa dizer alguma coisa, a vendedora, achando que estou mesmo olhando a gargantilha com um pingente de camélia, vem para a porta conversar conosco.

Ela me explica que são joias exclusivas, feitas por uma princesa, a designer Josephine Revello-Lucchese^[27], esposa do príncipe regente de Amasitano.

Eu já li diversas reportagens sobre ela e sempre quis ter uma joia com sua assinatura, mas meu pai as considerava *modernas demais*.

Sei que Kahraman está atento à minha conversa com a vendedora, que eu estou estendendo de propósito para evitar ficar sozinha com ele por ainda estar sentida.

Conto para ela que a camélia era a flor preferida da minha mãe e a mulher sugere que a leve de presente

— Ela já faleceu, mas obrigada pela oferta.

— Oh, minha filha. Não quis lhe trazer lembranças tristes.

— Não trouxe. Eu nunca fico triste quando penso em minha mãe.

— E você sabe que o significado da camélia cor-de-rosa, como a desse pingente, é saudade?

— Sim, eu sei. Sou fascinada por flores. É o meu sonho ser...

Eu me interrompo ao perceber o que estava revelando na frente dele.

— Nós vamos levar o colar — ele diz.

— Não. — Eu o encaro com seriedade, mas ao ver a mulher atenta à nossa guerra fria, mudo o tom. — Não é necessário, mas obrigada assim mesmo.

— Embrulhe-o, por favor — ele repete, como se eu não tivesse falado nada.

— Não foi minha intenção fazê-los brigar, queridos. Sinto muito.

Ela parece tão sem jeito que agora quem se sente mal sou eu.

— Não se desculpe. Estou sendo boba. Fico tímida de aceitar presentes, mas se ele insiste, eu adoraria.

Ela nos convida a entrar e oferece bebida e comida, enquanto pergunta se já quero sair com a joia.

Eu aceno com a cabeça, fazendo que sim. Pode ser bobagem, mas apesar da ideia de aceitar presentes dele não me agradar, terei a sensação de que mamãe está mais perto de mim.

Vinte minutos depois, saímos da loja e estou sorrindo.

— Obrigada — falo, ficando na ponta dos pés para dar um beijo na bochecha dele.

— Eu não quis te magoar quando disse aquilo antes de entrarmos na loja.

— Eu acredito. E por isso mesmo, talvez você esteja certo: não somos bons um para o outro.



Capítulo 40

Faz três semanas que eu voltei e a vida parece um pouco menos assustadora do que pensei que seria em princípio.

A essa altura, meu pai já foi extraditado para uma prisão em Nova Iorque, que é onde se concentram a maioria das acusações contra ele, mas Kahraman descobriu que há ações criminais também no Texas e na Califórnia.

Ele se recusou a nos ver, e meu irmão, mais do que eu, ficou arrasado. É triste que sejamos só nós três e mesmo assim, em uma situação tão difícil, papai continue agindo com a prepotência de sempre.

Na teoria, nosso acordo já acabou, mas mesmo com nossas brigas ocasionais, meu relacionamento com Kahraman está cada vez mais intenso.

Depois da discussão que tivemos nas ruas de Zarofu e do que eu lhe disse, ele se desdobrou para me agradar. Se fosse com qualquer outro homem, eu o mandaria para o inferno por ter me magoado, mas essa é a grande tristeza de se estar apaixonado:

você não consegue ficar com raiva da pessoa por muito tempo, ainda mais quando ela se esforça para fazer tudo direito.

Hayden, graças a Deus, está muito bem no emprego e me disse que o miserável do Berat não ligou mais para infernizar.

Sabendo que meu irmão está feliz, eu fico mais tranquila em aceitar dormir no apartamento do meu namorado quase toda a noite.

Não saímos em público ostensivamente ainda, mas uma revista me fotografou descendo do carro dele. Como eu estava de cabeça baixa e com o cabelo solto, não descobriram que era eu, mas eu sei que em breve o farão.

Ontem, Kahraman falou enquanto jantávamos que me levaria no fim de semana para conhecer sua mãe no almoço familiar semanal.

Eu não soube o que dizer. Acho que é muito cedo ainda, mas o que entendo sobre relacionamentos?

— Vai sair de novo? — Hayden pergunta, chegando na hora em que já estou na porta.

Ele geralmente volta do trabalho às cinco.

— Vou, sim. Lembra da floricultura de que lhe falei? A dona me mandou passar lá para conversarmos. Acho que conseguirei o emprego.

Não é da minha natureza demonstrar entusiasmo porque aprendi a me conter a vida toda, mas dessa vez, eu não consigo disfarçar. Estou muito empolgada.

Quase aos vinte e um anos, vou conseguir meu primeiro emprego e logo fazendo algo que eu amo: vendendo flores.

Eu espero que seja um aprendizado para quando, no futuro, se Deus quiser, eu puder ter a minha própria loja.

Ele não fala nada e eu franzo a testa, estranhando.

— O que foi?

— Falou com Kahraman a respeito disso, April?

— Não. Só o farei quando estiver empregada, por quê?

— Ele não vai gostar.

— Não sei se entendi, Hayden.

— Não fique brava com o que vou falar, mas um homem na posição dele, certamente não vai querer a namorada trabalhando em loja como vendedora de flores, irmã.

Eu já havia pensado sobre isso e também, tomado uma decisão a respeito.

— Não saí do controle do nosso pai para cair em outro, Hayden. Estou tentando uma oportunidade de mudar a minha vida. Sozinha. Com os meus próprios pés. De tudo o que o nosso pai me falou

naquele dia na prisão, há algo em que ele tinha razão: não podemos ficar dependendo da ajuda dos Aydin para sempre. Somos jovens e inteligentes. Não é justo que fiquem pagando nossas despesas.

— Eu sei disso e estou juntando dinheiro para fazer uma poupança conjunta para nós. O salário na Aydin Steel Group é bom, mesmo para um iniciante como eu. Em breve, talvez consigamos sair dessa casa e pagar algo com o nosso próprio dinheiro.

Eu vou até onde está e o abraço.

— Sinto-me tão orgulhosa de você, Hayden.

— Eu não quis magoá-la quando falei sobre Kahraman não gostar do emprego na floricultura, é porque fico preocupado. Está na cara que se apaixonou por ele. Eu nunca acreditei naquela história de assistente — diz, sorrindo.

— Não se preocupe com isso. Agora, eu tenho que ir.

Eu já estava chegando na porta, quando me volto para encará-lo.

— Estou feliz por você, irmão. Aprendeu com seu erro e está se destacando no trabalho.

— Estou?

— Sim. Kahraman me disse que seus superiores o elogiaram.

Ele me dá um sorriso lindo.

— Não tem ideia de como fico satisfeito em ouvir isso. Por tanto tempo eu me senti desvalorizado pelo nosso pai.

— Eu sempre acreditei em você. — Ando até ele e lhe dou um beijo na testa. — Vai mesmo para aquela conferência na França?

— Vou, sim. Eu e mais dois funcionários acompanharemos nosso gerente de contas. Mesmo sendo um dos últimos a entrar na empresa, ele me escolheu para acompanhá-lo. Não é incrível?

— É, sim. Promete tomar cuidado? Eu ainda tenho medo que aquelas histórias do nosso pai com o narcotráfico sejam verdade.

— Prometo, sim. Vai direto daqui encontrar Kahraman, né?

— Aham.

— Avise-me se conseguir o emprego. Em caso positivo, teremos que comemorar.

Saio da casa e me preparo para andar um quilômetro até chegar à floricultura. Está fazendo um dia lindo e mesmo com um motorista à minha disposição, decido ir a pé.

Após alguns quarteirões, percebo que os dois guarda-costas me acompanham. Não pela primeira vez, me pergunto se eles relatam a Kahraman cada passo que dou.

Não gosto de pensar que sim. É como se eu fosse um bebê. No entanto, gosto menos ainda da possibilidade de esbarrar,

propositadamente ou não, com Berat em uma rua deserta. Eu não acredito nessa história de que cão que ladra não morde.

Você consegue sentir o mal saindo de cada poro daquele homem.

Estou quase na porta da loja quando uma tontura súbita me atinge. Não é daquele tipo que nos acomete quando a pressão cai em um dia quente, mas uma tão forte que eu preciso me apoiar em uma mulher que está passando.

— *Nasilsin*^[28]? — a mulher, me olhando preocupada, pergunta em turco se está tudo bem.

— *Evet. Afedersin.*^[29] — respondo que sim, me desculpando em seguida.

Imediatamente, os homens de Kahraman me rodeiam.

— Senhorita Berger, o que há de errado?

— Nada. Foi só uma tontura. Está muito quente. Eu já melhorei.

Entro na loja antes que tenham chance de me impedir, pronta para dar início a uma nova fase da minha vida.



Capítulo 41

— A senhora entendeu que não tenho qualquer experiência como vendedora, né? — pergunto lentamente em inglês para que não restem dúvidas entre nós porque minha pronúncia em turco não é lá grande coisa.

— Entendi, sim, meu bem. Eu compreendo inglês melhor do que falo. Você tem um diferencial, entretanto: ama flores e conhece sobre elas.

— A minha preocupação é não saber dar explicações tão bem no seu idioma.

— Por incrível que pareça, a maior parte dos nossos clientes é estrangeira. Muitos locais não entram na minha loja por eu não usar o hijab^[30].

Na Turquia, ao contrário de boa parte dos países de maioria muçulmana, o lenço que as mulheres usam para cobrir os cabelos não é obrigatório, mas alguns cidadãos mais extremistas não encaram com bons olhos essa “liberdade” de escolha.

Apesar de ateu, Kahraman tem me explicado muito sobre a religião da mãe, Zehra. Ela não é radical, mas tem fé.

— Então é uma sorte a minha que Istambul seja tão cosmopolita.
— Sorrio. — Acho que tendo com quem conversar em turco, aos poucos aumentarei meu vocabulário.

Ela acena com a cabeça, concordando. É metade americana e metade turca, talvez por isso esteja tão feliz por me contratar. Disse que gosta de treinar o inglês, e com os clientes, é necessário o uso apenas de frases curtas.

— Quando pode começar?

— Quando a senhora quiser.

— E essa tontura que me disse que sentiu antes de entrar?

— Deve ser o calor, senhora Polat.

— Tudo bem. Algumas vezes precisarei que abra a loja para mim, isso será possível?

— Sim, claro.

Eu não acredito que consegui. Estou me sentindo poderosa, com três metros de altura.

No meio da despedida, sinto que ela olha por cima do meu ombro e quando viro para trás, não consigo acreditar que Kahraman está parado na calçada, em frente à loja.

Eu imaginei que os guarda-costas contariam a ele que me senti mal, mas nunca pensei que ele viria até aqui por causa de uma

simples tontura.

— Ele é... huh... um amigo — falo.

Ela sorri como se não acreditasse e querendo evitar perguntas, eu combino de chegar no horário no dia seguinte: às oito da manhã.

Para estar na loja a essa hora, terei que acordar bem cedo. Se dormir na casa de Kahraman, principalmente.

Eu ando para a saída e ele está me esperando com a porta da loja aberta. Coloca a mão na parte baixa das minhas costas e me dá um beijo casto na testa, quase não encostando os lábios na minha pele. Embora não seja mais proibido e Kahraman não siga a religião, ele me disse que segue respeitando os costumes da maior parte de seu povo.

— O que veio fazer aqui?

O motorista está à nossa espera.

— Você andou por um quilômetro nesse calor e sentiu-se mal — diz, depois que nós dois entramos no banco de trás do carro. — Parece irritado e quando continua, as palavras são lançadas como dardos. — Se queria flores, era só ter pedido para um dos guarda-costas comprar para você.

Ele diz isso com o mesmo tom que falava comigo antigamente: uma mistura de condescendência e desprezo, como se minha única

preocupação na vida fossem futilidades.

Eu estava muito empolgada para contar a ele sobre o emprego, mas mudo de ideia.

Ao invés de corrigi-lo, eu implico ainda mais.

— Ah, mas eu amo comprar flores frescas e gosto de fazê-lo pessoalmente.

— Não está carregando nenhuma.

— Não encontrei uma espécie que me agradasse. Foi só por isso que veio?

— Não. Nós precisamos conversar.

— E não podia esperar para mais tarde?

— Era inadiável. Há algo que preciso saber. Uma única pergunta que vou lhe fazer e espero uma resposta honesta, mas antes, aguardo um telefonema.

— Eu não estou entendendo nada. O que está acontecendo, Kahraman?

O telefone dele toca e ele faz um gesto com a mão, me pedindo silêncio.

Eu sinto o coração afundar.

Deus, não permita que Hayden tenha feito alguma besteira na empresa. É a única razão que consigo imaginar para ele poder estar

me tratando como se eu fosse uma inimiga.

Eu tento prestar atenção ao que ele está falando ao telefone, mas é rápido demais e entendo apenas algumas poucas palavras e expressões em turco como “compreendi”, “bom trabalho” e “obrigado”.

Quando desliga, afrouxa o nó da gravata sem olhar para mim, mesmo que eu ache que saiba que o estou observando.

— Kahraman?

— Agora não, April. Vamos conversar quando chegarmos à minha casa.

— Eu não sei se quero ir para lá. Vou acordar cedo amanhã e...

— Para quê?

Seu tom de desconfiança me irrita.

— Por nenhuma razão — falo, muito zangada agora também. — Certo, vamos para a sua casa, mas não vou dormir lá.

— Eu não me lembro de tê-la convidado.

Viro o rosto para a janela para que não perceba o quanto sua resposta me machucou.

Não sei o que ele quer falar comigo, mas vai ter que ser muito rápido ou hoje vão escutar nossa briga em cada canto do país.

Como ele pode pensar em me apresentar para a família se em um momento me trata como se eu fosse tudo o que quisesse e agora passa a agir como se eu fosse nada?

Em cerca de vinte minutos, o motorista estaciona na garagem privativa. Ele me disse que todos os irmãos solteiros moram em apartamento. Apenas Emir e Cenk trocaram seus imóveis por casas espaçosas por causa dos filhos.

Ainda que esteja com raiva, ele se adianta ao motorista e abre a porta para mim. Ao contrário das outras vezes, porém, não oferece a mão para que eu desça.

Ele não me encara quando entramos no elevador, mas eu continuo a observá-lo, uma sensação como se uma bola de ferro estivesse pesando no meu estômago.

Agora que estou prestando mais atenção, percebo que ele não está só zangado, é como se houvesse uma barreira de gelo entre nós.

E então, eu entendo. Essa não é mais uma briga como tantas que tivemos desde que estamos juntos.

Ele vai terminar comigo.

Eu finalmente desvio o olhar dele. Concentro-me em não mostrar o que estou sentindo, querendo acabar com isso o mais depressa

possível.

As portas se abrem e ele me espera sair.

Eu passo por ele, com a sensação de estar carregando um edifício nas costas e ao mesmo tempo, confusa.

Para que vir até aqui se queria apenas me dizer adeus?



Capítulo 42

— Quer que eu te poupe o trabalho?

— O quê?

— Não me trouxe aqui para conversar. Vai terminar comigo. Poderia ter economizado tempo a nós dois. Eu estava perto de casa.

— Não vai ser tão fácil assim, April — diz, sem negar que chegamos ao fim da linha.

— Não estou entendendo.

Ele tira o celular do bolso e me entrega.

— Esqueceu seu telefone ontem.

Eu estendo a mão para pegar, mas ele se afasta, me impedindo.

— Ainda não.

— O que quer, Kahraman? Acabou de confirmar que é o fim.

Eu tento manter a voz firme, mas sei que ela sai dolorida e fico com raiva dele por fazer com que eu me exponha assim, por me fazer amar e confiar nele.

— Quando falei para virmos, eu ainda acreditava que tudo não passava de uma mal-entendido.

— Tudo o quê?

— Desbloqueie seu celular e leia suas mensagens, April.

Eu não pego o telefone. Ao invés disso, o encaro, chocada.

— Mexeu no meu aparelho? É disso que se trata? Leu minhas mensagens privadas? Como pôde fazer algo assim?

Eu penso no que poderia ter lido e sei que não há nada que tenha encontrado que o faria agir como está se comportando agora. É provável que queira uma desculpa para poder sair como aquele com razão. Principalmente perante os irmãos.

Eu não preciso ser um gênio para entender que Cenk é contra nosso relacionamento, baseado na conversa que ouvi entre os dois na Grécia.

O que me faz questionar mais uma vez por que queria me levar a um almoço de família.

Mas o que isso importa, agora?

— Eu não mexi — ele finalmente responde. — Eu pretendia lhe devolver no jantar de hoje. Levei para a empresa. Temos um sistema de monitoração de palavras-chave^[31].

Eu sorrio, mesmo sem estar com qualquer vontade, mas morrerei antes de demonstrar o quanto estou sofrendo.

— Está me dizendo que uma “palavra-chave” de uma das minhas mensagens ativou seu sistema de segurança? O que era? Eu ameacei colocar uma bomba na Mesquita Azul^[32]?

— Desbloqueie o aparelho, April. Ou está com vergonha de ler na minha frente a troca de mensagens com seu namorado?

— O quê?

Eu agora pego o telefone sem pestanejar. Minha mão treme tanto que ele quase cai.

Olho para um número sem identificador, certa de que não só não conheço, como nunca recebi mensagens desse chamador antes. Então, quando começo a ler o que está escrito, preciso me sentar.

A tontura de hoje cedo me ataca ainda mais forte, mas eu rezo todas as orações que conheço para não desmaiar.

Não é uma mensagem, são várias, desde antes de irmos para a Grécia.

Nelas, a pessoa que me trata de maneira carinhosa e se identifica como meu namorado, agradece a transferência de dinheiro e pergunta se Kahraman desconfia de alguma coisa.

Não é o pior, entretanto. Há respostas minhas. Conversas inteiras nossas, rindo e debochando por enganar Kahraman.

Eu sinto a bile subir à garganta e mesmo fraca, me levanto.

— Alguém clonou meu telefone.

— Sim, foi a primeira coisa que eu pensei — diz com um sorriso irônico. — Mas teria que saber também da sua negociação comigo. Como descobriria a respeito dos euros?

— Ninguém sabe do nosso acordo.

Ele não fala nada.

— Acredita nelas, então?

— Eu não quis acreditar, então, contratei um especialista. Era a pessoa com quem estava conversando no carro. As mensagens são legítimas. Algumas datam de quando estávamos na Grécia. Como explica isso?

— Você acha que o enganei por dinheiro? Acha que eu estou com outro homem e me envolvi com você por dinheiro?

Eu estou horrorizada e sei que não posso continuar aqui. Tinha certeza de que terminaria comigo, mas nunca poderia imaginar que seria desse jeito ou que desceria tão baixo.

— April!

— Acha que eu sou uma ladra. Uma trapaceira. Meu Deus do céu!

Eu estou cega pelas lágrimas e corro em direção à porta, mas antes que eu a alcance, perco a força das pernas e tudo fica escuro.



Eu não sei quanto tempo fico apagada, mas quando abro os olhos, a primeira pessoa que vejo é Hayden.

Olho em volta e levo poucos segundos para perceber que estou em um hospital.

E então, eu me lembro do que aconteceu e começo a chorar.

— Shhhhh... está tudo bem — ele diz me abraçando com os olhos vermelhos também. — Eu estou aqui.

— Eu desmaiei?

— Sim.

— Quem te avisou?

— Kahraman. Ele está no corredor esperando para entrar. Você chamou meu nome e ele me deu preferência.

— Sabe quanto tempo fiquei desmaiada?

— Acho que não muito, mas estava agitada, então te deram uma sedação leve. Kahraman disse que sentiu-se mal hoje mais cedo também.

— Sim, mas eu já estou boa. Tenho que sair daqui.

— Ficou louca? O médico ainda vai vir conversar com você, April. Eles não vão te deixar sair até terem certeza do que aconteceu.

— Eu fiquei nervosa. Foi só isso.

— Por quê?

Eu abro os braços para que ele venha para perto de mim e quando deita a cabeça no meu peito, choro todas as lágrimas que segurei boa parte da vida.

Depois que me acalmo um pouco, conto tudo a ele sobre as mensagens e como Kahraman me acusou de tê-lo enganado.

— Ele acreditou? Como pôde?

— Há respostas minhas nelas, Hayden. Qualquer um acreditaria.

— Qualquer um que não te conhecesse. É o melhor ser humano do mundo. Eu vou falar com ele.

— Não. Eu não quero mais vê-lo. Preciso ir embora porque fui contratada pela dona da floricultura.

— E acha que vou te deixar trabalhar amanhã? De jeito nenhum.

Eu não tenho tempo de responder, porque em seguida, um homem que suponho ser médico, entra com Kahraman ao seu lado.

— Senhorita Berger, que bom que já acordou.

Eu foco no doutor, me recusando a encarar o homem que partiu meu coração.

— Eu estou bem. Preciso que me dê alta.

— Ainda não. Sua pressão arterial está um pouco alterada. Colhi seu sangue. Estamos esperando os resultados, mas antes há algumas perguntas que eu quero fazer. Suponho que posso ficar à vontade, já que só temos seu irmão e seu namorado, o doutor Aydin, além de nós aqui.

Ele disse que era meu namorado?

Apesar de querer desmentir, não vou fazer uma cena.

— O que deseja saber, doutor? — pergunto, focando nele e em Hayden, como se Kahraman não existisse.

— Há alguma chance da senhorita estar grávida?

Eu sinto como se a alma deixasse meu corpo.

— O quê?

— Parece-me saudável, então como está em um relacionamento — as bochechas do médico coram —, eu tenho que levar em conta essa possibilidade.

Abro e fecho a boca várias vezes querendo dizer que é impossível, mas não posso.

— Há uma chance, sim — é Kahraman quem responde. — Quando terá certeza, doutor?

— Saberiam dizer de quanto tempo, se fosse o caso?

Nossos olhos se encontram, ambos lembrando do dia no carro, mas não foi a única vez. Não se passou um dia, fora os três do meu período, em que não tivemos relações. Houve ao menos mais dois acidentes, mas pelo tempo que estamos juntos, se aconteceu, foi naquele dia da briga mesmo.

— Pouco mais de um mês — digo, morrendo de vergonha.

— Bem, então eu fico mais tranquilo. Gravidez é a melhor das possibilidades. Agora é só aguardarmos mais algumas horas pelo resultado do beta HCG.

Depois que ele sai, Kahraman continua parado me encarando, mas eu só vejo Hayden.

— Eu quero ficar sozinha — digo ao meu irmão.

— Nós precisamos conversar — Kahraman fala, quase simultaneamente.

— Não. Você a fez desmaiar com suas acusações. April me contou tudo. Ela precisa descansar. Eu vou cuidar para que não se

sinta mal outra vez. Pode ir embora, doutor Aydin. Não precisamos do senhor.



Capítulo 43

A minha vontade nesse instante é mandar o moleque para o inferno, mas quando olho para April, ela não me encara, voltada para a janela do quarto de hospital, em uma demonstração clara de que não quer falar comigo.

Vou para o corredor esperá-lo, e quando chego lá, encontro meu irmão, Cenk, andando de um lado para o outro. Em seguida, as portas do elevador se abrem e Emir, Qasim e Zehab surgem também.

Mandei uma mensagem para meu irmão mais velho avisando onde estava porque somos muito conhecidos no país e havia uma chance de que um dos funcionários do hospital vendesse a notícia para um site de fofocas.

A minha mãe precisaria ter conhecimento da situação ou ficaria preocupada.

Eu havia planejado levar April para um almoço em família para tornar público nosso relacionamento. E então, o mundo

desabou sobre a minha cabeça quando o chefe do setor de segurança da tecnologia me pediu que o atendesse.

O homem parecia extremamente constrangido, mas estava apenas fazendo seu papel.

Ele me explicou por que acessou o celular de April assim que as palavras-chave foram detectadas pela rede da empresa.

Na última vez que foi me visitar na Aydin Steel Group, ela conectou-se à nossa rede e apenas por isso, eu descobri o que estava fazendo pelas minhas costas.

Coincidência ou destino?

A mulher que eu pretendia manter em minha vida em uma base permanente, se divertia com outro, satisfeita ao me fazer de tolo.

— Como ela está? — Cenk pergunta ao se aproximar. — Voltou do desmaio?

Os outros me beijam também e esperam que eu explique o que aconteceu. Todos os meus irmãos, desde que voltei da Grécia, sabiam que estávamos juntos.

— Sim.

— Por que desmaiou? — Cenk insiste. — Está doente?

Eu sei que sua pergunta não tem só a ver com o fato de que ela é minha namorada, mas porque também leva a sério a obrigação que assumiu em nome do nosso padrasto.

Não costumo contar novidade aos poucos, então resolvo despejar de uma vez só.

— O médico acha que ela está grávida do meu herdeiro.

— O quê? — todos perguntam quase simultaneamente, enquanto no fundo do meu cérebro, uma voz diz:

E se não for seu?

Mas apesar da raiva que sinto dela, do rancor por ter me enganado, eu mais do que ninguém sei que era virgem quando ficamos juntos na Grécia e depois que voltamos de lá, passou todas as noites na minha cama.

Qualquer que seja sua relação com o miserável, não é física, é um amor platônico.

— O que vai fazer?

— Não pensei a respeito ainda. Acabei de saber da desconfiança do médico.

— Não parece satisfeito.

Passo as duas mãos pelo cabelo, pensando em como responder a isso, mas no fim, opto pela verdade.

Eles sabiam que eu a levaria para conhecer nossa mãe e isso por si só já era uma prova do quanto April significa para mim.

Conto o que descobri no telefone e que mandei que uma investigação mais acurada fosse feita para que se esclareça quem é o autor dessas mensagens para ela, o tal namorado secreto.

— Deixe isso nas mãos de Odin. Foi ele quem resolveu a questão para mim quando houve aquele mal-entendido com Ophelia.

Apesar de estarem preocupados, Zehab, sempre provocador, fala:

— Chama de mal-entendido ter acusado sua agora esposa de roubar nossa empresa?

Cenk faz uma careta de desgosto e eu sei que até hoje ele não se perdoou por ter desconfiado dela. No caso deles, no entanto, tudo o que havia eram indícios, mas meu especialista em tecnologia da informação disse que não há dúvidas de que as respostas da mensagem partiram do celular dela.

— Seu caso era diferente — respondo.

— De um homem desconfiado para outro, irmão: nem sempre as coisas são o que parecem.

— Não importa. Ainda que ela tenha feito isso, será minha responsabilidade para sempre. Não vou permitir que crie meu filho ou filha longe de mim.

— Importa porque precisa saber a verdade — Emir pondera. Exausto, concordo com a cabeça.

— Ligue para Odin^[33]. Faça o que for preciso — digo a Cenk e ele se afasta, já com o celular na mão.

No mesmo momento, Hayden sai do quarto de April.

Vou em sua direção.

— Eu só deixei que tomasse a frente porque não queria piorar a condição da sua irmã, mas se ela estiver grávida do meu herdeiro, eu não vou me afastar. Se acha que tem algum poder de interferir em relação a isso, pense novamente.

Ele me encara com raiva, mas apesar de puto por ter interferido em nossa vida, em seu lugar, eu não faria nada diferente. Família para mim é tudo.

— Você não pode fazê-la desmaiar outra vez — diz e uma pontada de culpa me atinge com força. — Ouviu o que o médico disse. April está com a pressão alta. É um traço familiar e enquanto estava no quarto, dei uma pesquisada na internet. É perigoso

durante a gravidez, tanto para o bebê quanto para o feto. Pode colocar em risco a vida de ambos.

Apesar da mágoa que sinto por ela, imaginá-la doente ou... coisa pior, traz uma sensação de rasgo ao meu peito.

— Eu sei que homens como você e meu pai desconfiam até da própria sombra — ele continua —, mas se está achando que a minha irmã o traiu, não a merece. O dinheiro que deu a ela foi mesmo para pagar uma dívida de jogo minha.

Ele rapidamente explica sua viagem para Praga, confirmando o que April já havia me contado. A maneira enfática com que defende a irmã, aliado ao que Cenk disse sobre checar a questão mais a fundo, me faz começar a questionar minhas certezas.

Quando recebi o telefonema do meu funcionário hoje mais cedo no carro, indo para minha casa, eu estava convicto do que faria: a expulsaria da minha vida para sempre, não importava o quanto ela significasse para mim.

Não tolero ou perdoo traições. Não dou segundas chances.

Agora, o jogo mudou. Não é apenas sobre nós dois. Pode haver um bebê envolvido. Um filho com a mulher que eu queria para mim.

A mesma que o traiu — uma voz insiste. — Mentiu e o enganou.

Como se soubesse o que estou pensando, Hayden continua.

— Eu estava falando sério quando lhe disse lá dentro que ficaríamos bem sem você. Minha irmã está magoada, e eu tenho certeza de que não irá impedi-lo de ver o bebê quando ele nascer, mas precisa permitir que ela tenha uma gravidez saudável, a não ser que não se importe com o feto.

Eu dou um passo à frente.

— Nunca mais fale uma merda dessas. Não ache que me conhece, moleque. Eu jamais viraria as costas para o meu filho.

Ele parece com medo, mas não recua assim mesmo.

— Se é verdade, não a sobrecarregue mais. April pode parecer uma fortaleza, porque finge muito bem, mas sofre e se magoa como qualquer outra pessoa, e em sua atual condição, isso pode ser fatal.



Capítulo 44

Eu estava quase cochilando quando ouço a porta abrir novamente, e quando abro os olhos, não é meu irmão quem está no quarto, é o último homem que eu desejo ver.

Eu nem me dou ao trabalho de mandá-lo sair. O médico voltou há pouco e confirmou que estou mesmo grávida e a essa altura, ele também já deve saber.

Viro-me ostensivamente para a parede e fecho os olhos. Estou muito abalada com a notícia da gravidez para conseguir enfrentá-lo. Ferida demais com as coisas que me disse no apartamento para ter forças para brigar.

— April.

— Eu não quero conversar. Se está esperando que eu vá desmentir as coisas de que me acusou, basta puxar uma cadeira e esperar, mas esteja ciente de que ficará nela para sempre.

— Não vim para brigar, mas precisamos conversar sobre o futuro.

Eu finalmente o encaro.

— Eu sei, mas não posso fazer isso agora. Estou exausta e amanhã tenho que trabalhar.

— O quê?

— Nada. Não é da sua conta. Perdeu o direito de saber qualquer coisa sobre mim.

Enquanto falo isso, fico pensando no que faremos daqui por diante. Hayden estava zangado quando saiu do quarto e disse que pediria demissão da Aydin Steel Group, mas se o fizer, aí mesmo é que não conseguiremos pagar um lugar para nós dois morarmos. Agora que há um bebê a caminho, vamos precisar juntar todo o dinheiro possível.

— Vai despedir meu irmão?

— Por que eu faria isso?

— Porque acho que o contratou a meu pedido.

— Mas ele só se manteve lá porque é competente.

Eu aceno com a cabeça, disfarçando o quanto estou aliviada.

— Falou que ia trabalhar?

Eu desisto de manter o segredo. Farei qualquer coisa para que ele vá embora e se para isso é preciso que responda suas perguntas, tudo bem.

— Eu não estava naquela loja comprando flores, como me acusou. Estava conversando a respeito do meu contrato de trabalho.

— Não vai trabalhar doente.

— Eu sei. Já pedi ao meu irmão para conversar com a minha patroa, mas assim que estiver bem, vou sim.

Posso ver várias perguntas em seu rosto e também que está pronto para discutir a respeito da minha decisão, mas não dou a mínima.

— Quer mais alguma coisa?

— Precisa descansar por uns dias, se insiste mesmo nesse emprego — fala e não tenho dúvida de que está contendo sua natureza por conta do que o médico disse. — Eu vou colocar uma enfermeira para auxiliá-la.

— Não precisa. Vou me cuidar. Eu nunca faria nada que prejudicasse o bebê.

— Quanto a isso...

— Não — eu o interrompo. — Não preciso de você para criá-lo, mas não vou desistir dele. Se acha que vou me livrar do bebê para satisfazer seu desejo de consertar nosso “azar”, como chamou na Grécia a possibilidade de uma gravidez, não me conhece.

— É isso o que pensa de mim? Acha que mandaria que abortasse meu filho?

— Não faça perguntas as quais não esteja pronto para a resposta, Kahraman. O que eu penso de você nesse momento é muito pior. Disse que seria um azar eu ficar grávida, mas para mim, um filho, mesmo com todos os desafios que me esperam no futuro, é uma benção. No entanto, não posso deixar de concordar com o fato de que sendo seu, é mesmo um azar danado.

Eu vejo a fúria brilhar em seus olhos e sei que foi uma coisa estúpida e infantil de se falar porque não me imagino tendo um filho de qualquer outro homem, mas estou magoada demais para medir as palavras.

— Preferia que fosse do seu namorado?

— Saia! Vá embora e não volte!

Sento-me, querendo fugir para o banheiro até que ele se retire, mas faço o movimento rápido demais e fico tonta.

— April.

— Vá embora — digo chorando e me odiando por isso. — Você me faz mal.

— Eu... perdoe-me. Não quero prejudicá-la. Quero cuidar de você.

— Da mulher que te traiu? Da fingida que trocou mensagens com um namorado secreto comemorando o fato de ter conseguido

roubá-lo?

— Não me roubou, dei o dinheiro porque quis...

— Porque quis me comprar e conseguiu, senhor Aydin. Nosso acordo terminou. Qualquer coisa que devesse a você, já paguei. Espero que fique satisfeito e me recomende a outros clientes!

— Você não quer dizer isso. Não é uma prostituta.

— O que sou, Kahraman? Para alguém tão experiente, parece confuso. Decida-se. Sou a inocente mãe do seu filho ou a mau-caráter que se uniu a alguém para lhe passar a perna?

Ele não diz nada, mas posso ver a dúvida em seu rosto.

— Por que não pergunta ao advogado sobre a quem ele deu o um milhão de euros?

— Ele nunca me diria. *Pro bono* ou não, você o contratou. O sigilo cliente-advogado o impede.

— Meu Deus, você já tinha pensado nisso.

— Sim. Sou um homem de negócios. Eu lido com fatos. Deixo as emoções do lado de fora.

— Então aqui vai um *fato*, Kahraman: ligarei para o doutor Özdemir agora mesmo, autorizando-o a lhe mostrar o recibo que possuí pela transferência que fez a Berat. Depois disso, pegue sua maldita desconfiança e vá para o inferno.

A porta se abre de supetão e Hayden entra, branco como uma folha de papel. Ele não olha para mim e sim, para Kahraman.

— Você prometeu não magoá-la outra vez.

— Não se preocupe com isso, irmão. Ele não tem mais esse poder. Não estou magoada, estou com muita raiva.

E eu pretendo me agarrar a ela com unhas e dentes. Preciso trazer de volta a antipatia e rancor que sentia por ele ou não vou conseguir sobreviver.

A dor que sinto é tão grande que parece física.

Fecho os olhos por vários minutos, tentando me acalmar, querendo que me deixem sozinha.

— Precisamos lidar com isso de maneira racional — ele diz, apesar de que o que vejo em seu rosto não tem nada de racional.

Quando acho que estou bem o bastante para não chorar na sua frente outra vez, abro os olhos.

— Tudo bem, mas como lhe falei no começo, não hoje. Eu preciso de uns dias sem ver você. Não tenho força ou vontade de enfrentá-lo agora. Se quiser participar da vida do nosso filho, amando-o como eu o farei, será bem-vindo, mas nunca mais toque no assunto desse namorado que inventou para mim ou nossa convivência será um inferno.

Hayden sai, nos deixando a sós e por quase um minuto, Kahraman me observa.

Eu não sei o que ele vê, mas sua expressão se desanuvia.

— Você não tem outro homem em sua vida — diz, por fim.

— Não. Eu nunca traí você. Mas o contrário não é verdadeiro. Vá embora.



Capítulo 45

Cinco semanas depois

— Eu ouvi sua conversa com a cliente agora há pouco. Sua pronúncia tem melhorado dia a dia — minha patroa, a senhora Polat, diz, parando ao meu lado.

— Mesmo? Às vezes fico com medo de estar xingando alguém enquanto penso que estou dizendo um “foi um prazer atendê-lo”.

Ela sorri.

— Não, os clientes a adoram, April, mas agora, vá se sentar um pouco. Já ficou muito tempo em pé durante a manhã.

— Só terminarei esse arranjo e em seguida descansarei um pouquinho. Obrigada por me lembrar.

Eu fiquei durante cinco dias em repouso depois que saí do hospital e pela primeira vez, pensei apenas em mim mesma.

Em nós dois, na verdade, porque tudo o que fiz desde então, foi em benefício do filho que estou esperando.

Como prometeu, Kahraman colocou uma enfermeira para cuidar de mim, embora eu tenha achado um exagero.

Ele também tentou ir à minha casa, mas eu disse que não estava pronta para conversar sobre o futuro do nosso bebê ainda.

Apesar de me sentir tão magoada quanto no primeiro dia em que jogou aquelas mentiras na minha cara em seu apartamento, eu não pretendo deixá-lo de fora durante a gestação.

Ele disse que gostaria de me acompanhar nas consultas médicas e também comparecer a partir do primeiro exame de ultrassonografia, que farei amanhã.

As conversas são feitas através de mensagens, mas Hayden me disse que ele vai todos os dias à sua sala ou lhe telefona, querendo saber os detalhes da minha vida.

Os guarda-costas agora só vêm me trazer ao trabalho e depois, me levar de volta para casa porque, no começo, ficavam plantados na porta da loja e minha patroa disse que estavam espantando os clientes.

Mesmo à distância, Kahraman continua se fazendo presente. Ele manda mensagem ao menos três vezes por dia para saber se tomei café da manhã, almocei e jantei.

Ainda que tenha dito na Grécia que eu engravidasse seria um azar, tenho que admitir que ele tem se mantido atento a cada

respirar meu, o que me traz alívio porque significa que será um pai atencioso para o nosso filho.

Ele não tocou mais no assunto do suposto namorado, provavelmente para não me deixar nervosa.

Ontem eu não resisti e liguei para o doutor Özdemir e perguntei se Kahraman havia entrado em contato com ele para perguntar sobre a transferência do dinheiro, já que eu o havia autorizado por e-mail a falar.

Ele me disse que não, o que me deu uma ponta de esperança de que acredita em mim.

E o que isso importa, sua tola? Ele duvidou de você. A condenou e julgou sem nem mesmo perguntar.

Eu afasto as lembranças, caso contrário, cairei na mesma espiral de tristeza dos primeiros dias de nossa separação.

Não estou pronta para pensar sobre isso ainda.

Ontem, para minha surpresa, recebi um telefonema do meu pai. Foi a primeira vez que me ligou desde que saiu da Turquia e pensei que finalmente as coisas entre nós poderiam começar a se acalmar.

Não. Ele mais uma vez insistiu que eu procurasse Berat e concordasse com sua proposta. Por fim cheguei ao meu limite e contei a ele que estou grávida de Kahraman, para que tirasse de

uma vez por todas de sua mente essa ideia louca de me juntar a aquele homem que detesto.

Eu não sei o que ele espera. Acha que ao me fazer sua esposa, Berat, em troca, vai fazer algum tipo de magia e livrá-lo de todas as acusações? Nem mesmo um milagre seria capaz de operar tal feito.

Hayden me disse que a questão não é saber “se” será condenado, e sim por quantos crimes.

A minha barriga ronca e percebo que estou há muito tempo sem comer.

— Eu acho que vou dar um pulinho na lanchonete, senhora Polot. Estou com vontade de comer *pide*^[34]. Quer uma também?

— Querer eu quero, meu bem, mas meus quadris não permitem. Não posso mais ganhar peso. Meu ortopedista foi bem claro sobre isso — diz, sorrindo.

Ela me contou que sofreu um acidente na adolescência e até hoje tem dores nos tornozelos. Como está um pouco acima do peso normal, eles são ainda mais exigidos, já que nosso trabalho consiste em passar boa parte do dia em pé.

— Tudo bem, então. Eu já volto.

Levo algum tempo até fazer o pedido, já que a essa hora, a lanchonete está lotada.

Sorrio enquanto observo uma mãe ajeitando o bebê no carrinho. Por não ter estado em um relacionamento antes de Kahraman, nunca tinha me imaginado como mãe, mas parece que agora, o instinto materno que nem sabia que possuía, aflorou.

Eu não posso ver um bebê que fico imaginando como será quando meu filho nascer, daqui a alguns meses.

Minutos depois, saio do estabelecimento com o saquinho com o lanche na mão, já antecipando a delícia da primeira mordida, quando alguém para na minha frente.

Em um primeiro momento, acho que a pessoa andava distraída como eu, que não estava olhando para frente e sim, para a calçada, mas quando diz meu nome, sinto o sangue gelar porque reconheço a voz.

Berat Demirci.

Eu pensei muito sobre as trocas de mensagens que Kahraman encontrou no meu celular e cheguei à conclusão de que só podem ter sido colocadas lá a mando dele. Quem mais tentaria me prejudicar dessa forma? Até onde sei, não tenho inimigos.

Ele deve ter concluído que foi Kahraman quem me deu o dinheiro para pagar a dívida de Hayden.

— Eu sabia que não era muito inteligente, April, mas não achei que fosse completamente estúpida. Engravidar de um homem que a usou e jogou fora quando poderia ter tudo de mim? Se fosse minha esposa, nunca permitiria que trabalhasse em uma floricultura de quinta categoria.

Deus, meu pai não perdeu tempo em lhe contar sobre o bebê. Eu não deveria ter dito nada. Na ânsia de que colocar uma pedra naquele assunto de uma vez por todas, acabei trazendo o foco desse infeliz sobre mim novamente.

Ando para trás, assustada com a raiva que vejo no rosto dele.

— A minha vida ou escolhas não são da sua conta.

— É aí que se engana. Eu quero você e não vou desistir. Foi o trato que fiz com seu pai. Ele recebeu a parte dele e agora quero a minha.

— Parte dele? Do que está falando? Não sou um bem para que ele pudesse dispor. Eu não sei em que realidade vive, senhor Demirci, mas com toda certeza, não é a minha. Agora, por favor, me deixe passar.

— Está óbvio que Aydin não vai te assumir. Se era ser esposa dele o que desejava, pode esquecer, mas eu tenho uma solução.

Não vou criar o filho de outro homem, mas ainda tem tempo de se livrar do bebê.

— O quê?

— Pense em todo o luxo que posso te proporcionar.

— Eu não quero luxo.

— Eu duvido. Apenas mirou alto demais e agora está com um filho na barriga sem um pai para criá-lo.

Eu começo a ficar tonta e o saco com o lanche cai da minha mão.

— Saia da minha frente.

Ele segura meu braço, apertando-o.

— Venha comigo.

— Não.

Na minha cabeça, eu acho que gritei, mas quando ninguém à nossa volta parece prestar atenção em nós, percebo que não passou de um sussurro.

— Não! — repito, dessa vez o mais alto que consigo, e com um safanão, solto-me de seu aperto.

Alguém me pergunta se está tudo bem, mas eu calculei mal o movimento ao me afastar e perco o equilíbrio.

Sinto uma pancada na parte baixa das costas e sou arremessada ao chão. Meu corpo todo dói e não consigo abrir os olhos, por mais

que me esforce.

Eu não sei quanto tempo se passa até que ouço a voz da minha patroa.

— April, o que aconteceu?

— Ligue para o meu irmão, senhora Polat. Eu preciso que avise a Hayden.



Capítulo 46

Algumas horas antes

Eu não fico surpreso com o que estou ouvindo de Odin.

Na verdade, isso só faz aumentar o desprezo que sinto por mim mesmo.

Quando o véu do ciúme louco que sinto por ela se acalmou, a partir do momento em que conversamos pela segunda vez no quarto do hospital, eu sabia que April estava falando a verdade.

Alguém armou para nos separar.

Não foi algo aleatório. Foi elaborado, feito com cuidado.

— Temos como descobrir quem era o remetente das mensagens? — pergunto ao grego, um bom amigo do meu irmão e também o maior especialista em tecnologia da informação do planeta.

— *Eu consigo descobrir qualquer coisa, mas preciso de tempo.*

— Parece animado. Não sabia que ainda atuava. Achei que era apenas o CEO.

— *Não trabalho em muitas questões. Gosto apenas das desafiadoras e geralmente faço como favores pessoais.*

— Como conseguiram enviar mensagens do telefone dela? Estávamos na Grécia na maior parte dos dias em que April *supostamente* respondeu.

— *Eu ainda não sei, mas pensei sobre isso. A única conclusão a que pude chegar é que a pessoa que mandou criou um caminho remoto muito sofisticado.*

— Está me dizendo que foi mandado à distância? Como uma espécie de trabalho de um *hacker*?

— *Isso mesmo. É um hacker dos bons, porque ele não deixou rastro.*

Fecho os olhos por um instante, a dor que vem queimando dentro de mim há dias, intensificando enquanto lembro das últimas palavras que trocamos pessoalmente.

“Você não tem outro homem em sua vida”

“Não. Eu nunca traí você. Mas o contrário não é verdadeiro. Vá embora.”

Eu preciso consertar meu erro. Pedir perdão e ganhar a confiança dela outra vez, mas conhecendo como a conheço, sei que não será fácil. April mal fala comigo ao telefone. Não aceita que eu a

visite e estou sonhando com o momento em que a encontrarei amanhã para a primeira ultrassonografia do nosso filho.

— Em quanto tempo acha que consegue descobrir tudo? Sabe ao menos se há somente uma pessoa envolvida?

— *Não tenho como ter certeza, mas como um bônus do que me pediu, depois que contou sobre o interesse de Berat Demirci na sua mulher, estou concentrando a investigação principalmente nele.*

— Foi o que pensei, também.

— *Há um ponto nessa história que não estamos conseguindo ligar. Talvez seja preciso voltar ao começo para fazer a conexão.*

— Ao começo de quê?

— *Tudo. Inclusive como Demirci e o pai dela se conheceram. Como se tornaram sócios. Estou pesquisando a fundo essa empresa.*

— Tudo bem. Assim que tiver algo, me avise.

Eu mal desligo o telefone e vejo o nome da minha mãe no identificador de chamadas.

— *Bom dia, filho. Por mais um domingo, faltou ao nosso almoço.*

— Não estou com cabeça, mãe.

— *Procure-a e resolva a vida de vocês de uma vez por todas, então.*

Eu contei a ela sobre toda a situação com April, inclusive que está grávida do meu filho. Minha mãe quis intervir, mas não permiti.

Eu não acho que April ficaria confortável com uma estranha, mesmo sendo a avó do nosso filho, se metendo em sua vida. E uma coisa a ser dita sobre minha mãe é que ela não tem nada de sutil.

— Não é tão fácil assim. Ela me disse que precisa de espaço. Como lhe falei, sua saúde demanda cuidado. Não quero aborrecê-la.

— *Ouça alguém que já passou por dois casamentos, meu filho. O amor não tolera a distância por tempo indeterminado. Por mais forte que seja o sentimento, as pessoas aprendem a sobreviver sem ele até o momento em que não faz mais falta. Você acha que errou no julgamento sobre ela?*

— Eu tenho certeza disso. E agora, há um abismo entre nós.

— *Vá procurá-la. Mostre que está arrependido. Preencha esse abismo pedindo perdão.*

— April não é tão fácil de ser convencida. Ela é orgulhosa e quase tão teimosa quanto eu.

— *Mas acha que o ama?*

— Amava. E eu espero que continue amando.

— *Surpreenda-a, então. Eu amo todos vocês, meus filhos, mas se há algo que herdaram de seu pai, é a intransigência e arrogância. Se a quer, aprenda a superar ambas.*



— Para onde, doutor Aydin?

— Para a floricultura.

O meu motorista nem precisa pedir o endereço. Todos os dias, no fim do expediente, eu passo por lá, como um garoto olhando uma vitrine de doces, observando aquela que tem meu coração nas mãos sem nem ao menos se dar conta disso.

Alguns minutos depois, ele está quase estacionado quando recebo uma mensagem.

Hayden: *“Encontre-nos no hospital. April desmaiou e precisou ser socorrida. Vou mandar o endereço de onde a trouxemos.”*



Enquanto ando pelo corredor do hospital, faço promessas em silêncio para quem quer que esteja me ouvindo, que se ela e meu filho estiverem bem, eu não vou parar até reconquistá-la.

Eu já lhe dei espaço demais. Não importa o quanto me odeie no momento, April é minha mulher.

Chego na porta do quarto que me foi indicado e Hayden está saindo de lá.

Ele não me disse muita coisa ao telefone, apenas que eu deveria vir, então tudo o que consigo imaginar é que tenha sido um aumento da pressão arterial novamente.

— O que houve?

— Berat foi atrás dela.

— O quê?

— April já está melhor. O bebê também, mas ela foi atropelada por uma bicicleta ao tentar fugir dele.

— Eu vou matar aquele filho da puta!

— Tem mais, Kahraman. Ele disse à minha irmã para abortar o bebê de vocês que assim se casaria com ela, já que você

claramente a rejeitou.

— Desgraçado. Ele não sabe de porra nenhuma!

— O que isso significa?

— Eu vou me casar com ela. Não há dúvida quanto a isso. Só estava lhe dando espaço como me pediu.

— Por obrigação?

— Não — falo, mas sem explicar mais.

Cunhado ou não, nosso relacionamento não é da conta dele.

— Eu quero vê-la.

— Imaginei que sim. E ela perguntou por você.

— Perguntou?

Porra, parece muito errado que eu só possa saber sobre o que ela sente através do irmão, como um adolescente esperando um convite para sair da primeira namorada.

— Sim. Ela ficou com muito medo de que Berat a fizesse abortar, machucando-a de algum modo. April quer muito esse bebê.

— Eu também. Eu quero os dois. Sua irmã e meu filho.

Seguro a maçaneta para entrar.

— Kahraman?

— O que foi?

— Acha normal essa obsessão de Berat por April? Quero dizer, antes, eu até entendia. Minha irmã era pura, o que meu pai sempre disse que aquele bastardo dava muito valor, mas não faz sentido que continue insistindo para se casar com ela agora que sabe que April está grávida do seu filho, mesmo tendo sugerido o aborto.

— Sim, só faria sentido se a amasse, o que sabemos que não é o caso.

— É como ela tivesse algo que o homem deseja.

— Como o quê, por exemplo?

— Eu não faço a menor ideia.



Capítulo 47

Ele fica na porta olhando para mim por cerca de cinco segundos antes de, ignorando toda a distância que impus desde que terminamos, vir até a cama do hospital e me puxar para seus braços.

Eu quero ser forte e me lembrar de que este é o mesmo homem que duvidou do meu amor e me acusou injustamente, mas eu tive muito medo de perder o nosso filho hoje, então, me deixo ficar.

Kahraman não fala nada. Ele apenas se senta na beirada da cama e me mantém apertada em seus abraços.

— Eu não sei como ele descobriu onde eu trabalho.

Ele se afasta um pouco sem me soltar, apenas para que possamos nos olhar.

— Diga-me se eu estiver te machucando.

— Não está, mas eu só estou permitindo que me abrace agora.

Nada mudou entre nós.

— Não. Nada mudou. Eu ainda sou louco por você.

— Não diga isso.

— Vou repetir para o resto das nossas vidas, até que esteja convencida.

— Eu não quero ouvir, Kahraman. Não acho que consigo te perdoar.

— Então vou continuar tentando para sempre.

Eu me desprendo dos braços dele, porque não posso ficar sentindo seu calor e cheiro. Não sou tão forte assim. É uma luta desleal porque o amo e estou morrendo de saudade.

Ele me deixa ir, mas não se levanta da cama.

— O que o médico disse?

— Não falou com ele ainda?

— Não. Apenas com Hayden. Vim direto te ver.

— Eu e o bebê estamos bem. Foi só o susto. Meu irmão te contou que Berat veio atrás de mim?

Seu maxilar enrijece.

— Sim e temos que conversar sobre isso. Eu não estou te proibindo de trabalhar, mas estou pedindo que não o faça mais até sabermos o que Berat quer com você.

— O quê? Como assim *o que Berat quer comigo*?

— Foi Hayden quem levantou essa questão. Não parece mais ser apenas o caso de um homem com o orgulho ferido, April. Eu não

vou deixar minha mulher e filho à mercê de um psicopata.

— Sua mulher? Eu não sou sua mulher. Há algumas semanas, me acusou de ser a mulher de outro.

— Eu fiquei louco de ciúme. Não tinha nada a ver com dinheiro, e sim, com o fato de o que houve entre nós ser uma mentira.

— Como pôde pensar algo assim?

— Você sempre foi minha perdição, April. Eu acho que era por isso que eu resistia tanto em ir atrás no passado. Eu sabia que no momento em que te provasse, seria um caminho sem volta.

— Não é uma desculpa para sua falta de confiança.

— Não, eu sei que não é, por isso, peço perdão.

Seu rosto está sério como nunca vi antes. Ele não tenta me tocar, talvez porque saiba que assim como se sente, eu também não posso resistir.

Ele apenas me olha e espera.

— Eu te amo e nada mudou dentro de mim, mas eu não sei se consigo perdoar você, ou melhor, se consigo esquecer aquela conversa. Eu fiquei muito magoada. Ainda estou.

— Não tenho pressa. Só me deixe ficar por perto e provar a você que valho a pena uma segunda chance.

— Segunda chance para quê?

— Para tudo sobre nós dois — diz, sem explicar muito.

Eu não insisto. Estou sobrecarregada pelo medo que senti de perder meu filho e agora, com o pedido de desculpas inesperado dele.

— O que o fez mudar de ideia?

— Eu vi que estava falando a verdade ainda naquele dia em que nos separamos, no hospital.

— No dia em que *terminamos* — corrijo-o.

— Nunca terminamos. Você é minha e eu sou seu. Não há nenhuma verdade maior do que esta nessa porra de planeta. Brigue comigo, eu não me importo, mas nem um exército vai conseguir me afastar de vocês.

— E o que pretende?

— Mude-se para minha casa.

— De jeito nenhum.

— Então vou para a sua.

— Não. Nada de mudanças.

— Eu preciso ter certeza de que você estará bem.

— Eu vou ficar bem. Meu irmão nunca deixaria algo me acontecer.

— Esse é o *meu* papel.

— Não quero ser sua obrigação.

— Você não é. Será que não entende que é o amor da minha vida, April? Eu sou louco por você.

As palavras vão em linha reta para o meu coração, mas eu ainda não consigo perdoá-lo.

— Se estiver sendo sincero, vai respeitar meu tempo sem me pressionar.

— De acordo, desde que deixe o emprego na floricultura. E vamos nos ver todos os dias. Jantar juntos todos os dias, eu quero dizer — completa, parecendo ansioso e se eu não estivesse tão nervosa, talvez conseguisse sorrir.

— Explique que desconfiança é essa sobre Berat querer algo de mim.

— Eu não sei, mas acredito que tenha a ver com as mensagens falsas que plantaram no seu telefone. Um amigo meu, o mesmo homem que está investigando quem hackeou seu celular, está investigando Berat. Em pouco tempo, descobriremos tudo.

Recosto-me no travesseiro porque começo a ficar sonolenta.

— É melhor você descansar — fala, tirando o blazer do terno e colocando-o no braço da poltrona.

— Por que tirou o blazer?

— Porque só vou sair desse hospital depois que você tiver alta. Enquanto isso, telefonarei para a sua chefe para dizer que, por enquanto, não irá mais.

Exausta, aceno com a cabeça fazendo que sim e em seguida, caio em um sono profundo.



Kahraman

Algumas horas depois ela está despertando e como se tivesse sido combinado, alguém bate na porta. Levanto-me para ver quem é e me deparo com minha família inteira no corredor do hospital, inclusive, minhas cunhadas Malu e Ophelia.

— Oi, pessoal. O que estão fazendo aqui?

Minha mãe me beija.

— Isso é jeito de receber a família? Vim conhecer April. Se ela não se sente confortável para vir à minha casa ainda, resolvi dar o primeiro passo.

— Como soube que ela...

— Cenk me falou.

— Quem está aí, Kahraman?

— Com licença, mãe.

Eu entro e fecho a porta.

— A minha família toda.

— *Todos?*

— Sim, mas principalmente minha mãe. E ela quer te conhecer.

— Pode mandá-la entrar.

— Tem certeza disso?

— Tenho, sim.



Capítulo 48

— April, como vai? Meu nome é Zehra Yavuz Aydin e sou sua sogra. Já passou muito da hora de nos conhecermos.

É esse o meu primeiro contato com a mãe de Kahraman. Eu tenho a sensação de que um pequeno furacão entrou em meu quarto.

Eu fico tão impactada com o que ela diz em um só fôlego que por um momento, apenas a observo.

Kahraman saiu do quarto para nos dar privacidade, mas e eu queria que estivesse aqui para me dizer o que é certo responder em uma hora dessas.

Opto por resolver uma questão por vez.

— O prazer é meu, senhora. Meu nome é April Berger, mas não sou sua nora. Eu e seu filho terminamos.

Ela não se aproxima ainda. Fica me observando como uma mãe faria com uma criança teimosa antes de dizer:

— Eu gosto de você. Não tinha certeza se conseguiria gostar porque as coisas que seu pai fez... mas, sim, eu gosto de você,

April Berger, e agora que já quebramos o gelo, que tal conversarmos sobre seu relacionamento com meu filho?

Jesus Cristo, eu tenho certeza de que nunca conheci alguém mais direto do que ela.

Eu li em algum lugar que as mães turcas têm por hábito visitar as candidatas à futuras noras para verificar se servem para seus filhos antes que um compromisso formal seja firmado.

Uma hora depois, eu fiz um resumo da minha história com Kahraman. Ela não me interrompeu quase, apenas dando risadas ocasionais ao ouvir sobre nossas brigas.

É fácil conversar com Zehra. Depois do impacto de seu discurso inicial, ela se mostrou doce e agradável. Talvez um tanto curiosa, mas ainda assim, agradável.

— Eu tentei criar os meus filhos da melhor maneira possível, mas às vezes penso que falhei.

— Por que diz isso?

— São todos muito orgulhosos.

— E arrogantes. Não se esqueça dessa parte, senhora.

Ela dá risada.

— Sim, eles são, assim como o pai deles também era, mas posso dizer, April, que quando se apaixonam, é para sempre. E meu

Kahraman é louco por você, assim como meus outros meninos por suas esposas.

— Nós brigamos muito. Temos gênios fortes e nenhum dos dois recua. Além do mais, eu estou magoada.

— Eu entendo, minha filha.

— É doloroso ficar perto dele e longe também. Faz sentido?

— Faz, sim. Isso se chama amor, April, mas não do tipo sereno. E sim, aquele mesclado com paixão. O melhor, pelo qual vale a pena viver.

— Eu preciso pensar, mas não quero que ele se afaste. Devo ser uma tola, porque senti falta dele cada dia em que ficamos separados.

— Todos os apaixonados são tolos, April. Não estou defendendo meu filho. Foi muito errado ter duvidado de você, mas se o ama e o mantiver longe, estará punindo a si mesma também.

— Obrigada, Zehra. Eu não tenho amigas ou uma figura materna para me aconselhar.

— Eu procuro ser justa, menina. Sou uma leoa para defender meus filhos, mas não sou o tipo de mãe que acha que eles são perfeitos. Se eu acreditasse que o que o meu Kahraman quer com você não é nada sério, grávida do meu neto ou não, a aconselharia

a ir para longe, mas tenho certeza de que seu amor é correspondido.

Alguns minutos mais tarde, duas mulheres lindas batem na porta do quarto: uma morena sorridente que se apresenta como Maria Luísa, a esposa de Emir, e outra tão bonita quanto uma princesa, Ophelia, a esposa do primogênito de Zehra, Cenk.

Malu é animada e sua pronúncia do inglês é incrível. Ela me disse que já foi intérprete e fala diversos idiomas. É brasileira e quando eu lhe falei que sonhava em conhecer o Brasil, se ofereceu para me levar lá um dia.

Um dia.

Elas fazem planos como se minha presença em suas vidas fosse certa. Será que é?



Alguns dias depois

— Nós precisamos conversar, April — ele diz quando estaciona em frente à minha casa.

Acabamos de voltar de um almoço em família na casa de Zehra.

Hayden foi da casa da mãe de Kahraman direto se encontrar com alguns amigos que fez na empresa.

Eu fiquei muito impressionada em como ele pareceu à vontade na presença da família de Kahraman.

— Quer entrar?

— Sim.

Ele dá a volta para abrir a porta do carro para mim, mas ao invés de me ajudar a descer, me pega no colo.

— Eu não estou doente, ou o médico não teria dado alta.

— Talvez eu só esteja aproveitando a chance de tocar você.

Fecho os olhos, sentindo meu coração contrair.

— Estou magoada, mas sou sua. Sempre fui. Sempre serei.

Ele para de andar.

— Eu nunca tive dúvida disso, mas da primeira vez que ficamos, eu peguei o que quis. Atropelei tudo. Agora vou te conquistar, April. Mostrar o que você significa para mim.

Em um ato impulsivo, eu ergo a cabeça e beijo sua boca muito suavemente.

Ele tem sido paciente comigo. Jantamos juntos todas as noites desde que saí do hospital, mas fora carícias suaves e beijos castos na testa, ele não fez algo para me forçar a perdoá-lo.

— Eu não consigo te amar só um pouco, Kahraman, por isso ainda não pude aceitá-lo completamente em minha vida de novo. Eu nunca vou mentir para você. Não quero dizer que está tudo bem, quando de fato não está.

Ele acena com a cabeça e eu me pego pensando como deve ser para esse homem orgulhoso não ser aquele que dá as cartas. Precisar se conter. Ter que esperar.

Ele entra na casa depois de digitar o código, mas só me põe no chão quando chegamos ao sofá.

— O que queria falar?

— Eu descobri qual é o interesse de Berat em você. Seu pai transferiu uma grande quantia para um paraíso fiscal em seu nome. Ele prometeu esse dinheiro a Berat caso fosse preso, desde que ele se casasse com você e lhe promettesse uma boa vida.

— Meu Deus do céu! Esse dinheiro... é ilegal?

— Provavelmente, sim, então eu preciso te perguntar o que quer que eu faça. Ele está no seu nome, April. No futuro, pode ser que surja uma investigação envolvendo-a. Não é o que eu quero, e sim,

barrá-la de qualquer problema com a justiça. Não apenas porque é injusto que pague pelos pecados do seu pai, mas também porque há uma grande chance de que esse dinheiro venha dos narcotraficantes.

— Jesus Cristo, o que eu vou fazer? — pergunto, já desesperada e sentindo um fio de suor escorrer pela minha coluna.

— Há dois caminhos. Um é entrarmos em contato com o departamento de justiça e falarmos a verdade. Não sei se é a melhor escolha. Se o meu palpite estiver certo e for dinheiro de drogas, você viraria um alvo para os cartéis mexicanos se o entregasse diretamente à justiça.

— E qual a segunda opção?

— Podemos transferi-lo a quem tanto o deseja, mas não da forma que ele esperava, usando você como escudo perante a justiça. Vou transferi-lo para Berat e deixar que a Interpol saiba.

— Como assim?

— Eu não vou explicar detalhes, mas apenas o crucial: o dinheiro aparecerá nas contas dele e o filho da puta não terá como justificá-lo perante a justiça.

— E então ele irá preso?

— Sim. A outra opção seria matá-lo, porque não há chance de que eu vá te deixar correndo risco com esse desgraçado à solta por aí.

Eu olho para ele para ver se está brincando quando falou sobre matar Berat, mas logo tenho certeza de que não está.

— Eu não quero que mate alguém.

Ele se ajoelha na minha frente e me beija a testa.

— Você já me deu a resposta que eu precisava. Não pense mais nisso. Agora temos outro assunto para tratar.

— Outro assunto? — pergunto, confusa, mas depois acho que tem a ver com a ultrassonografia que precisamos remarcar para depois de amanhã.

— Sim. Eu quero que descanse. Eu sei que a causa da sua segunda internação não foi a pressão, e sim... — ele pausa, como se só lembrar daquilo lhe fizesse mal —, o atropelamento, mas de qualquer modo, eu quero que venha para Zarofu comigo.

— O quê?

— Vamos tirar um tempo para nós dois, April. Precisamos disso.

Eu não tenho como negar.

Talvez, antes da conversa que tive com Zehra, eu até me rebelasse porque estava me sentindo ferida e confusa, mas ficar

longe dele está me machucando também.



— A gestação está indo como esperada — o médico diz assim que termina o exame.

Entrei na décima segunda semana se engravidei mesmo naquele dia no carro e hoje, pudemos ouvir o coração do nosso filho ou filha pela primeira vez.

Eu chorei de emoção e Kahraman apertou minha mão e a beijou com os olhos grudados na tela.

O obstetra nos disse que na próxima vez já poderemos descobrir o sexo.

— E sobre a pressão dela? Há algum problema de levá-la para a Grécia?

— Nenhum. Houve aquela elevação de pressão no dia em que desmaiou, logo no início da gestação, mas desde então tem se mantido controlada. De qualquer modo, aconselho a levarem um aferidor de pressão arterial.

Kahraman acena com a cabeça, mas eu o conheço muito bem e sei que está pensando em outra coisa.

E sua fala seguinte me mostra que eu estava certa.

— Há algo mais que eu preciso saber, doutor — diz.

— Pois não, senhor Aydin.

— Podemos fazer sexo sem que isso represente perigo para ela ou o bebê?

Jesus, eu quero que o chão do consultório se abra para eu poder me esconder.

— Sem problema algum.

O médico sai e eu não consigo encarar o magnata safado.

— Eu não acredito que perguntou isso.

— Eu precisei, April. Estou faminto por você. Não vou prometer ficar sem tocá-la. Ainda que ele dissesse que eu só poderia comer você com a minha boca, eu ia fazê-lo todos os dias.



Capítulo 49

Ilha de Zarofu^[35] — Grécia

Eu dormi o voo todo para a Grécia. É como se meu corpo finalmente tivesse sucumbido à tensão das semanas anteriores.

A ideia de voltar para o paraíso, o lugar em que vivi dias maravilhosos, é o bastante para me deixar mais relaxada.

Eu poderia ter ido para a suíte do avião, mas assim que nos sentamos, Kahraman puxou meus pés para seu colo e começou a massagear solas e dedos. Depois daquele spa inesperado, nem um exército me tiraria do lugar.

Eu sempre tive pés magros, mas eles têm se mantido inchados boa parte do tempo agora.

— Mais descansada?

Balanço a cabeça fazendo que sim, pensando na primeira vez em que viemos Zarofu. Apesar de ter se passado pouco mais de dois meses, parece que foi em outra vida.

— O que está pensando, April?

— No que viemos fazer aqui.

— Relaxar. Navegar. Tomar sol. Viver.

— Você não é do tipo que relaxa.

— Antes de conhecer você, não era mesmo.

— A ideia de ser pai mudou seus pensamentos?

— A ideia de ter você em minha vida para sempre mudou meu pensamento.

Eu sinto frio na barriga, mas disfarço o quanto suas palavras fizeram meu coração disparar, deitando a cabeça em seu peito.

Ele passa o braço por cima dos meus ombros e eu me deixo ficar presa nessa muralha.

— Eu senti sua falta — confesso.

— Eu não consigo dormir direito sem ter você comigo.

— Quase não dormimos quando passamos a noite juntos.

Ele sorri, mas depois fica sério.

— Vamos ter que ajustar isso. Eu não quero te esgotar.

— Por favor, não mude seu jeito. Eu conheço seus defeitos já. Eu me apaixonei por você assim.

— Foi o meu jeito que te empurrou para longe de mim.

— Não o seu jeito de ser. Foi sua desconfiança. Eu pensei que fosse morrer de tanto que doeu no dia em que achou que eu o havia traído.

— Nunca mais vai acontecer, April. Eu dou minha palavra. Haja o que houver, sempre acreditarei em você.

Eu não respondo porque não sei o que dizer. Não gosto de promessas. Prefiro ações.

O piloto avisa que as portas do avião estão abertas e um automóvel está à nossa espera na pista, mas não é isso o que chama minha atenção e sim... Não, não pode ser.

Eu me estico para olhar melhor, mas ele cobre meu rosto com a mão enorme.

— Ainda não, menina curiosa.

— Eu não vou olhar até você me dizer que pode. Prometo — falo, mas já estou sorrindo.

Soltamos nossos cintos e ele me dá a mão para me ajudar a levantar.

Quando passamos pela tripulação, eles estão sorrindo como se soubessem de algum segredo que desconheço.

De súbito, Kahraman me pega no colo.

— Mantenha os olhos fechados, minha linda. Eu não vou te deixar cair.

Faço o que ele pede, mesmo que me sinta um pouco insegura ao ser carregada pelos degraus instáveis.

Ele para de andar quando chega no solo, mas não me desce ainda.

— Não abra os olhos. Ouça-me primeiro.

— Okay.

— Você não vai perguntar nada até chegarmos em casa. É uma mulher inteligente, April, então quero que pense no que está vendo durante todo o caminho e em seguida, na nossa história.

— Eu prometo.

Ele finalmente me põe de volta sobre meus pés e eu prendo o fôlego quando vejo a pista formada por um tapete vermelho até o automóvel, circundada de vasos de flores com tulipas brancas.

Ando devagar, admirando a beleza delas e tocada pelo simbolismo. No carro, há um buquê das mesmas flores me esperando também.

Cumpro minha palavra durante todo o percurso para a vila, mas sinto a garganta trancar ao observar a estrada inteira, do aeroporto até a casa de Kahraman, repleta de vasos com as lindas tulipas brancas.

— Como conseguiu?

— Não há medida ao que faria para ter você para sempre, April.

Nós finalmente chegamos à casa e há mais vasos com as tulipas pelo terreno.

Ele me pega no colo novamente e me leva para a suíte, onde há uma única flor em cima do leito.

— Você sabe qual é o simbolismo da tulipa branca?

Aceno com a cabeça, chorando.

— É um pedido de perdão.

— Sim, mas é também uma prova da minha devoção a você. Sou um homem do aço e meu coração também era revestido do mesmo material. Você é a garota das flores. Eu aprendi a sua linguagem, para poder te mostrar o meu amor em seu próprio idioma. Eu cobrirei o mundo inteiro com elas se for preciso, até que você me perdoe, *aşkı*^[36]. — Ele se ajoelha e tira uma caixinha do blazer. — *Benimle evlenir misin*^[37], April.

Eu passo os braços em volta de sua cabeça, chorando ainda mais.

— Sim, eu me caso com você. E te perdoo também. Eu te amo, Kahraman. Eu não consigo imaginar algo que eu queira mais do que ser sua para sempre.

— Eu te amo mais, minha April. E vou provar isso para o resto das nossas vidas.



Capítulo 50

— Finalmente você criou juízo, meu amigo — Atticus fala assim que entramos em seu restaurante. — E marcou a mulher mais bonita da Turquia como sua, em definitivo.

Pelo visto, os dois fizeram as pazes porque tive a sensação de que meu noivo ia matá-lo da última vez em que nos encontramos.

Para minha surpresa, depois do pedido de perdão e, em seguida, de casamento mais lindo que alguém um dia vai elaborar, ele quis sair.

Antes da nossa separação, ele teria me jogado em cima da cama e me posto nua em uma piscada de olhos para celebrarmos com nossos corpos também.

Eu me pergunto se é porque tem medo de me machucar, apesar do que perguntou ao médico, ou se quer adiar o nosso prazer em uma espécie de tortura mútua.

— Ela sempre foi minha — ele responde com a arrogância de sempre.

Atticus me dá um beijo na bochecha e recebe um rosnado do amigo em resposta.

— É verdade isso, April? Sempre foi dele?

— Sim, assim como ele me pertence também. Somos ambos possessivos e territoriais. Não tenho dúvida de que o nosso filho...

— *Filho?*

— Ou filha — Kahraman diz com orgulho. — O meu bebê está sendo gerado bem aqui — continua, passando a mão em meu ventre.

— Ah, então temos que celebrar com dança!

Eu sei que o restaurante oferece música ao vivo todas as noites porque ele me contou da primeira vez que vim, mas naquele dia, saímos quase correndo para casa, loucos para cair nos braços um do outro. Da minha parte, nada mudou, mas talvez devamos ter um pouco de diversão fora de quatro paredes.

Uma hora e meia depois que jantamos e passamos um tempo na pista de dança em meio a turistas e locais, volto para nossa mesa suada e sorrindo.

Dançamos o *Sirtaki*, que consiste nas pessoas posicionadas lado a lado, com os braços uns sobre os ombros das outras, movimentando pernas e mãos.

Eu não sou tão coordenada, mas também não fiz vergonha. Acho que nunca me diverti tanto na vida.

— Você está feliz — Kahraman diz, sorrindo também.

— Muito. Foi a melhor ideia do mundo vir aqui para a ilha. Eu amo esse lugar.

— Eu estava pensando em me desfazer da casa — ele diz, me dando a mão e puxando-me para seu colo, indiferente aos clientes do restaurante. — Mas vou ficar com ela se isso mantiver esse sorriso lindo.

— Podemos vir com nossos filhos.

— Sim, vamos encher a casa.

Eu escondo o rosto na curva do pescoço dele enquanto absorvo aquela promessa.

— Eu quero muito ter uma grande família, mas não que faça isso por mim. É o tipo de coisa que ambos temos que desejar.

— Eu não pensei que queria me casar. Eu olhava meus irmãos e achava que ter sobrinhos já era bom o bastante, mas no momento em que ouvi o coração do nosso bebê... — Ele fecha os olhos. — Eu quero muitos deles.

— Podem nascer várias meninas com o meu temperamento.

— Eu vou adorar mandar nelas como faço com a mãe.

— Nos seus sonhos, senhor Aydin. Agora, leve-me para casa. Eu não posso mais esperar para sentir você dentro de mim outra vez.



Kahraman

Como um homem das cavernas, a partir do momento em que April disse que queria voltar, eu tenho certeza de que não levei dois minutos até chegarmos no carro.

Dessa vez eu vim dirigindo e somente quando ela abre meu zíper e começa a me masturbar, sei que cometi um erro.

— Eu estou louco de tesão, April. Quase seis semanas sem comer você e eu já ultrapassei meu limite há muito tempo. Não me provoque.

— Parecia muito controlado dentro do restaurante, meu noivo — ela brinca, ignorando o que eu falei e me masturbando mais duro agora.

— Eu não devia fazer isso...

— Isso o quê?

Eu paro o carro na beira da estrada e solto nossos cintos de segurança.

Ela começa a vir para o meu colo, mas eu a paro.

— Não. Eu quero espaço para me afundar em você.

Saio, dou a volta no automóvel e abro a porta dela.

Quase a arranco do assento e a coloco de pé, as mãos apoiadas no capô. Levanto sua saia e rasgo a calcinha com um puxão.

— Eu ia te comer devagar. Eu queria que gozasse na minha boca muitas vezes antes de me enterrar nessa boceta apertada, mas isso vai ficar para a segunda foda da noite. Eu não posso esperar.

Testo sua abertura e quase urro quando a sinto encharcando meus dedos. É somente o tempo de puxar meu pau, encaixar-me nela e percorrer todo o caminho quente e molhado dentro da minha mulher.

— Ah....

— Era isso o que queria? Você é minha ruína, April. Eu nunca vou conseguir manter o controle ao seu lado, *hayatim*^[38].

Ela rebola, fogosa, enquanto agarro sua bunda com ambas as mãos.

— Se eu estiver sendo muito áspero, me avise, porque não estou conseguindo pensar com clareza.

Faço com que ela se deite no capô e afasto suas coxas com os meus pés para me dar mais acesso.

Meto fundo, empurrando cada vez mais duro do que a anterior, em uma batida selvagem.

Seguro seus quadris para controlá-la, mantendo-a como eu quero.

Ela força o corpo para trás e dou um tapa em sua bunda.

— De novo. Bata outra vez.

— Porra, April.

Entro e saio do calor estreito de seu sexo e subo uma de suas coxas para ir mais fundo.

Não há nada de carinho em nosso ato. É paixão ríspida, inclemente.

Inclino-me para tocar seu clitóris porque vou gozar em pouco tempo.

— Goze comigo — ordeno, chupando o lóbulo de sua orelha.

Ela geme e sinto seu sexo contrair.

Fodo-a com mais força, em golpes longos e profundos.

Ela grita meu nome e me entrega seu mel, revestindo meu pau com seu tesão.

— Dói? — pergunto, completamente fora de mim.

— Não pare.

— Não foi o que perguntei.

— Continue até gozar. Eu quero sentir você me molhando.

Caralho!

Eu entro algumas vezes, obcecado com a visão do meu pau se perdendo dentro do corpo dela, e então, sem controle, explodo em suas paredes.

— Eu te amo, April. Com todas as nossas loucuras e brigas, sou completamente apaixonado por você.



Kahraman

Turquia

Quinze dias depois

— Odin? Está me dizendo que virá à Turquia?

— *Não. Eu já estou em Istambul. O que temos que conversar, deverá ser pessoalmente.*

— Você descobriu sobre as mensagens?

— *Sim.*

— Hoje minha mãe está oferecendo um jantar em família. Você é muito bem-vindo, mas podemos tratar desse problema depois de comermos?

— *Como queira, Kahraman. A que horas devo ir?*

— Às oito. Vou enviar o endereço.

Ele ri e eu entendo na mesma hora.

— Você já tem.

— *Sim, da sua família inteira.*

Sacudo a cabeça, me perguntando como ele ainda pode me surpreender.

— E quanto a Berat?

— *Eu explicarei tudo pessoalmente, mas a questão também já está resolvida. Vejo você daqui a pouco.*

Desligo o telefone, sabendo que o que ele me trará não são boas notícias. Odin jamais se deslocaria de Nova Iorque se não fosse muito grave o que descobriu.

— O que aconteceu?

— Eu não sei ainda, mas se lembra do amigo que lhe falei que estava trabalhando nas mensagens que foram plantadas no seu telefone?

Ela faz uma expressão angustiada porque esse assunto ainda a machuca.

— Sim.

Eu me levanto e a puxo para os meus braços.

— Isso ficou para trás, April, mas eu nunca esqueço uma ofensa. Quem planejou aquilo queria nos separar.

— Eu sei, é que não consigo imaginar quem possa desejar me fazer mal além de Berat. E quanto a ele, agora nós sabemos bem o motivo.

— Sim, mas a essa altura, ele já descobriu que o dinheiro não está mais em seu nome.

— Como?

— Não me pergunte, amor. Quanto menos souber, mais protegida estará.



Capítulo 51

É, sem medo de errar, o jantar mais estranho do qual já participei.

Não sou um cara intuitivo, sou um homem que se apegua a fatos, mas hoje, percebo algo no ar.

April conversa distraída com minha mãe e cunhadas; meus irmãos, como sempre, estão discutindo sobre negócios, fora Cenk, sempre olhando em volta, atento como eu, à dinâmica na mesa.

Desde que chegou, Odin passou a maior parte do tempo dando atenção a Hayden, que parece encantado por conhecer pessoalmente o homem mais bem-sucedido na área em que ele deseja seguir: tecnologia da informação.

— Ainda se considera um *hacker*? — Vejo o irmão de April perguntar e por um instante, cai um silêncio pesado na mesa.

É como se todos estivessem aguardando o que meu amigo vai responder e quando olho para April, ela parece chocada com a pergunta de Hayden.

O rapaz, no entanto, está alheio a tudo o mais, completamente concentrado no homem que disse, quando foram apresentados, que

considerava uma espécie de mentor, mesmo sem conhecer pessoalmente.

O grego estava levando a taça com água aos lábios, mas a pousa novamente em cima da mesa, parecendo pensar em como responder.

E então, ele une as mãos e dá um sorriso.

Eu o conheço há muitos anos e sei que não é de felicidade.

É uma mistura de ironia e desprezo.

— Sempre — finalmente responde e depois continua: — E de um hacker para outro, garoto: você quase conseguiu me enganar.

É como se os dois estivessem participando de uma conversa em código, mas aos poucos, eu consigo entender as peças do quebra-cabeça finalmente se unindo.

— Isso foi um elogio? — Hayden pergunta, parecendo encantado.

Eu franzo a testa enquanto o observo.

Não há mais nada do rapaz tímido ou inseguro em sua expressão. Ele parece relaxado e até mesmo arrogante.

— Foi. Eu não tenho dúvidas de que em outro cenário, o levaria para a minha empresa.

— Teria que ser uma boa oferta — o irmão de April retruca, parecendo ignorar a parte em que Odin disse “em um outro cenário”.

— Por quê? — pergunto.

— Eu sou grego — Odin fala. — Dou muito valor à família. Se não podemos confiar em nosso próprio sangue, não podemos confiar em qualquer outra pessoa.

— O que está acontecendo, Kahraman? — April se volta para mim, parecendo nervosa.

Eu aperto sua mão por cima da mesa, mas não respondo. Ao mesmo tempo, sinto gosto de ácido na boca porque tenho certeza de que o mundo dela está prestes a desabar.

— Hayden — ela chama o irmão ao ver que não vou falar nada. — Por que o senhor Lykaïos o chamou de *hacker*? Eu sei o que é isso. Você não é um.

Primeiro, o garoto olha para ela sorrindo e naquele momento eu o odeio.

É um sorriso condescendente, maldoso, como se ele se considerasse ser superior à minha mulher.

— Porque eu sou um. O melhor. Nossa, que alívio finalmente dizer isso!

Nenhum dos meus sobrinhos está conosco. Foram brincar com as babás, então somos só adultos presentes e os membros da minha família não interrompem o embate entre os dois irmãos.

— E o que significa isso? Por que haveria de querer ser um?

— Eu não *quero* ser um. É só mais uma das minhas habilidades, bobinha.

O rosto dela se contrai, como se ficasse magoada com a maneira depreciativa com que seu irmão a trata. No momento, parece que os papéis se inverteram. Hayden perdeu toda aquela camada de subserviência.

Age com prepotência, seguro de si.

— Hayden, pode vir comigo à biblioteca um instante? Acho que precisamos conversar.

— Não. Estou cansado de suas conversas, irmã mais velha. Eu tive que aturar seus conselhos e boas intenções a vida inteira. É patética, April. Sempre tão boazinha, acreditando no melhor de mim.

Eu poderia interrompê-lo, mas não vou, porque acho que se ela não ouvir isso diretamente da boca do irmão, nunca vai acreditar.

Agora, eu vejo o quadro inteiro.

— Por que está agindo assim, Hayden? Esse não é você!

— Não? — debocha. — E acha que sabe quem sou? A única pessoa que me conhecia realmente está morta.

— Está falando da nossa mãe?

Ele revira os olhos.

— Sim, gênio, e como ela já está a sete palmos embaixo da terra...

— Eu o proíbo de falar assim dela. Como pode ser tão desrespeitoso?

Aperto sua mão outra vez.

— Deixe-o falar, April. Você precisa saber.

— Saber o quê, Kahraman?

— Finalmente, cunhado. Estava me perguntando quando entenderia, porque essa aí, é lenta.

Ninguém o interrompe. É como se minha família percebesse que precisamos deixá-lo protagonizar esse voo solo. Sua ruína.

— Hacker... — April repete. — Meu Deus, foi você quem enviou aquelas mensagens falsas para o meu telefone. Por quê?

— Por que *não*? — pergunta, dando de ombros. — Mas antes de chegarmos lá, deixa eu te contar como me diverti enquanto crescia vendo você se sacrificar para cumprir a promessa que fez a nossa mãe.

— O quê?

— Eu ouvi vocês naquele dia, irmã. Nossa pobre mãe moribunda achando que havia chance de me consertar.

— Consertar você? Ela me pediu que o amasse, apenas isso!

— Porque um dia antes, eu confessei a ela que sonhava todas as noites que vocês estavam mortos.

— O quê?

— Eu não consigo sentir, April. Nem amor, nem ódio. Eu vim com algum defeito de fábrica. Olhava nossa família e era como estar dentro de um filme, atuando o tempo todo, desde muito pequeno. Seu amor e o de mamãe não me emocionavam. O desprezo e o ódio do meu pai nunca me afetou. Eu sou um grande vazio.

— Você não é. Só está zangado e perdido.

— Não. Eu me encontrei. Eu esperei por anos até fazer dezoito e poder me libertar, eu tinha planos para um futuro maravilhoso. Então aquele incompetente do nosso pai perdeu tudo.

— Que tipo de planos? — ela pergunta, como se não estivesse certa de que quer mesmo uma resposta.

Ele se levanta.

— Você é insuportável, sabia? Sempre querendo saber dos detalhes, tentando me fazer ser perfeito. Até mesmo acreditou na

dívida do cassino!

— Você devia aquele dinheiro e eu já o paguei.

Corta meu coração a maneira como ela ainda tenta ver alguma coerência nas ações do pequeno filho da puta.

— Não. Aquilo foi um arranjo entre mim e Berat para obrigá-la a se casar com ele. Claro, o bastardo até então não havia me contado o motivo real de querer você: a conta no paraíso fiscal com milhares de dólares escondidos. Só fui descobrir quando esse aí — fala, fazendo um gesto de cabeça para mim —, foi investigar com a ajuda do meu mestre aqui, o grande Odin Lykaios, a vida de Berat.

— Hayden...

— Eu não acabei ainda, April. Calei-me a vida inteira. Eu não sou estúpido. Sabia desde o momento em que vi o grego entrando nessa casa hoje mais cedo, que havia sido apanhado, então agora apenas cale a boca e me ouça.

Eu quero parti-lo ao meio por ousar falar com ela dessa maneira, mas ao mesmo tempo, sou um crente com relação à dose única de veneno. April precisa conhecer a real face do irmão.

— Você mentiu para mim.

— O tempo todo, irmã. A cada bendito segundo de nossas vidas.

— Meu Deus! Por quê? E como teve coragem de se unir a Berat para me forçar a um casamento com um homem a quem detesto?

— Precisava de dinheiro. Berat estava disposto a me pagar se eu o ajudasse a se casar com você. Então você estragou tudo ao se envolver com Kahraman. Eu tinha que intervir. Foi tão fácil. Ele é desconfiado. Não gostava de nós. Quase deu certo. Teria dado, se você não estivesse grávida.

— Não — interrompo. — Você se acha muito inteligente, Hayden, mas talvez, por ser incapaz de sentir, não consiga aquilatar o tamanho do meu amor por April. Eu nunca desistiria até descobrir de onde partiram aquelas mensagens. Eu ia pegar você mais hora, menos hora.

— Ah, o amor... — debocha, rindo. — Desconheço. De qualquer modo, quando descobri que estava grávida, mudei meus planos com relação a Demirci. O dinheiro que ele possui é uma gota no oceano perto do dos Aydin. Eu resolvi mirar mais alto. Fui o irmão protetor. Ajudei a reunir os dois pombinhos, mas preciso dizer que você é teimosa, irmã, então precisei dar mais um empurrãozinho.

— Do que está falando?

— Demirci não desconfiou que eu o estava manipulando quando lhe disse para ir na floricultura. Eu contei que estava grávida e sabia

que ele iria atrás de você como um louco, porque se se casasse com Kahraman, os planos dele de colocar a mão no dinheiro iriam para o inferno.

— Você está louco, Hayden.

— Não. Sou o mais lúcido dessa mesa. O mais inteligente também — completa e depois diz a Odin: — Sem ofensa, mestre. Bem, todos precisam concordar que foi um plano perfeito. Kahraman saiu atrás de você como um cavaleiro de armadura brilhante, querendo defender a mulher e o filho. E você, minha frágil irmãzinha, se rendeu ao amor. Como podem ver, além de cupido, fui um grande estrategista.

— Não era o fim. Você tinha outros planos. Nunca se contentaria em ser apenas um agregado dos Aydin. Gozando de luxo, mas jamais do seu próprio dinheiro — Odin fala.

Hayden sorri.

— Está aí porque esse é considerado um dos homens mais inteligentes do mundo. — Ele dá um grande gole na água, como se estivesse com a boca seca de tanto falar. — Não, meus planos não eram apenas ficar às custas de magnatas turcos para sempre. Eu tinha um bem valioso. Para quem vocês acham que minha irmã

deixaria a guarda do filho ou filha caso sofresse um... digamos, *acidente* com o marido?

Eu olho para o lado e vejo April chorando. Não é um pranto estrondoso. É sentido, fruto de mágoa, choque e decepção.

— Você planejava nos matar — diz.

— E o fedelho também. Eu ia herdar toda a parte dele, como tio e guardião. Mataria dois coelhos em uma cajadada só, com o perdão do trocadilho rude. Ia ficar muito rico e me livrar do seu amor pegajoso e superprotetor, irmã. Fim da história.

— Acha mesmo que minha família permitiria que ficasse com a guarda do meu filho? — intervenho. — Não importa o que April determinasse no testamento, eles nunca deixariam que meu herdeiro fosse criado longe de seus olhos. Disse que minha mulher é patética? Não, você é, Hayden.

Eu não estou provocando-o porque sinto raiva. Já entendi que está completamente insano. O que quero é que se mostre completamente. Apesar do que disse, ele ainda tenta vestir a roupagem de falso bom menino que usou a vida inteira.

— Então, eu teria que matar a todos.

— Pare com isso — April diz, se levantando. — Não vê o quão demente soa?

— Cale a boca. Não sabe nada sobre mim. Eu odeio você e sua perfeição, April. Pare de tentar me consertar. Não entendeu o que eu disse? Eu queria te ver morta. Eu *ainda* quero. — Ele dá um passo para frente e apenas o fato de eu ter um reflexo rápido o impede de conseguir seu intento.

Jogo-me sobre ela, tirando-a da mira dele no exato momento em que Hayden lhe arremessa uma faca de carne afiada.

Eu vejo uma comoção e sei que meus irmãos o estão detendo, mas minha única preocupação é com ela, que desmaiou em meus braços.



Horas depois, quando saio do quarto em que a deixei repousando, encontro toda a família reunida na sala.

Eu chamei um médico, que aferiu sua pressão e a examinou, constatando que apesar da tristeza, estava tudo bem.

— Eu não sei o que dizer, filho — minha mãe fala, vindo me abraçar.

Todos estão em silêncio. Até mesmo Malu, sempre faladeira, mantém-se quieta no colo de Emir.

Hayden foi levado para uma clínica psiquiátrica, completamente fora de si.

Ele tentou lutar com cinco paramédicos e com meus irmãos. O corpo franzino como se tivesse recebido uma carga extra de energia advinda da loucura.

Ele foi entregue a uma equipe médica competente para receber um diagnóstico mais apurado. Contratei-os para cuidar de seu caso e quando April estiver melhor, conversaremos a respeito.

— Não há nada a ser dito, mãe.

— Eu sinto muito estragar o jantar de vocês, senhora — Odin se desculpa.

— Não por isso, meu filho. O que aconteceu hoje foi a maior prova de que nunca conhecemos alguém realmente.

— No caso dele, o garoto é completamente insano, mãe — Cenk diz. — O que chamam de sociopata, eu acho. Ele mesmo afirmou que não consegue sentir nada.

— Meu Deus, ele planejava matar Kahraman, assim como a própria irmã.

— E a criança depois. Alguém sem consciência ou escrúpulos. Capaz de chegar às últimas consequências para conseguir o que deseja.

Depois que todos se vão, volto o nosso quarto em que ela está.

Tiro a roupa e me deito atrás dela. Quando passo o braço por baixo de sua cabeça, percebo que o rosto está molhado de lágrimas.

— Por que, Kahraman? Por que ele é assim?

— Nunca vamos saber ao certo, April.

Ela se volta em meus braços para me encarar.

— Como eu pude me enganar tanto?

— Eu não sei muito a respeito de sociopatas, meu amor. Os médicos poderão nos explicar melhor, mas acredito que fingir é uma habilidade deles. Sejam sentimentos ou emoções.

— E mesmo com tudo o que descobri, eu ainda o amo.

— Eu sei. Ninguém deixa de amar assim, de uma hora para outra.

— Mas eu o desprezo também. Faz sentido?

— Sim. Você é humana. Está se sentindo traída porque passou a vida inteira cumprindo uma promessa que, no fim, se mostrou inútil. Sua mãe errou, April. Se ela descobriu como ele era, deveria ter

contado para o marido para que buscasse ajuda. Não podia ter jogado a responsabilidade sobre seus ombros.

— Porque por mais que eu me dedicasse a ele, não adiantaria nada, né?

— Sim, não adiantaria. Não era amor o que ele precisava, era ajuda psiquiátrica. Seu amor seria um bônus, mas nunca a cura.



Capítulo 52

Grécia

Casamento de Kahraman e April

Três meses depois

— Eu acho tão romântico casamento na Grécia — Ophelia diz sorrindo e terminando de ajeitar as flores no meu cabelo.

— E ainda mais que tem a ver com a história de vocês, né? — Malu completa.

Elas têm feito de tudo para fazer com que a minha gravidez seja feliz. Se antes eu não tinha amigas, ganhei nas minhas cunhadas duas de uma só vez.

A partir do dia em que minha vida mudou, quando descobri que não fazia a menor ideia de quem era o rapaz que cresceu ao meu lado, a família de Kahraman tem me tratado como se eu fosse feita de cristal.

Para quem sempre precisou cuidar de alguém por toda a existência, ser cuidada é uma experiência nova.

Confiar em pessoas que não são do meu próprio sangue, também.

Nas primeiras semanas depois que foi internado na clínica psiquiátrica, eu vivi meio que dentro de um transe. Não conseguia pensar no que aconteceu, eu não tinha vontade de sair da cama.

Preocupado, Kahraman contratou uma psicóloga para me atender em casa e desde então tenho me consultado com ela.

Eu levei um tempo até realinhar minha mente. Até ter coragem de revisitar meu passado e principalmente, olhar para o futuro.

Comecei a fechar portas, também.

Fui aos Estados Unidos ver meu pai e disse a ele tudo o que guardava por anos: sobre seu abandono emocional; sobre como me usou em suas negociações com Berat; e que principalmente eu tinha tomado uma decisão. Estava desistindo dele.

Kahraman me disse que contratou advogados americanos para auxiliar em sua defesa, e sei que faz isso por mim. Torço para que executem o melhor trabalho possível, mas não quero vê-lo nunca mais.

Eu não fui visitar Hayden ainda. Tenho o relatório semanal de como está indo seu tratamento, mas eu não tive vontade de vê-lo.

Dizem que o amor é o oposto do ódio, desse modo, seria de se esperar que eu o estivesse odiando agora, mas não. Eu só sinto um grande vazio.

Nem saudade, nem mágoa, nada.

E isso é ainda mais triste.

Hayden me machucou tanto, que se tornou uma parte oca dentro de mim.

Logo que me senti um pouco melhor, fiquei obcecada com a condição dele, que os médicos diagnosticaram como psicopatia, e fui pesquisar tudo o que poderia descobrir a respeito.

Eu li tantos artigos, assisti tantos vídeos com psiquiatras, psicólogos e até mesmo pacientes, que no fim, estava me sentindo uma especialista.

Tanto o sociopata quanto o psicopata sofrem de transtorno de personalidade antissocial, mas a sociopatia é desenvolvida durante a vida, por meio da educação, relações sociais ou traumas. Já a psicopatia é uma condição inata do indivíduo, ou seja, você não se torna um psicopata, nasce um.

A equipe médica dele conversou muito comigo também. Eles me explicaram que psicopatas podem ser educados, ter carreiras, relacionamentos sociais, mas são incapazes de criar laços reais

pois não sentem empatia, apego ou culpa. São predadores sociais, altamente manipuladores.

O comportamento é calculado, não se importam de ferir as pessoas ou se aproveitar dos outros.

Quando perguntei sobre o que Hayden contou com relação à intenção de matar a mim e a Kahraman e, no futuro, nosso filho, para ficar com a herança, eles me falaram que embora seja mais comum que os psicopatas se envolvam em fraudes do que em crimes contra a vida, a tendência à premeditação pode levá-los a matar para alcançar objetivos.

Descobri que a exemplo do que aconteceu com meu irmão, convivemos com psicopatas no dia a dia sem termos a menor ideia de quem são, mas que a maioria não comete crimes.

Eles consideram a condição de Hayden como extrema e de alto risco. Não há previsão de quando terá alta ou se um dia receberá. Na prática, o único crime que cometeu foi hackear meu telefone, mas partindo do que ele disse na casa de Zehra e depois, atirar a faca em mim, estava entrando em uma escalada perigosa, incluindo planos de assassinato.

— April?

Eu estava tão perdida em pensamentos que nem percebi que minhas cunhadas tinham saído e que agora só estamos eu e minha sogra aqui.

— Desculpe-me.

— Não permita que ele entre na sua cabeça no dia de hoje, minha filha — ela diz, adivinhando a razão do meu silêncio.

— Eu não deveria permitir que ele ocupasse minha mente dia nenhum. Eu fiz isso desde os dez anos de idade.

— Não deveria mesmo, mas somos humanos, não super-heróis. Mas hoje, aproveite apenas. Não faz bem a você ou ao bebê ficar tão triste.

— Eu sei. Estou tentando. Nós até começamos a montar o quarto do nosso filho essa semana. — Sorrio ao me lembrar que em breve vou estar com meu menino nos braços.

— Concentre-se na sua vida. Permita-se ser autocentrada. Relembrar do passado é necessário para não cometermos os mesmos erros, mas o presente determinará seu futuro. Viva-o intensamente.

— Eu sei. E preciso me livrar da mágoa também porque embora eu saiba que não é uma escolha dele ser assim, não consigo perdoá-lo.

— E nem precisa no momento. Dê-se o direito de sentir raiva. Chore e sofra. Odeie.

— Obrigada, Zehra — falo, abraçando-a. — Apenas depois que começamos a conviver foi que percebi como sentia falta de uma figura materna. De uma família de verdade.

— Somos verdadeiros até um pouco demais, né? Cheios de imperfeições.

— E quem liga para o perfeito? Eu quero o real.



Quando você cresce sem amor à sua volta, os sonhos comuns às pessoas, como casamento e filhos, não são algo que se permite cultivar.

Eu nunca pensei que se acontecesse, seria com o homem que se tornou o meu mundo. Eu achei que seria algo parecido com o que meus pais tiveram, sem grandes emoções.

Viver com Kahraman é como andar em um carrinho de montanha-russa. Poucos momentos de calma intervalados com descidas emocionantes e outras vezes, quedas bruscas.

Nós ainda brigamos. Combatemo-nos. Ficamos zangados um com o outro.

Algumas pessoas preferem a enseada. Eu gosto da tempestade e se eu pudesse dar um palpite, diria que ele também.

A paixão dos nossos desentendimentos se desenvolve na mesma intensidade do amor.

O mau gênio de ambos tem reflexo em um sentimento devotado, sincero, fiel e leal.

E agora, quando vejo-o caminhando em minha direção, descendo do pequeno altar montado para pouquíssimos convidados, percebo que não há uma cartilha de amor onde, se você seguir o passo a passo, conseguirá seu prêmio no fim.

Nós dois não seguimos manuais. Começamos ao contrário.

Odiamo-nos. Desejamo-nos e então, nos rendemos um ao outro.

— Eu te amo, Kahraman — falo quando ele se aproxima e me beija, atropelando o protocolo. — Eu deveria esperar para dizer isso depois do sim, mas nunca fomos aqueles que seguem regras.

— Eu gosto de regras, mas não no que diz respeito a nós dois. Com você, prefiro o caos, *aşkim*^[39]. Eu anseio por ele.



Capítulo 53

Lua de mel

— Você não se cansa de vir para cá? — pergunto, quando ela entra sorrindo na cozinha da nossa casa em Zarofu, enrolada em uma toalha e com outra na mão, secando o cabelo.

Eu a pego dela e tomo para mim a tarefa.

A família e os convidados já foram embora há alguns dias, mas pretendemos ficar ao menos mais dez.

Acho que essa ilha será para sempre a escolha de April. Ela ama o lugar.

Eu me sento em um banco alto, perto da bancada da cozinha e a coloco de costas, no meio das minhas pernas, enquanto seco os fios negros.

Eu nunca vou entender como ela consegue me excitar desse jeito. April está quase nua, sem maquiagem, cabelo pingando e ainda assim tenho certeza de que nunca vi ou verei mulher mais bonita na vida.

Eu tinha saído para ir à cidade porque ela estava com desejo de comer *baklava*^[40], que é uma sobremesa comum tanto no meu país quanto aqui na Grécia.

Planejei uma tarde preguiçosa de doces, filme e sexo, mas acabo de decidir que inverterei a ordem da programação.

— Não, por quê? — pergunta, alheia ao quanto seu cheiro de pele limpinha está me deixando louco. Ou como a bunda gostosa toca meu pau sem que se dê conta.

— Poderíamos ir para qualquer lugar do mundo. Conhecer outras ilhas, inclusive. Dessa vez, nem vai conseguir ir à praia. A água já está muito gelada nessa época do ano.

Como o desejo de April era se casar aqui na ilha, tivemos que criar toda uma estratégia para conseguir realizar a cerimônia ao ar livre e mesmo assim a festa teve que ser dentro de casa.

Nenhum de nós quis muitos convidados. Foram somente os mais íntimos mesmo. Fora da família, só poucos amigos, como Odin e sua esposa Elina.

— Sou do tipo que gosta do conhecido — diz. — Deixo a parte aventureira da minha vida para o nosso casamento.

— As nossas pequenas batalhas diárias, que dizer, né?

— Elas são divertidas — responde.

— Gosta de brigar, mulher?

Eu a faço se sentar no meu colo e mordo suas costas.

— Qual a resposta certa para conseguir mais disso que está fazendo?

Faço com que gire e fique de frente para mim.

— Solte a toalha, April.

Ela sabe, pelo meu tom, que estou morrendo de tesão, pois me obedece sem pestanejar.

Olho fascinado para os peitos dela. Tenho andado meio obcecado por eles, que estão muito maiores por causa do leite que se acumula para alimentar nosso filho dentro de alguns meses.

— Não de brigar, particularmente, mas gosto das pazes depois dos nossos confrontos. Trouxe meu doce?

— Sim, mas não vamos comer comida agora.

Ela sorri e anda até a sacola, retirando a bandeja.

— Ah, vamos sim. Só que eu tenho uma ideia melhor. Eu preciso de você nu também, marido. Eu quero, sim, a *baklava* — diz, abrindo o pacote com uma lentidão que testa todo o meu autocontrole —, mas eu quero comê-la em você.



Epílogo 1

Dia do Nascimento de Hamza

Assim como o nome que escolhemos para ele, que em turco significa “leão”, nosso filho, Hamza nasceu cabeludo como o pai.

Ele herdou o mesmo tom de pele de Aydin, mas tem os meus olhos, escuros como a noite.

Eu não consigo parar de encará-lo enquanto mama em meu peito e como se entendesse o quanto estou apaixonada, ele me olha de volta também.

Vão dizer que estou louca, mas poderia até mesmo jurar que ele sorriu para mim.

Eu levanto a cabeça e pego Kahraman nos observando. Sorrio, mas ele está sério enquanto caminha até a cama do hospital e beija minha boca e depois, a testa do nosso menino.

— Eu fechei muitos acordos ao longo da vida, minha April, mas nenhum deles me trouxe mais riqueza do que quando aceitei sua proposta. Eu te amo e amo nosso filho acima de tudo.

Eu não consigo falar.

Do último mês de gravidez em diante fiquei muito sensível e qualquer coisa me faz chorar.

Eu perdi tudo: minha mãe; um pai, que mesmo ausente, era o único que eu tinha e, finalmente, perdi aquele que por muito tempo foi a razão da minha vida.

Recebi de volta o amor que nunca desfrutei, no entanto.

Eu me sinto adorada pelo homem que eu escolhi para mim e agora tenho a benção e prova viva desse amor em meus braços.

— Eu nunca negocie. Estava despreparada para a vida, mas quando resolvi fazê-lo, tirei a sorte grande. Não recebi um milhão de euros quando propus aquele acordo. Eu me tornei a dona do mundo inteiro, marido.



Seis meses depois

Eu precisei de muito tempo para criar coragem para vir.

Meses se passaram antes que eu pudesse ficar frente a frente com o meu irmão outra vez e agora eu estou aqui, com meu marido ao

meu lado e alguns médicos vigiando Hayden.

Sinto vontade de chorar, mas mantenho meu rosto firme.

Fui muito orientada antes de entrar na sala. A equipe que cuida dele me explicou que ele tentaria me manipular, fazer com que eu sentisse remorso e culpa.

Recebo vídeos diários da atividade dele dentro da clínica e sei que está bem, dentro do possível.

Avisei ao meu pai, que foi condenado a somente cinco anos — uma pena pequena para quem acumula tantos crimes nas costas — o que aconteceu com Hayden.

A resposta que me deu é que sabia que o filho era um inútil.

Assim, facilmente, ele virou as costas para Hayden e mais uma vez, ele se tornou de minha exclusiva responsabilidade.

O cabelo do meu irmão cresceu e já não parece mais tão magro quanto antes. Ganhou corpo. Está musculoso. Mas agora, quando olho no fundo dos seus olhos, eu enxergo algo que não era capaz de ver antes.

O que eu confundia com timidez, percebo, é vazio. Não há calor ali. Não há vida. Ele só observa tudo e todos à sua volta, provavelmente pensando em como vai atuar para conseguir convencer seu interlocutor.

Foi algo que aprendi sobre a psicopatia. Os portadores dessa condição são como mímicos. Eles aprendem a representar. Fingir sentimentos.

Pena. Arrependimento. Tristeza. Amor.

— Eu senti tanta saudade, April.

A voz soa como o meu menino de sempre. Meu irmãozinho tão amado, mas eu obrigo-me a recordar que é o mesmo que falou que nos mataria por dinheiro.

Eu não respondo, então ele muda a estratégia.

— O bebê já nasceu, né? Eu gostaria de ver uma foto dele. Qual é o nome do meu sobrinho? Eu quero muito conhecê-lo. Acha que me deixariam ir à sua casa por uma vez que seja? Por favor, irmã, eu me sinto tão sozinho aqui!

Agora eu não consigo conter uma única lágrima que cai na minha bochecha.

Eu me levanto e falo para meu marido:

— Eu não posso fazer isso. Não ainda.

— Vamos embora, então.

— April, não pode me deixar aqui! Eu sou um bom garoto. Como pode me deixar aqui? April!

Do lado de fora da sala, eu desabo nos braços do meu amor.

— Ele me faz mal.

— Não venha mais.

— Não posso abandoná-lo.

— Mas precisará estar mais forte, então. Não pode adoecer em benefício dele. Nós precisamos de você inteira.

— Eu estou inteira, Kahraman. Eu consigo enxergá-lo como ele é e por isso mesmo sofro tanto.

— Permita-se mais tempo, então. Coloque-se em primeiro lugar.



Mais tarde, com meu filho em meus braços, sentada na cadeira de balanço do quarto dele, eu penso na consulta que fiz há cerca de uma hora com a psicóloga.

Precisei desabafar com alguém que fosse neutro e despejei toda a angústia que senti ao rever meu irmão.

Sem saber, ela me disse quase a mesma coisa que meu marido: que eu deveria respeitar meu próprio tempo. Curar-me primeiro antes de querer apoiar qualquer um.

Decidi que é isso o que farei.

A porta do quarto se abre e o bebê em meus braços resmunga como se sentisse a presença do pai.

Juntos, colocamos nosso filho no berço e depois ficamos observando o fruto do nosso amor.

— Eu não vou me apressar, Kahraman. Estou cansada de sentir culpa.

— Não importa o ritmo que escolher, *aşkim*^[41]. Eu estarei caminhando ao seu lado.



Epílogo 2

Quatro anos depois

— Não pode comer a flor, Azra! — meu primogênito diz à irmã de dois anos que sai correndo com um lírio branco, às gargalhadas, enquanto a babá vai à caça dos dois.

— Seu filho puxou o temperamento controlador do pai — April fala por trás do balcão de sua floricultura, que rapidamente se tornou a mais famosa de Istambul.

Ela a inaugurou quando Hamza fez um ano e embora não fique o dia inteiro porque faz questão de ter um tempo com nossos filhos, ela segue a rotina de vir à loja, conversar com os clientes e verificar como estão suas amadas flores.

No começo, eu resisti um pouco. Não consigo me esquecer de que o pai dela teve envolvimento com cartéis de drogas mexicanos.

Sou obcecado com a segurança da minha família, então o fato de April seguir uma rotina diária me deixa completamente paranoico.

Para alguém que a esteja observando, seria uma grande oportunidade.

Além dos seguranças regulares, que ela já conhece, Luther comanda um pequeno exército nos bastidores para tomar conta da minha mulher e filhos.

Jim, o infeliz do meu sogro, está sofrendo novas acusações, então é improvável que saia quando completar os cinco anos da pena, como todos pensaram inicialmente.

Ele nunca mais tentou entrar em contato com a filha e apesar de não tocar no assunto, eu sei que há dentro dela essa pequena rachadura: April não tem mais ninguém do seu passado.

Somos o seu mundo.

Há cerca de seis meses, Hayden tentou manipular uma jovem residente que fazia parte da equipe médica dele e quando ela não se deixou levar por sua interpretação de bom rapaz, em uma crise de fúria, atentou contra a vida da moça.

Ele só não a matou porque foi contido a tempo.

O meu cunhado passou de interno em uma clínica para um criminoso aguardando julgamento. Conversei com os advogados que estou pagando para defendê-lo e eles me disseram que a condenação é certa, porém, é provável que cumpra a pena em um hospital psiquiátrico.

Nada nem comparado ao lugar em que estava. Ele não será mais paciente. Será prisioneiro.

A tentativa dele de matar a moça me mostrou que as ameaças que nos fez há alguns anos, no jantar no qual Odin o desmascarou, não foi um blefe, fruto de um momento de raiva. A violência nele é real e só está à espera para vir à superfície.

April recebeu a notícia do que ele tentou fazer com a residente com muito mais equilíbrio do que teria feito há alguns anos. Ela finalmente entendeu que a condição de Hayden não é culpa sua e que ele nunca poderá viver entre nós novamente. Meu cunhado não representa somente um perigo para a irmã ou para os meus filhos, e sim, para toda a sociedade.

— Kahraman? — ela chama e apenas pelo tom sei que fui pego em flagrante.

Quando você é apaixonado por alguém ao ponto da loucura como somos um pelo outro, não consegue esconder nada dessa pessoa.

Eu diria que, atualmente, April me conhece melhor do que minha mãe e irmãos.

— Controlador é meu nome do meio, mulher — falo, respondendo seu comentário e tirando a tesoura que estava usando para finalizar um laço de sua mão.

Eu a puxo para um abraço apertado.

— Não era isso que estava pensando.

Dou um beijo em sua testa.

— Não.

— Conte-me.

— Eu estava pensando que é provável que esse ano eu saia na Forbes como o homem mais rico do mundo.

Ela sorri, balançando a cabeça.

— Você odiaria esse tipo de publicidade. Também não era isso. Diga a verdade.

— Eu estava pensando na nossa família — confesso, sem revelar completamente em que sentido.

Apesar de tudo, comentar sobre Hayden sempre a deixa triste.

Eu vejo que não acredita completamente, mas não insiste. Fica na ponta dos pés e me beija a boca.

— Forbes, né?

— Sou o mais rico, sem dúvida. O tesouro que possuo é inestimável, *bitanem*^[42].

— Nós três somos inestimáveis? Sim, nós somos. Ou seria melhor dizer... — ela pausa — nós quatro?

— Mais um?

— Mais um.

— Sou o mais rico, sem dúvida. Nenhum homem conseguirá jamais alcançar a minha fortuna, esposa.

Fim!

Não deixem de ler na página seguinte o bônus do livro 3 da presente série.



Bônus

Ela me foi prometida e alguns diriam até mesmo que nasceu para mim, sob encomenda.

Uma noiva com quem nunca estive e que fora algumas fotografias do meio da adolescência, não faço ideia de como se parece atualmente.

O contrato que firmei não tem a ver com amor. Diz respeito à honra.

Kadri até agora, para mim, não passava de um nome, um compromisso. Eu não precisaria me casar até que ela fizesse vinte anos, mas então, uma tragédia se abateu sobre sua família e eu me tornei seu responsável legal, antes mesmo de oficializarmos um compromisso pessoalmente.

Eu sou o tutor da minha futura mulher.

Eu não quero conviver com a quase adolescente ainda. Ela representa o fim da minha liberdade.

Entretanto, quando finalmente estamos frente a frente, eu percebo que talvez tenha subestimado o poder do destino.

Obras da Autora

Seduzida - Muito Além da Luxúria (Livro 1 da Série Corações Intensos)

Cativo - Segunda Chance (Livro 2 da Série Corações Intensos)

Apaixonada - Meu Para Sempre (Livro 3 da Série Corações Intensos)

Sedução no Natal - Conto (Spin-off de Seduzida e Cativo)

Imperfeita - O Segredo de Isabela (Livro 4 da Série Corações Intensos)

Isolados - Depois que Eu Acordei (Livro 5 da Série Corações Intensos)

Nascido Para Ser Seu (Livro Único)

168 Horas Para Amar Você (Livro Único)

[Sobre Amor e Vingança \(Livro 2 da Duologia Primos Lykaios\).](#)

[168 Horas Para o Natal \(Conto de Natal - Spin-off de 168 Horas Para Amar Você\).](#)

[Uma Mãe para a Filha do CEO \(Livro 1 da Série Irmãos Oviedo\).](#)

[A Protegida do Mafioso \(Livro que deu origem à série Alfas da Máfia\).](#)

[O Dono do Texas \(Livro 1 da Série Alma de Cowboy\).](#)

[Um Bebê Por Contrato \(Livro 2 da Série Irmãos Oviedo\).](#)

[A Obsessão do Mafioso \(Livro 1 da Série Alfas da Máfia\).](#)

[Uma Família Para o Cowboy \(Livro 2 da Série Alma de Cowboy\).](#)

[A Esposa Contratada do Sheik \(Casamento de Conveniência\).](#)

[Como Domar um Mulherengo \(Livro 3 da Série Irmãos Oviedo\).](#)

[Um Anjo Para o Mafioso \(Livro 2 da série Alfas da Máfia\).](#)

[O Herdeiro do Cowboy](#) (Livro 3 da Série Alma de Cowboy).

[Um Bebê Para o Italiano](#) (Livro que deu origem à série
[Feitiço Italiano](#)).

[Sob a Proteção do Bilionário](#) (Livro 2 da Duologia Seduza-
[me](#)).

[Bastardo Apaixonado](#) (Livro 4 dos Irmãos Oviedo).

[Proibida Para o Cowboy](#) (Livro 4 da Série Alma de Cowboy).

[A Eleita do Grego](#) (Livro 1 da Duologia Primos Lykaios).

[Destinada ao CEO](#) (Spin-off Irmãos Oviedo – A História de
[Isabel e Stewart](#)).

[A Princesa Seduzida pelo Magnata](#) (Spin-off de [A Esposa
Contratada do Sheik](#)).

[A Esposa Inocente do Mafioso](#) (Livro 3 – Série Alfas da
[Máfia](#)).

[A Mãe da Minha Menina](#) (Irmãos Oviedo – Livro 5).

[Seduzida Por Contrato](#) (Irmãos Kostanidis – Livro 1).

[Sob o Domínio do Mafioso](#) (Série Honra Irlandesa - Livro 1).

[Deliciosa Armadilha](#) (Livro 1 da série [Feitiço Italiano](#)).

Como Encantar seu Príncipe (Spin-off de Como Domar um Mulherengo).

Um Herdeiro para o Sheik (Spin-off de A Eleita do Grego).

O Devasso e a Viúva Virgem (Livro spin-off da série Alma de Cowboy).

Senador Gray – Meu Cowboy Protetor (Livro 5 da série Alma de Cowboy).

Tentadora Confusão (Série Acordo com o Cupido – Livro 1).

Arrogante Rendido (Série Deuses de Branco – Livro 1).

A Filha do Inimigo do Mafioso (Livro 4 – Série Alfas da Máfia).

Imprevisível Perfeição (Série Uma Esposa para o meu Pai– Livro 1).

Nas Mãos do Magnata (Série Bilionários Turcos – Livro 1).

A Garota Inocente do Bad Boy (Brutos Sedutores – Livro 1).

Desejada pelo Pecador (Duologia Seduza-me – Livro 1).

Destinada ao Grego (Irmãos Kostanidis – Livro 2).

A Tentação Inocente do Mafioso (Série Honra Irlandesa – Livro 2).

A Bela dos Mafiosos (noveleta spin-off do livro 2 da Série Honra Irlandesa).

Indomada Irresistível (Livro 2 da série Feitiço Italiano).

Todos os Natais até encontrar Você (Prequela da série Corações Intensos).

**A Paixão Inesperada do Herói(Livro que dará origem à
série Fardados e Dominadores).**

**Proteção – O Jogador e a Herdeira (Livro 1 da série Field
Kings).**

**Acordo com o Magnata (Série Bilionários Turcos – Livro 2)
(Livro 1 da série Coração de Cowboy)**

Papo com a Autora

Espero que tenham apreciado acompanhar o romance do nosso turco orgulhoso Kahraman e sua April.

Eu nunca escondi que amo histórias de gato e rato e April é o tipo de protagonista que vai roubando nossos corações aos poucos.

Já o magnata... ah, eu adoro um ogro rendido.

Como viram pelo bônus, o próximo livro, e penúltimo desta série é de Qasim e a noiva que ele não conhece pessoalmente.

Um beijo e até a próxima aventura.

D. A. Lemoyne

Interaja com a autora através de suas redes sociais

[GRUPO DE LEITORES NO FACEBOOK](#)

[FACEBOOK](#)

[INSTAGRAM](#)

[PÁGINA COM TODOS OS LIVROS DA AUTORA](#)

SOBRE A AUTORA

D. A. Lemoyne iniciou como escritora em agosto de 2019 com o livro Seduzida, o primeiro da saga Corações Intensos. De lá para cá, foram várias séries de sucesso como Alma de Cowboy, Irmãos Oviedo, Alfas da Máfia, dentre outras, além de duologias e novelas.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua “biblioteca” particular, que ficava em um quarto dos fundos do seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros, a senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Brasileira, mas vivendo atualmente na Carolina do Norte, EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos, e os heróis apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredita no amor, e ler e escrever são suas maiores paixões.

Contato: dalemoynewriter@gmail.com

[1] Refere-se a alguém que tem “boa mão” para cultivar plantas.

[2] É uma sociedade de vendas por leilão com sede na cidade de Londres. Fonte: Wikipédia.

[3] É uma expressão medieval que designa o cálice supostamente usado por Jesus Cristo na Última Ceia. Fonte: Wikipédia.

[4] O personagem, mesmo já morto ao iniciar a presente série, é mencionado nas obras anteriores também.

[5] Empresa fictícia, criada para o livro e mencionada nas obras anteriores.

[6] Protagonista de Nas Mãos do Magnata.

[7] Essa menção é apenas para fim do contexto, mas já foi revelada no livro 1 da presente série e não é relevante para a presente obra.

[8] Ambos os personagens protagonistas de Tentadora Confusão, livro que deu origem à presente série.

[9] No fim do livro Nas Mãos do Magnata, a esposa de Cenk recebe um título de nobreza.

[10] Modo pejorativo de se referir aos Estados Unidos.

[11] Licor derivado da uva, com sabor de anis e que é considerada a bebida nacional da Turquia. Fonte: Wikipédia.

[12] Universidade fictícia que é mencionada na série Field Kings.

[13] O famoso banho turco, o hammam é um local de banho em uma sauna úmida. Consiste em permanecer em um ambiente quente e cheio de vapor. Depois de algum tempo, o banhista mergulha em água fria ou quente. Fonte: Wikipédia.

[14] Protagonista de Tentadora Confusão. Esse fato é narrado no livro referido e não tem relevância para a atual obra, sendo citado apenas para fins de contexto.

[15] Esse fato é narrado no livro Nas Mãos do Magnata e não tem relevância para a atual obra, sendo citado apenas para fins de contexto.

[16] Refere-se à arquitetura do Império Otomano. É parte da arquitetura histórica turca. Os otomanos tornaram-se mestres na técnica de construir vastos espaços anteriores, que apesar da dimensão, aparentam leveza, com abóbadas, cúpulas e colunas. Fonte: Wikipédia.

[17] Obrigada.

[18] Boa tarde.

[19] Meu anjo.

[20] Seria algo parecido com uma esfiha no Brasil, recheada de queijos.

[21] Significa literalmente, “para o bem”, mas na prática advocatícia é quando prestam o serviço de graça. São causas muito específicas, para clientes sem condições de arcar com as despesas de uma ação judicial.

[22] Recursos Humanos.

[23] Boa noite

[24] Nome fictício criado para a presente série.

[25] Baby.

[26] Meu anjo.

[27] Protagonista de Como Encantar seu Príncipe.

[28] Está tudo bem?

[29] Sim. Desculpe-me.

[30] Lenço para cobrir a cabeça que as mulheres mulçumanas usam.

[31] Aqui estou usando de licença literária para criar uma situação. Mesmo com alta tecnologia, a monitoração de palavras-chave é muito mais complexa e geralmente ocorre em e-mails e não em troca de mensagens.

[32] Além de templo religioso, é também uma das maiores atrações turísticas da Turquia.

[33] Protagonista de Sobre Amor e Vingança.

[34] Uma espécie de esfiha aberta turca, assada em formato oval e recheada com carne moída.

[35] Ilha fictícia, criada para o livro.

[36] Meu amor.

[37] Case-se comigo.

[38] Minha vida.

[39] Meu amor.

[40] Sobremesa de massa folhada, nozes ralada e mel.

[41] Meu amor.

[42] Minha única.